

# Quatro Yogas de Auto-Realização



**Swami Vivekananda**

## PREFÁCIO

O Hinduísmo, que é a religião mais completa do mundo, pela universalidade de sua estrutura ético-filosófica e amplitude de seu estrito de união e tolerância, oferece a seus adeptos quatro caminhos (Margas) fundamentais de libertação individual, mais conhecida entre os cristãos como salvação. São denominados Karma-marga, a caminho da ação ou das obras; Jnana-marga, o caminho do conhecimento; Bhakti-marga, o caminho da devoção ou amor a Deus, e Dhyana-marga, o caminho da meditação, Marga também se aplica como sinônimo de Yoga, termo mais em voga no Ocidente, e mais generalizado na Índia para designar uma de suas seis escolas filosóficas fundada pelo famoso Rishi Patanjali.

Uma das características notáveis do Hinduísmo, e que geralmente se considera uma das principais responsáveis pela longa sobrevivência dessa religião milenar, é a ampla liberdade intelectual que outorga a seus adeptos em matéria de crença ou mesmo descrença numa Divindade Suprema, que todavia ali se considera imanente' em toda a natureza. Nessa conformidade, o hinduísta tem plena liberdade de pensar, contanto que sua conduta seja ortodoxamente hinduísta em seus princípios fundamentais. Da; as suas seis escolas filosóficas, das quais três baseadas no Espírito e três na Matéria, porém todas visando o aperfeiçoamento individual através da auto-realização. Daí os seus quatro Margas ou métodos individuais de auto-aperfeiçoamento. Daí também o seu sistema de castas, hoje anacrônico e quase obsoleto ali, porém que em passado remoto teve sua motivação, para efeito de educação, preparação e integração social. São as castas dos Brâmanes, os sacerdotes e instrutores; dos Kshatriyas, os militares e estadistas; os Vaishyas, os comerciantes e agricultores; e os Rudras, os servidores ou artesãos. Essa divisão ainda hoje subsiste em todo o mundo e em toda a sociedade, porém sem a rigidez de outrora.

Swami Vivekananda, brilhante expoente da escola filosófica Vedanta, uma das seis e a mais elevada do sistema hindu, é um magnífico expositor da cultura hinduísta. E sabe fazê-lo com extraordinária maestria de quem vive e domina perfeitamente o assunto, e num estilo elegante, claro e enriquecido de ilustrações com exemplos os mais oportunos e sugestivos. Nesta obra ele expõe sinteticamente esses famosos quatro caminhos ou métodos de auto-aperfeiçoamento, numa linguagem ao alcance de todos, de sorte que todos possam estudá-los, e uns poucos, os mais práticos ou decididos, possam experimentá-los e adotar aquele que melhor lhes convenha, consoante sua natureza e tempo disponível.

Por certo os métodos não são iguais entre si, pois visam sobretudo a natureza do indivíduo, e suas necessidades e possibilidades. Os métodos do conhecimento e domínio da mente exigem mais estudos e meditação, ao passo que os métodos do serviço altruísta e amor a Deus requerem mais prática do que teoria. Os exercícios específicos de cada um deles variam, porém é a mesma a finalidade de todos eles: levar o estudante e o praticante a um estado de libertação que se lhe traduz em paz e felicidade como também o preparam e fortalecem para enfrentar os momentos mais cruciais de sua vida.

Um ponto, porém, o autor procura tornar bem claro: é que se os métodos diferem, não divergem entre si, mas, antes, completam-se e auxiliam-se em alguns pontos e circunstâncias da vida. E isso é muito lógico, pois não pode haver teoria eficaz sem a colaboração e comprovação da prática, nem prática inteligente se divorciada de estudos e meditação. Há, portanto, uma mútua interdependência, e se houver uma conjugação da teoria com a prática, os meios se tornarão mais fáceis e os resultados mais rápidos e seguros.

Tal é o escopo desta síntese, que é um real compêndio de auto-realização místico-filosófica posto a serviço dos que aspiram aprofundar a solução de seus problemas internos, e assim experimentar e estabelecer em si aquela "paz que ultrapassa o entendimento", de que tanto nos têm falado os místicos e yogues.

## **Auto-realização através do conhecimento (Jnana-Yoga)**

Primeiro, a meditação deve ser de natureza negativa. Pensai em tudo e analisai tudo quanto vier à mente pela pura ação da vontade.

A seguir, analisai o que realmente somos - Existência, Conhecimento, e Bem-aventurança - Ser, Saber e Amar.

A meditação é o meio de unificação do sujeito com o objeto.

Meditai: Acima está cheio de mim, abaixo está cheio de mim, no meio está cheio de mim.

Eu estou em todos os seres, todos os seres estão em mim Om Tat Sat, Eu sou Isso. Eu sou a existência acima da mente Sou uno com o Espírito do Universo. Não sou prazer nem dor.

O corpo bebe, come, e tudo o mais, Eu não sou o corpo. Não sou a mente. Sou Ele.

Eu sou a testemunha. Eu olho. Quando vem a saúde eu sou a testemunha. Quando vem a doença eu sou a testemunha.

Eu sou Existência, Conhecimento, Bem-aventurança.

Eu sou a essência e o néctar do conhecimento. Através da eternidade eu não me modifico. Sou calmo, resplandecente, imutável.

### **Primeira parte**

Assim, o homem, depois de suas buscas vãs de vários deuses, completa o ciclo e descobre que ,o Deus imaginado por ele como sentado no céu, governando o mundo, é seu próprio Eu. Nenhum outro, a não ser o Eu, era Deus, e o Pequeno "eu" jamais existiu.

Desde os tempos mais recuados houve várias seitas espalha das pela Índia, e, como nunca existiu uma igreja formulada ou reconhecida, ou corporação de homens para designar em cada escola doutrinas sobre o que se deveria acreditar, as pessoas tinham liberdade de escolher suas próprias fórmulas, fazer sua própria filosofia e estabelecer suas próprias seitas.

A primeira escola de que vos falarei é chamada escola dualística. Os dualistas acreditam que Deus, Criador e Governador do universo, está eternamente separado da natureza, eternamente separado da alma humana. Deus é eterno, a natureza é eterna, e eternas são todas as almas. A natureza e as almas manifestam-se e mudam, mas Deus permanece o mesmo. Segundo os dualistas, Deus é pessoal, pelo fato de ter qualidades, não por ter um corpo. Tem atributos humanos. É misericordioso, justo, poderoso, onipotente; podemos nos aproximar d'Ele, orar para Ele, amá-Lo. Ele retribui o amor, e assim por diante. Numa palavra, é um Deus humano, apenas infinitamente maior do que o homem, sem qualquer dos defeitos que o homem tem. Não pode criar sem materiais, e a natureza é o material do qual Ele se serve para criar todo o universo.

A vasta massa do povo da Índia é dualista. Todas as religiões da Europa e da Ásia Ocidental são dualistas: têm de ser dualistas. O homem comum não pode pensar em coisa alguma que não seja concreta. Gosta, naturalmente, de agarrar-se ao que o seu intelecto apreende. Essa é a religião das massas, em todo o mundo. Acreditam num Deus inteiramente separado delas, um grande rei, um poderoso monarca, por assim dizer. Ao mesmo tempo, fazem-no mais puro do que os monarcas de Terra; dão-lhe todas as boas qualidades e removem dele todos os defeitos, como se fosse possível o bem existir sem o mal, ou qualquer concepção de luz sem a concepção das trevas!

Eis a primeira dificuldade no que se refere às teorias dualísticas: como é possível que sob a direção de um Deus justo e misericordioso haja tantos males no mundo? Essa pergunta se ergue em todas as religiões dualísticas, mas os hindus jamais inventaram Satã para dar uma resposta a tal indagação. Os hindus concordam em lançar a culpa sobre o homem, e é fácil para eles fazer isso. Por quê? Porque não acreditam que as almas tivessem sido criadas do nada.

Vemos, nesta vida, que podemos modelar e formar nosso futuro. Cada um de nós, todos os dias, está tentando modelar o amanhã. Hoje, fixamos o destino do amanhã; amanhã fixaremos o destino do dia seguinte, e assim por diante. É bastante lógico que esse raciocínio seja empregado também para o tempo pregresso. Se pelas nossas ações modelamos nosso destino no futuro, por que não aplicar a mesma regra ao passado? Se, numa corrente infinita, um certo número de elos são alternadamente repetidos, e se um desses grupos de elos pode ser explicado, poderemos explicar toda a cadeia. Assim, nessa infinita extensão de tempo, se podemos seccionar uma porção dele, e explicá-lo, e compreender essa porção, podemos, se é verdade ser a natureza uniforme, dar a mesma explicação à toda a corrente de tempo. Se é verdade que estamos trabalhando nosso próprio destino, aqui, neste pequeno espaço de tempo, se é verdade que tudo deve ter uma causa, como vemos agora - deve ser verdade, também, que o que somos agora é o efeito de todo o nosso passado.

Portanto, não se faz necessário ninguém para modelar o destino da humanidade, a não ser o homem. Os males existentes no mundo são causados somente por nós mesmos. Nós causamos todos esses males, e assim como estamos constantemente vendo o sofrimento como resultante de más ações, podemos ver que nunca da angústia existente no mundo é efeito da maldade passada do homem. Só o homem, portanto, de acordo com esta teoria, é responsável. Deus não deve ser culpado. Ele, o Pai eternamente misericordioso, não deve absolutamente ser culpado. "Colhemos o que semeamos."

Outra doutrina dos dualistas diz que todas as almas devem, finalmente, alcançar a salvação. Nenhuma delas ficará do lado de fora. Através de várias vicissitudes, através de vários sofrimentos e prazeres, cada uma delas sairá, por fim. Sairá de quê? A idéia comum é a de que todas as almas têm de sair deste universo. Nem o universo que vemos e sentimos, nem mesmo um universo imaginário, podem ser o certo, o verdadeiro, porque ambos estão mesclados com o bem e o mal. Segundo os dualistas, há, para além deste universo, um lugar cheio de felicidade e de bem, apenas, e quando esse lugar for alcançado, não haverá mais necessidade de nascer e renascer, de viver e morrer, e essa idéia lhes é muito cara. Ali não há mais doenças, não há morte. Existirá uma felicidade eterna, e eles estarão na presença de Deus todo o tempo, e gozarão essa presença para sempre. Acreditam que todos os seres, do verme mais baixo até os mais altos anjos e deuses, atingirão, mais cedo ou mais tarde, o mundo onde não mais haverá sofrimento. Mas nosso mundo jamais terminará. Continuará a existir infinitamente, embora movendo-se em ondas. Embora movendo-se em ciclos, jamais terminará. O número de almas que devem ser salvas, que devem ser aperfeiçoadas, é infinito.

A verdadeira filosofia Vedanta começa com os que são conhecidos como não-dualistas qualificados. Declaram eles que o efeito jamais difere da causa; que o efeito é a causa reproduzida sob outra forma. Se o universo é o efeito e Deus é a causa, o universo deve ser o próprio Deus; não pode ser senão isso. Começam eles com a afirmativa de que Deus é, ao mesmo tempo, a causa eficiente do universo e seu Criador, e, ainda, o material do qual se projetou toda a natureza. A palavra "criação" de vossa língua, não tem equivalente em sânscrito, porque não há seita, na Índia, que acredite na criação, tal como ela é vista no Ocidente, isto é, algo que veio do nada. O que entendemos por criação é a projeção do que já existia.

Bem: o universo inteiro, de acordo com esta seita, é o próprio Deus. Ele é o material do universo. Lemos nos Vedas<sup>1</sup>:

"Assim como a aranha tece a linha tirada de seu próprio corpo, todo o universo, da mesma maneira, vem daquele Ser". Se o efeito é a causa reproduzida, a questão é a seguinte: como podemos achar que este universo ininteligente, bronco, material, foi produzido por um Deus que não é material, mas é inteligência eterna? Como, se a causa é pura e perfeita, o efeito pode ser tão diferente?

Que dizem esses não-dualistas qualificados? A teoria deles é muito peculiar. Dizem que os três - Deus, natureza e a alma - são um. Deus é, por assim dizer, a alma, e a natureza, e as almas são o corpo de Deus. Tal como eu tenho um corpo e uma alma, todo o universo e todas as almas são o corpo de Deus, e Deus é a Alma das almas. Assim, Deus é a causa material do universo. O corpo pode ser modificado - pode ser jovem ou velho, forte ou fraco - mas isso em nada afeta a alma. É a mesma existência eterna, manifestando-se através do corpo. Corpos vêm e vão, mas a alma não muda. Mesmo assim o universo inteiro é o corpo de Deus, e nesse sentido é Deus. Mas a mudança do universo não afeta Deus. Desse material Ele cria o universo, e ao fim de um ciclo Seu corpo se torna mais fino, contrai-se, e no início de outro ciclo torna-se novamente expandido, e dele emanam todos esses mundos diferentes.

Ora, tanto os dualistas como os não-dualistas qualificados, admitem que a alma é, por sua natureza, pura, mas, através de suas próprias ações, torna-se impura. Os não-dualistas qualificados expressam isso de uma forma mais bela do que os dualistas, dizendo que a pureza e a perfeição da alma se contraem e de novo se manifestam, e que o que estamos tentando fazer agora é a remanifestação da inteligência, da pureza e do poder que são naturais à alma. Cada má ação contrai a natureza da alma, e toda a boa ação a expande. E essas almas são, todas, parte de Deus. "Assim como do fogo violento voam milhares de faíscas da mesma natureza, desse Ser infinito, de Deus, essas almas vieram."

Todas têm o mesmo objetivo. O Deus dos não-dualistas; qualificados é também um Deus pessoal, só que interpenetra tudo no universo. É imanente em tudo e está em toda a parte, e quando as Escrituras dizem que Deus é tudo querem dizer que Deus interpenetra tudo, não que Deus se tornou uma parede ou que Deus está na parede. Não há uma partícula, não há um átomo do universo onde Ele não esteja. As almas são limitadas, não têm onipresença. Quando conseguem a expansão de seus poderes e tornam-se perfeitas, não há mais nascimento nem morte para elas, mas vivem em Deus para sempre.

Chegamos agora ao Advaitismo, a última e - assim a consideramos - mais bela flor da filosofia e da religião que qualquer país e em qualquer tempo já produziu, quando o pensamento humano atinge sua expressão mais alta, e vai mesmo além do mistério que parece ser impenetrável. É a Vedanta não-dualística. É demasiado complexa, demasiado elevada, para ser religião das massas. Mesmo na Índia, seu berço natal, onde tem governado, suprema, pelos três últimos milênios, não conseguiu permear as massas.

---

<sup>1</sup> Vedas: A palavra Veda, derivada da raiz sânscrita vid, conhecer, significa "suma do conhecimento" ou, segundo outra etimologia, "o conhecimento que em si mesmo contém a evidência da verdade" isto é, a "revelação". O conjunto dos ensinamentos hinduístas estão nos quatro Vedas principais: o Rig, o Iajur, o Sama, e o Atarva Veda. Não é fácil determinar a antiguidade dessas escrituras, mas é provável que os hinos originais do Rig-Veda remontem a uns dez mil anos antes de Cristo, sendo compilados no ano 4000 da era anterior ao Cristianismo.

Conforme continuamos, verificaremos o quanto é difícil mesmo para o homem ou a mulher mais considerados de qualquer país o compreender o advaitismo - pois nos fizemos tão fracos, pois nos fizemos tão baixos. Quantas vezes me pediram uma "religião que conforte"! Poucos são os homens que pedem a verdade, menor número ainda ousa estudar a verdade, e ainda mais insignificante é o total dos que ousam segui-la em todas as suas significações práticas. Não é culpa deles. Não passa de fraqueza do cérebro. Qualquer pensamento novo, especialmente de alta qualidade, cria uma perturbação, tenta fazer um novo canal, por assim dizer, na matéria cerebral, e isso desengonça o sistema, retira aos homens o seu equilíbrio. Estão habituados a certo ambiente e precisam dominar a massa imensa de velhas superstições, superstições ancestrais, superstições de classe, superstições da cidade, superstições do país, e, além de tudo, a vasta massa de superstições inata a todo o ser humano. Ainda assim há algumas almas corajosas neste mundo, que ousam conceber a verdade, que ousam recebê-la, e que ousam segui-la até o fim.

Que declaram os advaitistas? O seguinte: Se há um Deus, esse Deus deve ser ao mesmo tempo a causa material e eficiente do universo. Não só é o Criador, mas é também o criado. Ele próprio é este universo.

Como pode ser isso? Deus, o puro, o espírito, tornou-se universo? Sim, aparentemente é assim. Aquilo que todas as pessoas ignorantes vêem como universo, não existe, realmente. Que somos, vós e eu, e todas as coisas que vemos? Simples auto-hipnotismo. Não há senão uma Existência, a infinita, a sempre abençoada. Nessa Existência sonhamos todos esses vários sonhos. É o Atman<sup>2</sup> para além de tudo, o infinito, para além do conhecido, para além do concebível, e através disso vemos o universo. Essa é a única realidade. Ela é esta mesa, é a parede, é tudo, menos o nome e a forma. Retirai a forma da mesa, retirai-lhe o nome, e o que permanecer será a mesa. O vedantista não diz "ele" ou "ela", pois essas são ilusões, ficções do cérebro humano. Não há sexo na alma. As pessoas que estão sob a ilusão, que se tornaram como que animais, vêem a mulher ou o homem. Deuses vivos não vêem homens nem mulheres. Como podem vê-los, eles que estão para além de tudo que tenha idéia de sexo? Tudo e todos são Atman, o Eu - assexuado, puro, sempre abençoado. O nome, a forma, o corpo, é que são materiais, e fazem toda essa diferença. Se retirardes essas duas diferenças de nome e forma, todo o universo é um. Não há dois, mas um, por toda a parte. Vós e eu somos um. Não há natureza, nem Deus, nem universo - apenas uma Existência infinita, da qual, através de nome e de forma, todas essas coisas são manufaturadas.

Como conhecer o Conhecedor? Ele não pode ser conhecido. Como podeis ver vosso próprio Eu? Só podeis refletir vós mesmos. Assim, todo este universo é o reflexo desse ser eterno, o Atman, e como o reflexo tomba sobre bons ou maus refletores, também imagens boas ou más são adicionadas. Assim, no assassino o refletor é mau, e não o Eu. No santo o refletor é puro. O Eu, o Atman, é, por sua própria natureza, puro. É a mesma, a única Existência do universo, que se reflete desde o mais baixo verme até o mais alto e mais perfeito dos seres. O todo deste universo é uma unidade, uma Existência, fisicamente, mentalmente, moralmente, e espiritualmente. Estamos considerando essa Existência única em diferentes formas e criando todas essas imagens sobre Ela. Para o ser que se limitou às condições de homem, Ela aparece como o mundo do homem. Para o ser que está em plano mais alto de existência, Ela pode parecer como o céu. Há apenas uma alma no universo, não duas. Não vem, nem vai. Não nasce, não morre, não se reencarna. Como pode morrer? Para onde pode ir? Todos esses céus, todas essas terras, são vãs imaginações da mente. Não existem, jamais existiram no passado, e jamais existirão no futuro.

Eu sou onipresente, eterno. Para onde posso ir? Onde ainda não estou desde já? Estou lendo este livro da natureza. Página por página estou terminando-o, e voltando-as, e um por um os sonhos da vida se vão. Outra página da vida foi voltada, outro sonho da vida chega, e vai, rolando, rolando. E quando eu tiver terminado minha leitura, abandono-a e ponho-me de lado. Atiro fora o livro, e tudo estará terminado.

Que pregam os advaitistas? Destronam todos os deuses que já existiram ou existirão no universo, e colocam naquele trono o Eu do homem, o Atman, maior do que o Sol e a Lua, mais alto do que os céus, maior do que este próprio grande universo. Nenhum livro, nem escrituras, nem ciência, podem jamais imaginar a glória do Eu que aparece como homem - o Deus mais glorioso que já existiu, o único Deus que já existiu, existe, ou jamais existirá.

---

<sup>2</sup> Atman - Palavra da terminologia sânscrita, Alma Universal, Erfergia divina, que anima o ser do homem como o Sol anima a Terra. O Logos, no qual todas as coisas estão, e todos os seres do universo procedem. Deus onisciente, onipresente e onipotente.

Devo adorar, portanto, apenas o meu Eu. "Eu cultuo o meu Eu" - diz o advaitista. "Diante de quem devo-me curvar? Eu saúdo o meu Eu. A quem devo pedir auxílio? Quem pode me ajudar, a mim, o Ser Infinito do universo?" Esses são sonhos alucados, alucinações. Quem jamais ajudou alguém? Ninguém Onde virdes um homem fraco, um dualista, chorando e gemendo por auxílio vindo de algures, de cima dos céus, é porque ele não sabe que os céus também estão nele. Deseja auxílio dos céus, e o auxílio vem. Vemos que vem, mas vem de dentro dele própria, e ele se engana supondo que vem de fora. Às vezes, um doente jaz no leito e pode ouvir que batem à porta. Levanta-se, abre, e vê que ali não há ninguém. Volta ao leito e de novo ouve que batem. Levanta-se e abre a porta. Ninguém ali está. Por fim descobre que eram as pancas as de seu próprio coração que lhe pareciam pancadas na porta.

Assim o homem, depois de procurar em vão os vários deuses fora de si próprio, completa o ciclo e volta ao ponto do qual iniciou sua busca - a alma humana. E descobre que aquele Deus procurado sobre montes e vales, que buscava encontrar em cada livro, em cada templo, nas igrejas e nos céus, aquele Deus que ele imaginava sentado no paraíso, a governar o mundo, era seu próprio Eu. Eu sou Ele, e Ele é Eu. Só Eu era Deus e o pequeno "eu" jamais existiu.

Entretanto, como pode iludir-se esse perfeito Deus? Nunca o foi. Como poderia um deus perfeito estar sonhando? Nunca sonhou. A verdade jamais sonha. A própria indagação de onde surgiu essa ilusão é absurda. A ilusão surge apenas da ilusão. Não haverá ilusão desde que a verdade seja vista. A ilusão sempre repousa na ilusão, jamais repousa em Deus, na Verdade, no Alman. jamais estais em ilusão, é a ilusão que está em vós, diante de vós. Uma nuvem aqui está. Outra vem, expulsa a primeira e toma o seu lugar. Vem uma terceira, que por sua vez expulsa essa. Assim como diante do céu eternamente azul nuvens de várias tonalidades e colorações surgem, permanecem por um. pequeno espaço de tempo, e desaparecem, deixando o mesmo e eterno azul, vós sois, eternamente, puros, perfeitos.

Sois os verdadeiros Deuses do universo. Não, não há dois, só há' um. É um engano dizer "vós" e "eu". Sou eu quem está comendo através de milhões de bocas. Portanto, como posso ter fome? Sou eu quem trabalha através de um número infinito de mãos. Como posso estar inativo? Sou eu quem vive a vida de todo o universo. Onde está a morte para mim? Eu estou acolá da vida, acolá de toda a morte. Onde procurarei a liberdade, se sou livre por minha natureza? Quem pode constranger-me, a mim, o Deus do universo? As escrituras do mundo não passam de pequenos mapas, desejando delinear a minha glória, pois sou a única existência do universo. Então, que representam esses livros para mim? Assim fala o advaitista<sup>3</sup>.

"Conhece a verdade e liberta-te num momento. Toda a treva desaparecerá, então. Quando o homem se tiver visto como ..um- com o Ser infinito do universo, quando toda a separação cessar, quando todos os homens e mulheres, todos os deuses e anjos, todos os animais e plantas, e todo o universo, se tiverem desvanecido nessa Unidade, então o medo desaparecerá. Posso magoar-me? Posso matar-me? Posso injuriar-me? A quem posso temer? Podeis temer a vós mesmos? Então, todo o desgosto desaparecerá. Quem me pode causar desgosto? Eu sou a Existência única do universo. Então, todos os ciúmes desaparecerão. De quem terei ciúmes? De mim próprio? Então, todos os maus sentimentos desaparecerão. Contra quem terei maus sentimentos? Contra mim mesmo? Não há ninguém no universo a não ser eu.

Esse é o único caminho, dizem os vedantistas, para o conhecimento. Matai as diferenciações, matai essa superstição de que existem muitos. "O que está neste mundo de muitos, vê aquele Único. O que está nesta massa de inconsciência, vê aquele único Ser consciente. Quem está neste mundo de sombras, aprende aquela Realidade - e nela está a paz eterna e em ninguém mais, "em ninguém mais."

São esses os pontos principais dos três passos que o pensamento religioso hindu tomou em relação a Deus. Vimos que ele começou com um Deus pessoal, extracósmico. Foi do Deus externo para o Deus imanente no universo. E terminou identificando a própria alma com aquele Deus, e fazendo uma Alma, uma unidade, de todas essas várias manifestações do universo. Esta é a última palavra dos Vedas. O pensamento religioso hindu começa com o dualismo, passa através do não-dualismo qualificado, e termina em perfeito não-dualismo.

---

<sup>3</sup> Advaitista - Membro da escola filosófica da Índia, derivada de Vedanta e fundada por Sankara. Segundo os advaitistas, os princípios constitutivos do homem são: 1.' rupa, ou corpo físico; 2.O jiva, prana, ou força vital; 3.O linga sharíra, ou corpo astral; 4." kama rupa, ou alma animal; 5. O manas, ou alma humana; 6." buddhti, ou alma espiritual; 7.1 Atman, ou espírito.

Sabemos que poucos neste mundo podem chegar a este último ponto, ou mesmo podem ter a ousadia de acreditar nele. Menor é o número dos que ousam agir de acordo com ele. Entretanto, sabemos que nele está a explicação para toda a ética, para toda a moralidade, para toda a espiritualidade do universo. Por que dizem todos: "Fazei bem aos outros?" Onde está a explicação? Por que todos os grandes homens pregaram a fraternidade da humanidade, e outros maiores pregaram a fraternidade de todas as vidas? Porque, fossem ou não fossem conscientes disso, para além de tudo, através de todas as suas irracionais superstições pessoais, estavam fitando diante de si a eterna luz do Eu, negando todas as multiplicidades, e afirmando que todo o uni. verso não passa de Um.

Assim, a última palavra nos deu um universo, que vemos, através dos sentidos, como matéria, através do intelecto como alma, e através do espírito como Deus. Para o homem que se envolve em véus, os véus que o mundo chama perversidade e mal, esse mesmo universo mudará e se transformará num lugar hediondo. Para outro homem, que deseja prazeres, esse mesmo universo se modificará e se tornará um céu. E para o homem perfeito tudo desaparecerá, e se tornará seu próprio Eu.

Bem: tal como a sociedade existe no tempo presente, todos esses três estágios são necessários. Uma absolutamente não nega o outro, antes é, simplesmente, a complementação do outro. O advaitista, ou o advaitista qualificado, não diz que esse dualismo é errado: é uma visão certa, mas inferior. Está a caminho da verdade. Portanto, que cada qual tenha sua própria visão deste universo, de acordo com suas próprias idéias. Não injurieis ninguém, não negueis a posição de ninguém. Tomai o homem como ele é, e, se puderdes, dai-lhe mão de auxílio e colocai-o em plataforma mais alta. Mas não o injurieis nem destruíais. Todos chegarão à verdade, com o correr do tempo. "Quando todos os desejos do coração forem dominados, esse mesmo mortal se tornará imortal." Então, o mesmo homem se tornará Deus.

## Segunda parte

Essa é a única forma de alcançar a meta. dizer a nós próprios e dizer a todos os demais, que somos divinos. E, conforme repetirmos isso, a força virá.

Embora todos os sistemas concordem em que tivemos o império e o perdemos, dão-nos conselhos vários quanto à forma de o reavermos. Um diz que devemos realizar certas cerimônias, pagar certas sornas em dinheiro a certos ídolos, comer certa qualidade de comida, viver de maneira especial, e assim reaveremos o império. Outro diz que devemos chorar e nos prostrar e pedir perdão a certo Ser que está para além da natureza, e assim reaveremos o império. E ainda outro diz que se amarmos aquele Ser como todo o nosso coração, reaveremos o império.

Mas o último e o maior conselho diz que não deveis absolutamente chorar. Não precisais realizar todas essas cerimônias nem tomar conhecimento de como reaver O vosso império) porque jamais o perdestes. Por que deveríeis procurar o que jamais perdestes? Sois puros desde já, desde já sois livres. Se pensais que sois livres, livres sereis neste momento, e se pensais que estais aprisionados, aprisionados estareis.

Essa é uma declaração muito atrevida. Pode assustar-vos agora, mas quando pensardes nela e a compreenderdes em vossa própria vida, então sabereis que o que eu digo é verdade. Porque, supondo que a liberdade não é a vossa natureza, não há forma alguma de vos tornardes livres. Supondo que sois livres e que de certa forma perdestes essa liberdade, isso mostra que não éreis livres no começo. Se tivésseis sido livres, o que poderia levar-vos a perder essa liberdade? O independente jamais se pode tornar dependente. Se é realmente dependente, sua independência era uma alucinação.

Dos dois lados, qual escolhereis, então? Se dizeis que a alma era por sua natureza pura e livre, segue-se, naturalmente, que nada no universo poderia torná-la aprisionada ou limitada. Mas se havia algo na natureza que podia aprisionar a alma, segue-se, naturalmente, que ela não era livre, e vossa declaração de que ela era livre não passava de uma ilusão. Assim, se nos é possível alcançar a liberdade, a conclusão é inevitável: a alma é livre por sua natureza. Não pode ser de outra maneira.

Liberdade significa independência de tudo quanto é exterior, e significa que nada fora dela própria pode agir sobre ela como causa. A alma é imotivada, e daí seguem todas as grandes idéias que temos. Não podeis estabelecer a imortalidade da alma a não ser que concedais ser ela livre por sua natureza, ou, em outras palavras, que nada pode agir sobre ela, vindo do exterior. Bebo veneno e morro, assim mostrando que meu corpo pode receber a ação de algo externo que se chama veneno. Mas se é verdade que a alma é livre,

segue-se, naturalmente, que nada pode afetá-la e ela jamais pode morrer. Liberdade, imortalidade, bem-aventurança, tudo isso depende de estar a alma para além da lei de causação, para além de maya<sup>4</sup>.

Das duas opiniões, qual escolhereis? Ou fazeis da primeira uma ilusão ou fazeis da segunda uma ilusão. Eu farei da segunda, com certeza, uma ilusão. É mais conforme com todos os meus sentimentos e aspirações. Estou perfeitamente consciente de ser livre por natureza, e não admitirei que esta prisão é verdadeira e minha liberdade uma ilusão.

Tal discussão aparece em todas as filosofias, de uma forma ou de outra. Mesmo nas mais modernas filosofias encontramos essa mesma discussão. Há dois partidos. Um diz que não existe alma, que a idéia da alma é uma ilusão causada pela repetida mudança de partículas de matéria, produzindo a combinação que chamais corpo ou cérebro. Que a impressão de liberdade é o resultado das vibrações, movimentos, e contínuas modificações dessas partículas. Há seitas budistas que mantêm o mesmo ponto de vista e ilustram-no com um exemplo: "se tomardes uma tocha e a fizerdes girar rapidamente, haverá um círculo de luz. Esse círculo realmente não existe, porque a tocha está mudando de lugar a cada momento. Não somos senão feixes de pequenas partículas, que em seu rápido rodopiar produzem a ilusão de uma alma permanente.

O outro partido declara que na rápida sucessão dos pensamentos a matéria ocorre como ilusão, e não existe, realmente.

Assim, vemos de um lado a declaração de que o espírito é uma ilusão e do outro afirmativa de que a matéria é uma ilusão. Que lado tomaremos? Evidentemente, tomaremos o espírito e negaremos a matéria. Os argumentos são idênticos para ambos os casos; somente do lado do espírito o argumento é um pouco mais forte. Porque ninguém jamais viu o que é a matéria. Só podemos sentir a nós mesmos. jamais conheci um homem que pudesse sentir a matéria saindo de si próprio. Portanto, o argumento é um pouco mais forte do lado do espírito. Em segundo lugar, a teoria do espírito explica o universo, enquanto o materialismo não o faz. Daí ser ilógica a explicação materialista. Se levardes todas as filosofias à fervura e as analisardes, verificareis que elas ficam reduzidas a uma ou outra dessas duas posições.

Portanto, também aqui, sob forma mais intrincada, sob forma mais filosófica, encontramos a mesma questão referente à prisão e à liberdade. Um lado diz que a primeira é uma ilusão, e a outra, que a segunda é uma ilusão. E, naturalmente, ficamos com a segunda, ao acreditarmos que nossa prisão é uma ilusão.

A solução da Vedanta é que não estamos aprisionados, que já somos livres. Não apenas isso, mas dizer ou pensar que somos prisioneiros é perigoso: é um erro, um auto-hipnotismo. Assim que dizeis: "Estou aprisionado", "Sou fraco", "Sou desamparado", desgraça sobre vós! Prendei-vos a mais uma cadeia. Não digais tais coisas, não pensais tais coisas. Eu soube de um homem que vivia numa floresta e costumava repetir, dia e noite: "Shivobam", "Eu sou o Abençoado". Um dia um tigre caiu sobre ele e o arrastou para matá-lo. As pessoas que estavam do outro lado do rio viram aquilo e ouviram a voz, enquanto a voz nele permaneceu, dizendo: "Shivoham", mesmo entre as próprias fauces do tigre. Tem havido homens assim. Tem havido homens que, mesmo no momento em que estão sendo cortados em pedaços, abençoaram seus inimigos. "Eu sou Ele, Eu sou Ele, e assim és tu. Sou puro e perfeito, e assim são todos os meus inimigos. Vós sois Ele, e assim o sou eu." Essa é a posição de força.

Há coisas grandes e maravilhosas nas religiões dos dualistas. Maravilhosa é a idéia do Deus Pessoal, separado da natureza, que adoramos e amamos. Às vezes essa idéia é bem consoladora. Mas, diz o vedantista, esse consolo é algo como o efeito que vem de um opiato, efeito não natural. Ao fim traz fraqueza, e o que este mundo deseja hoje mais do que nunca, é força. A Vedanta diz que a fraqueza é a causa de toda a angústia do mundo. A fraqueza é a causa única do sofrimento. Tornamo-nos sofredores porque somos fracos. Mentimos, roubamos, matamos, e cometemos outros crimes porque somos fracos. Onde nada existe para nos enfraquecer, não há morte nem desgosto. Somos infelizes através da ilusão. Abandonemos a ilusão e tudo se desvanecerá. É coisa clara e simples, realmente. Através de todas essas discussões filosóficas e de tremendas ginásticas mentais, chegamos a esta única idéia religiosa, a mais simples em todo o mundo.

---

<sup>4</sup> Maya - Palavra sânscrita que significa "ilusão". No cor-po do presente livro o próprio Vivekananda oferece a definição cor-reta de maya.

Há uma idéia que com freqüência milita contra ela, É a seguinte: está muito bem dizer: "Eu sou Puro, eu sou Abençoado"; mas não posso mostrar sempre isso em minha vida. É verdade. O ideal é sempre muito duro. Toda a criança, ao nascer, vê o céu sobre a sua cabeça, muito longe, mas por isso deveríamos deixar de olhar para o céu? Se não pudermos obter o néctar, resolveríamos a questão bebendo veneno? Será de algum auxílio para nós o fato de, não podendo compreender imediatamente a verdade, entrarmos nas trevas e nos rendermos à fraqueza e à superstição?

Não faço objeções ao dualismo em muitas de suas formas. Gosto da maioria delas, mas faço objeções a todas as formas de ensinamento que inculquem fraqueza. Essa é a única pergunta que faço a cada homem, mulher ou criança que esteja em treinamento físico, mental ou espiritual: "Sois forte? Sentis força?" Porque sei que é só a Verdade que dá a força, sei que só a Verdade dá vida. Nada mais a não ser o caminho para a Realidade nos fará fortes, e ninguém alcançará a Verdade enquanto não for forte. Qualquer sistema que enfraqueça a mente, portanto, que faça a pessoa supersticiosa, apática, desejando toda a sorte de selvagens impossibilidades, mistérios e superstições, não me agrada, pois é perigoso. Tal sistema jamais trará bem algum, pois essas coisas criam morbidez da mente, tornam-na fraca, tão fraca que com o correr do tempo lhe será quase impossível receber a Verdade e viver de acordo com ela.

A força, portanto, é uma coisa imprescindível. Força é o remédio para a doença do mundo. Força é o remédio que o pobre deve ter quando o rico o tiraniza. Força é o remédio que o ignorante deve ter, quando oprimido pelo erudito, e é o remédio que os pecadores devem ter quando tiranizados pelos outros pecadores. E nada dá mais força do que essa idéia do monismo. Nada nos faz mais morais do que essa idéia do monismo. Nada nos faz trabalhar tão bem, da forma melhor e mais alta, do que ter sobre nós tôda a responsabilidade.

Eu vos desafio, um a um. Como vos comportaríeis se eu vos pusesse nas mãos um bebezinho? Toda a vossa vida se modificaria no momento, e fosses o que fosses, deveríeis tornar-vos destituídos de egoísmo naquele momento. Abandonaríeis todas as idéias criminosas assim que a responsabilidade fosse atirada sobre vós e vosso caráter se modificaria por inteiro. Assim, se toda a responsabilidade fosse atirada sobre nossos ombros, estaríamos a agir em nosso ponto melhor e mais alto. Quando nada temos para procurar às apalpadelas, nem demônio sobre o qual lançar as culpas, nem Deus Pessoal para carregar nossas cargas, quando só nós somos responsáveis, então nos erguemos até o melhor e o mais alto. "Sou responsável pelo meu destino, sou quem traz o bem para mim próprio, sou quem traz o mal para mim próprio. Sou o Puro e o Abençoado."

Esta, diz a Vedanta, é a única prece que deveríamos ter. Este é o único caminho para alcançar a meta, dizer a nós mesmos e dizer a todos os demais, que somos divinos. E conforme fomos repetindo isso, a força virá. O que de início vacila irá se tornando cada vez mais forte, nossa voz aumentará de volume, até que a verdade tome posse de nossos corações e corra através de nossas veias, e impregne nossos corpos. A ilusão se desvanecerá conforme a luz se torne mais e mais fulgurante, carga e mais carga de ignorância desaparecerão, e então chegará o momento em que tudo o mais terá desaparecido, e só ficará o Sol a cintilar.

## Terceira parte

É necessária alguma prática para alcançar a Unidade? Positivamente, sim. Essa ilusão que diz serdes v46s o Sr. ou a Sra. Fulano de Tal pode desaparecer através de outra ilusão, que a prática. O fogo engolirá o fogo, à podeis usar uma ilusão para dominar outra ilusão.

O Eu, o Conhecedor, o Senhor de tudo, o Ser real, é a causa de toda a visão que existe no universo, mas Lhe é impossível ver a si próprio, exceto através de reflexo. Vós não podeis ver vossa própria face a não ser num espelho, e assim o Eu não pode ver Sua própria natureza enquanto ela não for refletida, e todo este universo, é, portanto, o Eu tentando compreender-se. Esse reflexo é reproduzido primeiro do protoplasma depois de plantas e animais, e assim por diante, cada vez de melhores refletores, até que o melhor refletor - o homem perfeito - é alcançado. Tal como um homem que, desejando ver seu próprio rosto, olha primeiro para uma pequena poça de água lodosa, e apenas vê um contorno, depois vai para a água limpa e vê melhor imagem, e a seguir, diante de um pedaço de metal brilhante vê imagem ainda melhor, para, finalmente, colocando-se diante de um espelho, ver-se tal qual é. Portanto, o homem perfeito é o mais alto reflexo desse Ser, que, ao mesmo tempo, é substância e objeto.

Agora, descobrirei por que o homem instintivamente cultua tudo, e por que o homem perfeito é instintivamente cultuado como Deus em cada país. Podeis dizer o que quiserdes, mas são eles que se destinam a ser cultuados. Por isso os homens cultuam Encarnações, tais como o Cristo ou Buda. Elas são as mais perfeitas manifestações do Eu eterno. Estão muito acima de todas as concepções de Deus que vós e eu podemos fazer. Um homem perfeito é muito maior do que essas concepções. Nele, o círculo se completa, e a substância e o objeto fazem-se um. Nele, as ilusões se desvanecem, e em lugar delas vem a compreensão de que sempre foi aquele Ser perfeito.

Certa vez eu viajava pelo deserto, na Índia. Viajei por mais de um mês, sempre encontrando as mais belas paisagens diante de mim, bonitos lagos, e tudo o mais. Um dia, tendo muita sede, desejei beber a água de um daqueles lagos, mas quando me aproximei, o lago desapareceu. Imediatamente, como uma pancada, veio-me ao cérebro a idéia de que aquilo era a miragem, sobre a qual eu tinha lido toda a minha vida. Então, recordei-me, e sorri da minha loucura: durante o mês que se escoara, todas as belas paisagens e lagos que eu estivera vendo tinham sido miragens, mas eu não sabia distingui-las. No manhã seguinte eu estava novamente a caminho. Lá estavam o lago e a paisagem, mas com eles me veio imediatamente a idéia: "Isto é miragem". Uma vez conhecida, ela perdera seu poder de me iludir.

Assim, essa ilusão do universo um dia se desvanecerá. Todo ele se desvanecerá, se esfumará. Isso é compreensão. A filosofia não é gracejo ou conversa. Tem de ser compreendida. Este corpo se desvanecerá, esta terra, e tudo com ela, se desvanecerá, esta idéia de que eu sou o corpo ou a mente em algum tempo se desvanecerá. Se o karma<sup>5</sup> terminar, isso desaparecerá, para nunca mais voltar, mas se parte do karma permanecer, o corpo, mesmo depois da ilusão se ter desvanecido, continuará a funcionar durante algum tempo - como o torno do oleiro, que se conserva rodando pelo seu próprio movimento, mesmo depois que a vasilha foi torneada. De novo este mundo virá, homens, mulheres e animais virão, tal como a miragem se repete no dia seguinte, mas não com a mesma força. Com eles virá a idéia de que agora eu conheço a sua natureza, e eles não mais me aprisionarão, não mais produzirão dor, aflição ou angústia. Ao sobrevir qualquer coisa angustiosa, a mente poderá dizer: "Sei que isto é uma alucinação".

Quando um homem alcança esse estado, chamam-no jivanka, "o que vive livre", livre mesmo enquanto vive. A meta e o fim nesta vida, para os jnane-yogues, é tornar-se um jivan-mukia, "o que vive livre". É iivanmukta o que vive neste mundo sem estar a ele apegado. É como as folhas do lótus sobre a água, que jamais se chegam a molhar. É a forma mais alta dos seres humanos, o mais alto de todos os seres, pois compreendeu sua identificação com o Absoluto, compreendeu que é um com Deus.

Que acontecerá ao mundo, então? Que bem faremos ao mundo? Tais perguntas não surgem. "Que se tornará meu bolo de gengibre, quando eu ficar velho?" diz o pequenino. "Que será de minhas bonecas quando eu ficar velha?" - diz a criança. "Que será de minhas bolinhas de gude quando eu ficar velho?" - diz o menino. A pergunta é a mesma com relação a este mundo. Ele não tem existência no passado, no presente ou no futuro. Se tivéssemos conhecido o Aíman como é, se tivéssemos sabido que nada existe a não ser o Atman, que tudo o mais não passa de um sonho, sem existência na realidade, então este mundo, com suas pobreza, suas angústias, suas perversidades e suas bondades, cessaria de nos perturbar. Se tais coisas não existem, por quem e por que teremos transtornos? Isto é o que jnane-yogue ensina.

Antes de entrar na parte prática, cuidaremos de mais uma questão intelectual. Até aqui a lógica tem sido tremendamente rigorosa. Se o homem raciocina, não há lugar onde possa ficar até que chegue a isto: que há somente uma Existência, que tudo o mais nada é. Não há outro ponto de vista para a humanidade racional a não ser esse. Mas como se explica que o que é infinito, sempre perfeito, sempre abençoado, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta, viesse a ficar sob tais ilusões? É a mesma pergunta que tem sido feita em todo o recanto do mundo. Na forma vulgar a questão é assim proposta: "Como veio ter ao mundo o pecado?" Essa é a forma mais vulgar e sensorial da pergunta, e a outra é a forma mais filosófica: mas a pergunta é a mesma. A mesma pergunta tem sido feita em vários graus e maneiras, mas em suas formas inferiores não encontra solução, porque as histórias de maçãs, serpentes e mulheres não fornecem uma explicação. Nesses estágios a pergunta é infantil, e infantil é a resposta.

---

<sup>5</sup> Karma - Palavra sânscrita que significa "ação" e designa a lei de causa e efeito, chamada também de retribuição ou compensação.

Mas a pergunta assumiu uma alta forma filosófica: "Como surgiu essa ilusão?" E a resposta é igualmente alta. A resposta é que não podemos esperar resposta alguma a uma pergunta impossível. A própria pergunta é autocontraditória. Não tendes o direito de fazer essa pergunta. Por que? Que é a perfeição? O que está para além do tempo, do espaço, da causalidade. Isso é perfeito. Então perguntais como o perfeito se tornou imperfeito. Na linguagem lógica, a pergunta pode ser colocada nos seguintes termos: "Como aconteceu que o que está para além da causalidade se tornou causado?" Vós vos contradizeis. Primeiro admitis que isso está para além da causalidade e depois indagais o que causa isso. Essa pergunta só pode ser respondida dentro dos limites da causalidade. É pergunta que pode ser feita até onde o tempo, o espaço e a causalidade se estendam. Mas, para além disso, seria tolice formulá-la, porque a pergunta seria ilógica. Dentro do tempo, do espaço e da causalidade, ela jamais pode ser respondida, e que resposta pode existir para além desses limites só pode ser sabido quando os transcendermos. Portanto, o prudente será deixar a pergunta em paz. Quando um homem está doente, a gente se dedica a curar-lhe a doença, sem insistir em que primeiro deve aprender como lhe aconteceu apanhá-la.

Há outra resposta que não fica assim em plano filosófico tão alto. Pode qualquer realidade produzir ilusão? Certamente não. Vemos que uma ilusão produz outra, e assim por diante. É sempre a ilusão que produz ilusão. É a doença que produz doença e não a saúde que produz doença. A onda é a mesma coisa que a água; o efeito é a causa sob outra forma. O efeito é ilusão, portanto, a causa deve ser ilusão. Que produziu essa ilusão? Outra ilusão. E assim vai, sem princípio. A única pergunta que vos resta fazer, é: "Não rompe nosso monismo o fato de termos duas existências no universo - uma o Eu, e a outra a ilusão?" A resposta é: "A ilusão não- pode ser chamada uma existência. Milhares de sonhos entram em vossa vida, mas não formam qualquer parte de vossa vida. Os sonhos vêm e vão: não têm existência. Chamar existência à ilusão seria sofisma. Há, portanto, apenas uma Existência indivisível no universo, sempre livre e sempre abençoada, e é isso que sois". É essa a última conclusão a que chegaram os advaitistas.

Podeis, então, indagar: "Que será de todas essas formas de culto?" Permanecerão. Estão apenas tateando nas trevas, em busca de luz, e através desse tateamento a luz virá.

Acabamos de ver que o Eu não pode ver a si próprio. Nosso conhecimento está dentro de uma teia de maya, de irrealidade, e além disso fica a libertação. Dentro da teia há escravidão e tudo está sob a lei. Para além não há lei. No que se refere ao universo, a existência é governada pela lei, e para além dele fica a liberdade. Enquanto estiverdes na teia do tempo, do espaço, da causalidade, dizer que sois livres é tolice, porque essa teia está sob lei rigorosa. Todos os pensamentos que tendes são causados, todos os sentimentos são causados, e dizer que a vontade é livre não passa de mera tolice. Só quando a Existência infinita vem, por assim dizer, para essa teia de maya, é que ela toma a forma de vontade. Vontade é uma porção daquele Ser, apanhada nas teias da maya; portanto, a vontade é um nome falso, uma denominação imprópria. Nada significa - simples tolice. Assim é todo esse falatório com respeito a liberdade. Não há liberdade em maya. Não há liberdade enquanto não fordes além de maya. Essa é a verdadeira liberdade do alma.

Os homens, por muito agudos e intelectuais que sejam, por mais claramente que vejam a força -da lógica que diz nada poder ser livre aqui, sentem-se todos compelidos a pensar que são livres. Não o podem evitar. Não há trabalho que se possa realizar enquanto não começarmos a ver que somos livres. Isso significa que a liberdade de que falamos é um relance do céu azul para além das nuvens, e que a verdadeira liberdade - o próprio céu azul - está acolá. A verdadeira liberdade não pode existir em meio desta ilusão, desta alucinação, desta tolice do mundo, deste universo dos sentidos, do corpo e da mente. Todos esses sonhos sem princípio nem fim, descontrolados e incontroláveis, desajustados, rompidos, dissonantes, formam nossa idéia deste universo. Num sonho, quando vedes um gigante com vinte cabeças vos perseguindo, e estais fugindo dele, não achais que aquilo seja dissonante, achais que é apropriado e direito. Assim é esta lei. Tudo quanto chamais lei é uma simples oportunidade sem significação. Neste sonho em que estais, chamais a isso lei. Dentro de maya, enquanto existir essa lei de tempo, espaço e causalidade, não haverá liberdade, e todas essas várias formas de culto estão dentro dessa maya. A idéia de Deus e as idéias do bruto e do homem estão dentro dessa maya, e, como tais, são igualmente alucinações. Todas elas são sonhos.

Mas deveis ter o cuidado de não argumentar tal qual alguns homens extraordinários de que ouvimos falar no tempo presente. Dizem que a idéia de Deus é ilusão porém que a idéia deste mundo é verdadeira. Ambas as idéias resistem ou tombam pela mesma lógica. Só ele tem o direito de ser um ateu que nega este mundo, tanto quanto o outro. O mesmo argumento aplica-se a ambos. A mesma massa de ilusão estende-se de Deus até o animal mais insignificante, de um fio de capim ao Criador. Resistem ou caem pela mesma lógica. A mesma pessoa que vê falsidade na idéia de Deus deve vê-la também na idéia de seu próprio corpo e sua própria mente. Quando Deus se desvanece, então se desvanecem também o corpo e a mente, e quando ambos se desvanecem, o que é a Existência real permanece para sempre. "Ali os olhos não podem ir, nem a fala, nem a mente. Não podemos vê-la, nem conhecê-la." E compreendemos agora que até onde podem ir a fala, o pensamento, o conhecimento e o intelecto, tudo fica dentro de maya, dentro da prisão. Para além dela está. a Realidade. Ali não chegam a mente, e a fala.

Até aqui isso está certo, intelectualmente, mas é preciso que venha a prática. É necessária alguma prática para compreender essa Unidade? Positivamente, sim. Não quer dizer que ireis tornar-vos aquele brâmane. já o sois. Não quer dizer que ides tornar-vos Deus ou ser perfeito: já sois perfeitos, e sempre que Pensais não o ser será uma ilusão. Essa ilusão que diz serdes vós o Sr. ou a Sra. Fulano de Tal pode desaparecer através de outra ilusão. O fogo engolirá o fogo, e podeis usar uma ilusão para dominar outra ilusão. Uma nuvem virá e afastará para longe outra nuvem, e depois ambas irão embora.

Que são essas práticas, então? Devemos sempre ter em mente que não iremos ser livres, mas já somos livres. Toda a idéia de que somos prisioneiros é ilusão. Toda a idéia de que somos felizes ou infelizes é uma tremenda ilusão, e outra ilusão virá, a que temos de trabalhar e cultivar e lutar, para sermos livres. Esta expulsará a primeira ilusão, depois ambas terão terminado.

A raposa é considerada muito ímpia pelos maometanos e hindus. Também, se um cão toca em qualquer pedaço de alimento, este deve ser atirado fora e não pode ser comido por nenhum ser humano. Numa certa casa maometana, uma raposa entrou apanhou um, bocadinho do alimento que estava sobre a mesa, comeu-o e fugiu. O homem era pobre e tinha preparado um banquete muito bom para si próprio, e o banquete se tornara ímpio e ele não poderia comê-lo. Assim, foi ter com um mullab, um sacerdote, e disse-lhe: - Aconteceu-me o seguinte: uma raposa entrou e apanhou um bocado da minha comida. Que posso fazer? Eu tinha preparado um banquete e desejava muito comê-lo, e agora vem essa raposa e destrói tudo!" O mullah pensou por um minuto e então encontrou a única solução, dizendo: "A única maneira é arranjar um cão e fazê-lo comer um bocado do mesmo prato, porque cães e raposas estão sempre em disputa. A comida que foi deixada pela raposa irá ter ao teu estômago, e também a que for deixada pelo cão, pois cada impureza anulará ,a outra".

Estamos mais ou menos na mesma situação. Dizer que somos imperfeitos é uma alucinação, e tomaremos outra, que diz termos de praticar para nos tornarmos perfeitos. Então uma anulará a outra, como podemos usar um espinho para extrair outro e depois atirar ambos fora. Há pessoas para as quais é suficiente como conhecimento o fato de ouvirem: "Tu és isto". Num relance este universo desaparece e a natureza real resplandece. Mas outras têm de lutar duramente para se livrarem da idéia de aprisionamento.

A primeira pergunta é: "Quem está em condições de ser jnana-yogue?" Os que estão equipados com estes requisitos:

Primeiro, renúncia a todos os frutos do trabalho e a todos os gozos desta ou de outra vida. Se sois o Criador do universo, tereis o que desejardes, porque criareis para vós mesmos o que desejardes, é apenas uma questão de tempo. Alguns conseguem imediatamente, outros têm os samskaras, impressões passadas, a erguerem-se no caminho de seus desejos. Damos o primeiro lugar ao desejo de prazeres, nesta ou em outra vida. Negais que exista uma vida qualquer, porque a vida é apenas o outro nome da morte. Negais que sois um ser vivo. Quem se importa com a vida? A vida é uma dessas alucinações, e a morte é a sua réplica. A alegria é uma parte dessas alucinações, e a angústia outra parte, e assim por diante. Que tendes vós com a vida ou com a morte? Tudo isso não passa de criações da mente. A isso se chama abandonar os desejos de prazeres, nesta ou em outra vida.

Depois vem o controle da mente, acalmando-a de tal maneira que ela não se desfaça em ondas e tenha toda a sorte de desejos. Manter a mente firme, sem permitir que ela vacile através de causas externas ou internas, controlar a mente perfeitamente, apenas pelo poder da vontade. O jnane-yogue não recebe qualquer auxílio interno ou externo. Os instrumentos em que acredita são o raciocínio filosófico, o conhecimento, e sua própria vontade.

Depois vem titiksha, paciência, suportando todas as angústias sem murmurar, sem se queixar. Quando um agravo vier, não se importar; se um tigre avançar, ficar ali. Há homens que praticam titiksha e têm sucesso. Há homens que dormem nas margens do Ganges em pleno verão da Índia e no inverno bóiam sobre as águas do Ganges o dia inteiro: não se importam. Homens sentam-se na neve dos Himalaias e não se importam de usar roupa alguma. Que é o calor? Que é o frio? Que as coisas venham e vão, que diferença isso me faz? Eu não sou o corpo. É difícil compreender isso, em países ocidentais, mas é bom saber que isso é feito. Assim como vosso povo é corajoso bastante para saltar à boca de um canhão no meio de um campo de batalha, nosso povo é corajoso bastante para pensar e agir de acordo com a sua filosofia. Dá sua vida por isso "Sou Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta. Eu sou Ele. Eu sou Ele." Assim como o ideal ocidental é manter o luxo na vida prática, assim o nosso é manter a mais alta forma de espiritualidade, a fim de demonstrar que a religião não é apenas palavras inconsistentes, mas pode ser levada avante, em todos os pontos, nesta vida. Isso é titiksha, suportar tudo, não se queixar de nada. Eu mesmo tenho visto homens que dizem: "Eu sou a Alma. Que vem a ser o uni. verso para mim? Nem prazer nem dor, nem virtude nem vício, nem calor nem frio. Nada é para mim". Isso é titiksha - não correr atrás dos prazeres do corpo.

Que é religião? Rezar: "Dá-me isto e aquilo!" Idéias loucas sobre religião! Os que acreditam nelas não têm uma verdadeira idéia sobre Deus e a alma. Meu Mestre<sup>6</sup> costumava dizer que o abutre voa alto, cada vez mais alto, até se tornar um simples ponto, mas seus olhos estão sempre no pedaço de carniça que ficou na terra. Afinal, qual é o resultado de vossas idéias sobre religião? Limpar as ruas e ter mais pão e roupas? Quem se importa com pão e roupas? Milhões chegam e vão a cada minuto. Quem se importa? Por que fazer questão das alegrias e vicissitudes deste pequeno mundo? Ide para além dele, se ousais. Ide para além da lei, deixai todo o universo desvanecer-se, e ficai sozinhos. "Eu sou Existência-Absoluta, Conhecimento--Absoluto, Bem-aventurança-Absoluta. Eu sou Ele, Eu sou- Ele."

## Quarta parte

O jnane diz: A mente não existe, nem o corpo. Sua meditação, portanto, é a mais difícil, a negativa. Ele nega tudo, e o que fica é o Eu. O jnane deseja arrancar o universo do Eu pela mera força da análise. O jnane procura arrancar--se ao seu aprisionamento da matéria pela força da convicção intelectual. Este é o caminho negativo - o neti, neti - "isto não, isto não".

A felicidade está no corpo, na mente ou no Atman. Nos animais, e nos seres humanos inferiores, a felicidade está toda no corpo. Homem algum pode comer com a mesma satisfação com que come um cão ou um lobo esfaimados; portanto, no cão e no lobo a felicidade está inteiramente no corpo. Nos homens encontramos um plano mais alto de felicidade, o do pensamento. E no inane há o mais alto plano de felicidade, no Eu, o Atman.

Assim, para o filósofo, esse conhecimento do' Eu é da maior utilidade, porque lhe dá a mais alta felicidade possível. Satisfação dos sentidos ou coisas físicas não podem ser da mais alta utilidade para ele, porque não encontra neles o mesmo prazer que encontra no conhecimento de si mesmo. E, afinal, o conhecimento é a única meta, e é, realmente, a maior felicidade que conhecemos. Todas as pessoas que trabalham, e lutam, e se esforçam como se fossem máquinas, não gozam realmente a vida, mas quem a goza é o homem instruído. Um rico compra um quadro, mas o homem que entende de pintura é quem o goza. E se o rico não tem conhecimento de arte, o quadro é inútil para ele. Torna-se o possuidor, apenas. Por todo o mundo, é o homem instruído quem goza a felicidade desse mundo. O ignorante nunca tem prazer. Precisa trabalhar para os outros, inconscientemente.

Não há senão um Atman: não pode haver dois. Vimos como em todo o universo há apenas uma Existência, e essa única Existência, quando vista através dos sentidos, é chamada mundo, o mundo da matéria. Quando é vista através da mente, é chamada mundo dos pensamentos e idéias. E quando é vista como é, então é o único Ser infinito. Deveis manter em vossas mentes o seguinte: não é que exista uma alma no homem, embora eu tivesse de aceitar isso, de início, como fora de dúvida, a fim de poder explicar. Mas há apenas uma Existência, e essa Existência é o Atman, o Eu. Quando isso é percebido através dos sentidos, através de imagens dos sentidos, é chamado corpo. Quando é percebido através do pensamento, é chamado mente. Quando é percebido através de sua própria natureza, é chamado o Atman, a única Existência.

---

<sup>6</sup> Meu Mestre: Ramakrishna, insigne instrutor religioso do último têtço do século XIX, fundador de uma escola a que hoje pertencem muitos hindus de posição social. Nasceu no dia 20 de fe-vereiro, em Kamarpukur, Bengala, na casta brimane, e morreu em março de 1886. Ver "O Evangelho de Ramakrishna", da Editora Pensamento.

Portanto, não existem três coisas numa só - o corpo, a mente, e o Eu, embora esse fosse um caminho conveniente para o curso da explicação. Mas tudo isso é Atman, e esse Ser único é às vezes chamado corpo, às vezes mente, e às vezes Eu, segundo os diferentes pontos de vista. Não há senão um único Ser, que os ignorantes chamam mundo.

Dualismo e não-dualismo são expressões filosóficas muito boas, mas, em percepção perfeita, jamais vislumbramos o Real e o falso ao mesmo tempo. Todos nascemos monistas, não o pode-mos evitar. Sempre vislumbramos um. Suponhamos que vedes um de vossos amigos vindo em vossa direção, na rua, a uma certa distância. Vós o conheceis muito bem, mas, através da obscuridade do nevoeiro que tendes pela frente, pensais que se trata de um outro homem. Quando vedes vosso amigo como um outro homem, não vedes mais o vosso amigo, ele se desvaneceu. Estais vislumbrando apenas um. Suponhamos que o vosso amigo seja o Sr. A, mas quando vislumbrais o Sr. A como Sr. 13, não vedes absolutamente o Sr. A. Em cada um dos casos vedes apenas um. Quando vos vedes como um corpo, sois corpo e nada mais, e esta é a percepção da vasta maioria da humanidade. Podem falar de alma, da mente, e de todas essas coisas, mas o que percebem é a forma física - tacto, paladar, visão, e assim por diante.

Entretanto, certos homens, em determinados estados de consciência, percebem-se como pensamento. Sabeis, naturalmente, a história de Sir Humphry Davy, que estava fazendo experiências diante de sua classe, com gás hilariante. Subitamente, um dos tubos se rompeu e o gás escapou, levando-o a respirá-lo. Por alguns momentos ele se manteve como uma estátua. Depois disse aos alunos que enquanto se sentiu naquele estado, percebera, realmente, que todo o mundo é feito de idéias. O gás, por algum tempo, levou-o a olvidar a consciência do corpo, e mesmo aquilo que ele estava vendo como corpo, começou a vislumbrar como idéias.

Quando a consciência se erguer ainda mais alto, quando esta pequena, insignificante consciência tiver desaparecido para sempre, o que é Realidade por trás dela, brilhará, e nós a veremos como a única Existência-Conhecimento-Bem-aventurança, o único Alman, o Universal. "Um que é o próprio Conhecimento único, um que é a própria Bem-aventurança, para além de toda a comparação, para além de todo o limite, sempre livre, jamais aprisionado, infinito como o céu, imutável como o céu: tal como se manifestará em vosso coração, na meditação."

Como explica o advaitista as várias teorias de céus e infernos e essas várias idéias que encontramos em todas as religiões? Quando um homem morre, diz-se que vai para o céu ou para o inferno, para aqui ou para ali, ou que quando um homem morre, torna a nascer em outro corpo, seja no céu ou em outro mundo, algures.

Tudo isso não passa de alucinações. Falando com realismo, ninguém nasce nem morre. Não há céu, nem inferno, nem este mundo: todos os três realmente jamais existiram. Contai a uma criança uma porção de histórias de fantasmas, e fazei-a sair à rua, pela noite. Existe ali um pequeno toco de árvore. Que vê a criança? Um fantasma, com as mãos estendidas, pronto para agarrá-la. Suponhamos que um homem vire a esquina, desejando encontrar sua namorada: vê naquele toco de árvore uma jovem. Um policial que venha da mesma esquina vê o toco transformado em ladrão. O ladrão o vê como um policial. Trata-se do mesmo toco de árvore, que foi visto de várias maneiras. O toco é a realidade, e as visões do toco são as projeções das várias mentes.

Há um Ser, um Eu, que nunca vem nem vai. Quando um homem é ignorante, deseja ir para o céu, ou para um lugar parecido. Durante toda a sua vida pensou e tornou a pensar nisso, e quando esse sonho terreno se desvanece, vê este mundo como um céu com anjos voando sobre ele. Se um homem deseja toda a sua vida encontrar-se com os seus antepassados, consegue encontrá-los, a partir de Adão, pois cria todos eles. Se um homem é ainda mais ignorante e está sempre assustado pelos fanáticos com idéias de inferno, com toda a sorte de castigos quando ele morrer, verá este mesmo mundo como um inferno. Tudo o que significa isso de nascer ou morrer é simplesmente um caso de mudanças no plano da visão. Nem vós vos moveis nem se move aquilo sobre o que projetais vossa visão. Sois os permanentes, os imutáveis. Como podeis ir e vir? Isso é impossível: sois onipresentes.

Estais onde estais. Esses sonhos, essas várias nuvens, movem--se. Um sonho segue-se ao outro, sem conexão. Não há lei de conexão neste mundo, mas pensamos que há uma grande quantidade de conexão. Todos vós lestes, provavelmente, Alice no País das Maravilhas<sup>7</sup>. É o mais maravilhoso livro infantil que foi escrito neste século. Quando eu o li, fiquei encantado, pois sempre tive a intenção de escrever um livro assim para as crianças.

---

<sup>7</sup> Alice no País das Maravilhas - Famoso livro infantil, escrito em 1865 pelo escritor inglês Lewis Carroli, pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson. (1832-1898)

O que mais me agradou nele foi o que julgais ser o mais incongruente, pois ali não há conexão. Uma idéia vem e salta sobre a outra, sem qualquer conexão. Quando fostes crianças, julgastes ser aquela a mais maravilhosa conexão. Assim, aquele homem tornou a apossar-se dos pensamentos de sua infância, que eram perfeitamente conexos, então, para ele, e compôs aquele livro infantil. E todos esses livros que os homens escrevem, tentando fazer as crianças engolirem suas próprias idéias de adultos, são tolices. Todos nós somos crianças crescidas, eis tudo. O mundo é a mesma coisa desconexa -- Alice no País das Maravilhas - sem qualquer conexão.

Como? Essa é a pergunta seguinte. Como podemos compreender isso? Como podemos romper este sonho, como acordaremos deste sonho que nos diz sermos pequeninos homens, pequeninas mulheres, e todas essas coisas?

Tal escravização tem de ser rompida. Como? "Esse Atman primeiro tem de ser ouvido, depois raciocinado, e depois meditado". Esse é o método do advaita jnane. A verdade tem de ser ouvida, depois se reflete sobre ela, e daí por diante precisa ser constantemente afirmada. Pensai sempre: "Eu sou Brama."<sup>8</sup>

Nunca digais: "ô Senhor, sou um miserável pecador!" Quem vos ajudará? Sois o auxílio do universo. Que, neste universo, pode ser de auxílio para vós? Onde está o homem, o deus, ou o demônio que vos ajude? Que pode prevalecer sobre vós? Sois o Deus do universo. Onde podereis encontrar auxílio? jamais o auxílio veio de parte alguma a não ser de vós mesmos. Em vossa ignorância, cada prece foi respondida por algum Ser, mas vós mesmos, sem o saber, respondestes à prece. O auxílio veio de vós mesmos, e vós tivestes satisfação em imaginar que certo Alguém vos estava mandando auxílio. Não há auxílio para vós fora de vós mesmos: sois o Criador do universo. Como o bicho-da-seda, tecestes um casulo em torno de vós. Quem vos salvará? Rompei vosso casulo e sal dele como a bela borboleta, como alma liberta. Então, só então, vereis a Verdade. Dizei sempre convosco mesmos: Eu sou Ele". Essas são palavras que queimarão as escórias da mente, palavras que farão surgir as tremendas energias que já estão dentro de vós, o poder infinito que dorme em vossos corações. Tais coisas devem surgir através da verdade constantemente ouvida, e de nada mais. Onde houver pensamentos de fraqueza, não vos aproximeis. Evitai toda a fraqueza, se quiserdes ser um jnane.

Antes de começar a prática, limpai vossas mentes de todas as dúvidas. Lutai, raciocinai, argumentai, e quando tiverdes estabelecido em vossa mente que isso, apenas isso, pode ser a verdade, e nada mais, cessai de discutir. Fechai vossa boca. Não ouçais argumentos, nem argumenteis. Que adiantam mais argumentos? Estais satisfeitos, decidistes a questão. Que permanece, ainda? A verdade tem de ser compreendida. Portanto, por que perder tempo valioso em argumentos? A verdade agora tem de ser meditada, e cada idéia que vos dá forças deve ser aceita, e cada pensamento que vos enfraquece deve ser rejeitado.

O jnane diz: a mente não existe, o corpo não existe. Essa idéia de corpo e mente deve ir embora, deve ser expulsa, portanto é loucura pensar neles. Seria como tentar curar um mal pela aplicação de outro. Sua meditação é portanto a mais difícil, porque é a negativa: ele nega tudo, e o que fica é o Eu. Essa é a maneira mais analítica. O inane deseja arrancar o universo do Eu pela pura força da análise. É muito fácil dizer: "Eu sou um inane". Mas é muito difícil ser, realmente, um inane. O caminho é longo; é, por assim dizer, como caminhar sobre o fio de uma navalha, e ainda assim não se desesperar. "Acordai levantai-vos, e não pareis até que tenhais atingido à meta." Assim dizem os Vedas.

Portanto, que vem a ser a meditação para o que Ele deseja erguer-se acima de qualquer idéia de corpo ou mente, expulsar a idéia de que ele é o corpo. Por exemplo, quando eu digo: "Eu, Swamí", vem, imediatamente a idéia de corpo. Que devo fazer, então? Devo dar uma forte pancada à minha mente, e dizer: "Não, não sou o corpo, sou o Eu. Que importa venham a doença ou a morte numa forma das mais horríveis? Eu não sou o corpo. Por que fazer bonito o corpo? Para gozar a ilusão uma vez mais? Para continuar a escravização? Que ela se vá. Não sou o corpo. Esse é o caminho do inane.

O inane sente que não pode esperar, que deve alcançar a meta agora mesmo. E diz: "Sou livre através da eternidade, jamais estou preso. Sou o Deus do universo através de toda a eternidade. Quem poderá fazer-me perfeito? Eu já sou perfeito...

---

<sup>8</sup> Brama - A Primeira pessoa da Trindade Védica,aná-loga ao Pai da Trindade Cristã.

Quando um homem é perfeito, vê perfeição nos outros. Quando vê imperfeições, é a sua própria mente que se projeta. Como pode ver imperfeições se não as tem em si mesmo? Assim, o inane não faz caso da perfeição. Não existe qualquer perfeição para ele. Assim que se liberta, não vê o bem nem o mal. Quem vê o mal ou o bem? Quem os tem em si próprio. Quem vê o corpo? Quem pensa que é o corpo. No momento em que vos libertais da idéia de que sois o corpo, não vedes absolutamente o mundo. Ele se desvanece para sempre. O jnana procura arrancar--se dessa prisão de matéria pela força da convicção intelectual. Essa é a forma negativa - o neti, neti - "isto não, isto não".

## **Auto-Realização através do domínio da Mente (Raja-Yoga)**

Raja-Yoga é uma ciência como qualquer outra. É a análise da mente, um reunir de fatos do mundo supersensório, para assim se construir o mundo espiritual. Todos os grandes mestres espirituais que o mundo conheceu, disseram: "Vejo e sei". Jesus, Paulo, e Pedro, declararam todos sua percepção espiritual das verdades que ensinaram.

### **A percepção é obtida pela Yoga**

Nem memória nem consciência podem ser a limitação da existência. Há um estado superconsciente. Tanto este como o estado inconsciente são privados de sensação, porém com uma enorme diferença entre si - a mesma diferença que existe entre o conhecimento e a ignorância. A concentração da mente é a fonte de todo o conhecimento.

A Yoga ensina-nos tornar a matéria nossa escrava, como o deveria ser. Yoga significa "jugo" - "jungir", isto é, juntar a alma do homem à Alma suprema ou Deus. Este nosso "eu" cobre apenas uma pequena consciência e uma vasta quantidade de inconsciência, enquanto sobre ele, e quase completamente desconhecida dele, está o plano superconsciente.

Através de prática fiel, camada após camada da mente se abre diante de nós, e cada uma dessas camadas nos revela um fato novo. Vemos como que mundos novos criados diante de nós, novos poderes são postos em nossas mãos, mas não devemos parar no caminho, nem permitir que fiquemos deslumbrados por essas contas de vidro, quando a mina de diamantes está à nossa frente.

### **Só Deus é a meta.**

Três coisas são necessárias ao estudante que deseja ter sucesso. Primeira: abandonar toda a idéia de gozo neste mundo e no outro, mas preocupar-se apenas com Deus e a Verdade. Estamos aqui para conhecer a Verdade, não para ter prazeres. Deixemos isso para os brutos que gozam como jamais poderemos gozar. O homem é um ser pensante e deve lutar até dominar a morte até que veja a luz.

Segundo: desejo intenso de conhecer a Verdade e Deus. Sede ansiosos por eles, suspirai por eles, como um homem que se afoga anseia pelo ar.

Terceira: Refreai a mente para que não se externe, refreai os sentidos, voltai a mente para o interior, sofrei tudo sem murmurar, fixai a mente numa idéia, pensai constantemente em vossa natureza real. Libertai-vos da superstição. Não vos hipnotizeis para acreditar em vossa própria inferioridade. Dia e noite dizei a vós mesmos o que realmente sois, até que compreendais, realmente compreendais, vossa unidade com Deus,

### **Sem essas disciplinas, não há resultados.**

Podemos ter consciência do absoluto, mas nunca poderemos expressá-lo. Temos que ir além dos limites dos sentidos e transcender mesmo a razão. E possuímos poder para fazer isso.

## Primeira Parte

Segundo o raja-yogue, o mundo externo não passa da forma grosseira do mundo interno, sutil. O mais fino é sempre a causa, o mais grosseiro o efeito. O homem que descobre e aprende como manipular as forças internas, terá toda a natureza sob seu controle. A tarefa que o yogue se propõe realizar, é, nada mais, nada menos, do que dominar todo o universo, dominar toda a natureza. Deseja chegar ao ponto em que aquilo que chamamos leis da natureza, não tenha influência sobre ele; em que ele possa passar para além de todas elas. Dominará toda a natureza, interna e externa.

Todo o nosso conhecimento é baseado na experiência. O que chamamos conhecimento por inferência, no qual vamos do menor para o geral ou do geral para o particular, tem como base a experiência. No que chamam ciências exatas as pessoas facilmente encontram a verdade, porque elas apelam para as experiências de cada ser humano. O cientista não vos diz que acrediteis em coisa alguma, mas tem certos resultados que vêm de suas próprias experiências, e, raciocinando sobre eles, apela para alguma experiência universal da humanidade, ao pedir-vos que acrediteis em suas conclusões. Em toda a ciência exata há uma base comum a toda a humanidade, de forma que podemos ver imediatamente a verdade ou a falsidade das conclusões dali tiradas. Bem, a pergunta é a seguinte: A religião tem ou não tem essa base? Terei de responder tanto pela negativa como pela afirmativa.

Religião, tal como é geralmente ensinada no mundo todo, dizem estar baseada na fé e na crença, e na maioria dos casos consiste apenas em diferentes séries de teorias. Essa é a razão pela qual encontramos as religiões discutindo umas com as outras. Essas teorias, além disso, são baseadas na crença. Um homem me diz que há um grande Ser sentado sobre as nuvens, governando todo o universo, e me pede que acredite apenas na autoridade de sua afirmativa. Da mesma maneira eu posso ter minhas próprias idéias, e pedir aos outros que acreditem nelas. Se me perguntarem a razão, eu não lhes poderei dar razão alguma. Por isso é que hoje em dia a religião e a filosofia metafísica têm mau nome. Todo o homem instruído parece dizer: "Oh! essas religiões não passam de um feixe de teorias sem qualquer padrão pelo qual possamos julgá-las, cada homem pregando suas próprias idéias de estimacão". Contudo, há uma base de crença universal na religião, governando todas as diferentes teorias e todas as idéias variáveis das diferentes seitas em diferentes países. Indo até suas raízes, verificamos que também elas estão baseadas em experiências; universais.

O cristão pede-vos que acrediteis em sua religião, que acrediteis em Cristo como encarnação de Deus, que acrediteis num Deus, numa alma, e num estado melhor da alma. Se eu lhe pedir que raciocine, ele me diz que acredita neles. Mas se fordes à nascente do Cristianismo, verificareis que ele é baseado na experiência. Cristo disse que viu Deus, os discípulos disseram ter sentido Deus, e assim por diante. Igualmente, no Budismo, trata--Se da experiência de Buda. Ele experimentou certas verdades, viu-as, teve contato com elas, e pregou-as ao mundo. Assim com os hindus. Em seus livros, os escritores, que são chamados rishis, ou sábios, declaram ter tido experiência em certas verdades, e essas verdades pregam.

Assim, é claro que todas as religiões do mundo foram construídas sobre esse fundamento universal e adamantino de todo o nosso conhecimento - a experiência direta. Os Mestres todos viram Deus, todos eles viram suas próprias almas, viram seu futuro, viram sua eternidade, e pregaram o que viram. Contudo, há uma diferença: a maioria dessas religiões, especialmente nos tempos modernos, faz uma declaração peculiar, isto é, que tais experiências são, impossíveis nos dias presentes. Foram possíveis apenas para uns poucos homens, fundadores das religiões que, subseqüentemente, levaram seus nomes. No tempo presente tais experiências se tornaram obsoletas, e portanto, ternos que tomar a religião como crença, agora.

Nego inteiramente semelhante idéia. Se houve uma experiência neste mundo, em qualquer ramo particular do conhecimento, segue-se, absolutamente, que tal experiência foi possível milhões de vezes antes e se repetirá eternamente. Uniformidade é lei rigorosa da \*natureza: o que uma vez aconteceu, pode acontecer sempre.

Os mestres da ciência Raja-Yoga declaram que a religião não é apenas baseada na experiência dos velhos tempos, mas que homem algum pode ser religioso enquanto não tiver por si mesmo as mesmas percepções. Raja-Yoga é a ciência que nos ensina a obter essas percepções. Não adianta muito falar sobre religião enquanto a pessoa não a sentiu. Por que há tanta perturbação, tanta luta e discussão em nome de Deus? Tem havido mais derramamento de sangue em nome de Deus do que por outra causa qualquer, porque as pessoas nunca vão às fontes de origem. Contentam-se com o dar assentimento mental aos costumes de seus antepassados, e desejam que os outros façam o mesmo. Que direito tem um homem de dizer que possui uma alma se não a sente, ou que há um Deus, se não o vê? Se há um Deus, ele deve vê-lo e se há uma alma, deve percebê-la, de outra forma é melhor não acreditar. É melhor ser um ateu declarado do que um hipócrita.

A idéia moderna, por outro lado, exposta pelos "eruditos", diz que a religião, a metafísica, e toda a busca de um Ser Supremo, são fúteis. Por outro lado, os semi-instruídos parecem considerar que essas coisas realmente não têm base, e seu único valor consiste no fato de fornecerem fortes poderes de motivação para fazer bem ao mundo. Se os homens acreditam num Deus, podem tornar-se bons e morais, e assim se fazem bons cidadãos. Não podemos censurá-los por manterem tais idéias, vendo ' que todo o ensinamento que tais homens obtêm resume-se, simplesmente, em acreditarem numa mixórdia de palavras, sem qualquer substância a ampará-las. Pedem-lhes que vivam sobre tais palavras. Podem fazer isso? Se o pudessem, eu não teria qualquer consideração pela natureza humana. O homem deseja a verdade, deseja experimentar a verdade por si mesmo. Quando a tiver obtido, compreendido, sentido dentro do âmago de seu coração, então, e só então - declaram os Vedas - todas as dúvidas se desvanecerão, todas as trevas serão afastadas, e tudo quanto é torto se endireitará. "Vós, filhos da imortalidade, mesmo os que vivem nas mais altas esferas, o caminho foi achado. Há um caminho para fora de toda essa treva, e é o caminho da percepção d'Ele, que está acolá de todas as trevas. Não há outro caminho."

A ciência Raja-Yoga propõe-se a colocar diante da humanidade um método organizado prática e cientificamente, para alcançar essa verdade. Em primeiro lugar, toda a ciência tem seu método próprio de investigação. Se desejais tornar-vos astrônomo, e vos sentardes, gritando: "Astronomia! Astronomia!", jamais o sereis. Se desejardes ser um astrônomo, tereis de ir para um observatório, apanhar um telescópio, estudar estrelas e planetas, e então podereis vir a ser um astrônomo. Cada ciência deve ter seu método próprio. Eu poderia pregar milhares de sermões, mas eles não vos fariam religiosos, enquanto não praticásseis o método. Essas são as verdades dos sábios de todos os países, de todas as épocas, de homens puros e destituídos de egoísmo, que não têm outro motivo senão fazer bem ao mundo. Todos eles declaram que encontraram alguma verdade mais alta do que a que os sentidos nos podem trazer, e convidam-nos à verificação. Pedem-nos que aceitemos o método e o pratiquemos honestamente. Então, se não encontrarmos aquela verdade mais alta, teremos o direito de dizer que não há verdade na declaração. Mas, antes de termos feito isso, não será racional que neguemos a verdade de suas afirmativas. Portanto, devemos trabalhar fielmente, usando os métodos prescritos, e a luz virá

Adquirindo conhecimento, fazemos uso da generalização, e a generalização está baseada na observação. Primeiro observamos os fatos, depois generalizamos, para depois retirarmos daí conclusões e princípios. O conhecimento da mente, da natureza interna do homem, do pensamento, jamais pode ser obtido enquanto não tivermos o poder de observar os fatos que se passam internamente. É relativamente fácil observar os fatos que se passam muitos instrumentos foram inventados para esse "mundo", pois mim mas para o mundo interior não temos instrumento que nos valha. Ainda assim, sabemos que devemos observar, a fim de adquirir verdadeira ciência. Sem análise própria, qualquer ciência seria inútil, mera teoria. Por isso é que todos os psicólogos vêm discutindo entre si desde os começos dos tempos, a não ser os poucos que encontraram os meios de observação.

A ciência Raja-Yoga, em primeiro lugar, propõe-se a nos dar esses meios de observação dos estados internos. O instrumento é a própria mente. O poder de atenção, quando adequadamente orientado e dirigido para o mundo interior, analisará a mente e iluminará os fatos para nós. Os poderes da mente são como raios de luz dissipados. Quando se concentram, iluminam. Esse é o nosso único meio de conhecimento. Todos o estão usando, tanto no mundo interno como no externo, mas, para o psicólogo, a mesma minuciosa observação que o homem de ciência dirige ao mundo exterior deve ser usada para o mundo interior. E isso requer muitíssima prática. Da nossa infância para diante nos ensinaram a dar atenção apenas ao que é exterior, e nunca ao que é interior. Daí a maioria dentre nós ter quase perdido a faculdade de observar o mecanismo interior. Virar a mente ao avesso, por assim dizer, impedi-la de ir para fora, e então concentrar todos os seus poderes e atirá-los sobre a própria mente de forma que ela possa conhecer sua própria natureza, analisar-se, é trabalho duro. Ainda assim, é a única forma para chegar ao que quer que represente aproximação científica do assunto.

Qual é a utilidade de semelhante conhecimento? Em primeiro lugar, o conhecimento em si mesmo é a mais alta recompensa do conhecimento e, em segundo lugar, há ainda utilidade nele. Varrerá de nós toda a angústia. Quando, através da análise de sua própria mente, o homem se vê face a face, por assim dizer, com algo que jamais é destruído, com algo que é, pela sua própria natureza, eternamente puro e perfeito, já não se sentirá angustiado, já não se sentirá infeliz. Toda a angústia vem do medo, do desejo insatisfeito. O homem descobrirá que não morre nunca, e então já não temerá a morte. Quando ele souber que é perfeito, não mais terá desejos vãos. E ambas as causas se ausentando, não mais haverá angústia, e sim bem-aventurança perfeita, mesmo enquanto estiver neste corpo.

Há um único método pelo qual se pode obter esse conhecimento: é a chamada Concentração. O químico, em seu laboratório, concentra todas as energias de sua mente num foco e projeta-a sobre os materiais que está analisando, a fim de descobrir os seus segredos. O astrônomo concentra todas as energias de sua mente e projeta-as através do seu telescópio para os céus. E as estrelas, o Sol, e a Lua, entregam-lhe os seus segredos.

Como foi obtido todo o conhecimento do mundo senão pela concentração dos poderes da mente? O mundo está pronto a entregar seus segredos, se soubéssemos ao menos como bater-lhe à porta, como dar o golpe necessário. O vigor e a força do golpe vêm através da concentração. Não há limites para o poder da mente humana. Quanto mais concentrada é, mais poder atrai para reforçar determinado ponto: esse é o segredo.

É fácil concentrar a mente em coisas exteriores, pois ela se dirige naturalmente para fora. Mas não acontece isso no caso da religião, da psicologia, da metafísica, quando a substância e o objeto são um. O objeto é interno - a própria mente é o objeto - e é necessário estudar a própria mente, a mente estudando a mente. Sabemos que existe um poder mental chamado reflexão. Eu vos estou falando. Ao mesmo tempo estou de lado, uma segunda pessoa, por assim dizer, sabendo e ouvindo o que estou dizendo. Vós trabalhais e pensais ao mesmo tempo, enquanto uma porção de vossa mente fica de lado e vê o que estais pensando. Os poderes da mente devem ser concentrados e retornados para ela própria, e, assim como os lugares mais trevosos revelam seus segredos diante dos raios de Sol que neles se introduzem, a mente concentrada será penetrada pelos mais recônditos segredos. Assim, chegaremos à base da crença, à real, genuína religião. Perceberemos, por nós mesmos, se temos almas, se a vida conta com cinco minutos ou com a eternidade, se há um Deus ou não no universo. Tudo isso nos será revelado.

É isso que o Raja-Yoga se propõe a ensinar. A meta de todo o seu ensinamento está em como concentrar a mente, depois em como descobrir os recessos mais recônditos de nossas próprias mentes, e a seguir, como generalizar seu conteúdo, e formar, através dele, nossas próprias conclusões. Portanto, ela jamais pergunta qual é a nossa religião - se somos deístas, ou ateus; se somos cristãos, judeus ou budistas. Somos seres humanos, e isso é o suficiente. Cada ser humano tem o direito e o poder de procurar a religião, cada ser humano tem o direito de perguntar os por quês à razão e ter a resposta a essas perguntas, respostas dadas por ele mesmo, se quiser votar a esse trabalho.

Até aqui, portanto, vemos que no estudo de Raja-Yoga não é necessário fé ou crença. Não creiais em nada enquanto não o descobrires por vós mesmos, isso é o que ela nos ensina. A verdade não precisa de escora que a sustente. Quereis dizer que os fatos de nosso estado vigilante requerem alguns sonhos ou quimeras que os provem? Certamente que não, O estudo da Raja-Yoga requer bastante tempo e prática constante. Uma parte dessa prática é física, mas na maioria é mental. Com a continuação, descobriremos quanto a mente está intimamente ligada ao corpo. Se acreditarmos que a mente é, simplesmente, uma parte mais sutil do corpo, e que a mente age sobre o corpo, então a mão nos dirá que o corpo deve reagir sobre a mente. Se o corpo está doente, a mente também se torna doente. Se o corpo está sadio, a mente permanece sadia e forte. Quando estamos zangados a mente se perturba. A maioria da humanidade traz a mente sob grande controle do corpo, pois sua mente é pouco desenvolvida. A vasta massa da humanidade está bem pouco distante dos animais. Não só isso, mas em muitos casos o poder de controle, nessa maioria, é pouco mais alto do que o dos animais considerados como os inferiores de sua espécie. Temos bem pouca ascendência sobre nossas mentes.

Portanto, para obter essa ascendência, para conseguir controle sobre o corpo e a mente, precisaremos de alguns auxílios físicos. Quando o corpo estiver suficientemente controlado, podemos tentar a manipulação da mente. Manipulando a mente, poderemos trazê-la sob nosso controle, e compeli-la a concentrar-se nos poderes que desejamos.

De acordo com a Raja-Yoga, o mundo exterior não passa da forma grosseira do mundo interior, ou sutil. O mais fino é sempre a causa, o mais grosseiro o efeito. Assim, o mundo exterior é o efeito, o interior é a causa. Da mesma maneira, as forças interiores são mais finas. O homem que descobriu e aprendeu como manipular as forças interiores, obterá o controle de toda a natureza. O yogue propõe-se nada menos do que dominar todo o universo, controlar toda a natureza. Deseja chegar ao ponto em que podemos dizer que aquilo que chamamos leis da natureza não terão influência sobre ele, em que estará em condições de passar para além de todas elas. Dominará toda a natureza, interior e exterior. O progresso e a civilização desta raça humana simplesmente significa o controle dessa natureza.

Raças diferentes podem usar processos diferentes para controlar a natureza. Tal como na mesma sociedade alguns indivíduos desejam controlar a natureza exterior e outros a interior, assim entre as raças algumas desejam controlar a natureza exterior, e outras a interior. Algumas dizem que controlando a natureza interior controlamos tudo. Levadas ao extremo, ambas têm razão, porque na natureza não há tal divisão em exterior e interior. São, essas, limitações fictícias, que jamais existiram. Os exterioristas e os interioristas estão destinados a encontrarem-se no mesmo lugar, quando ambos alcançarem o ponto extremo de seu conhecimento. Tal como o físico, quando leva seu conhecimento aos seus limites e os encontra fundindo-se com a metafísica, os metafísicos descobrirão que o que chamam mente e matéria são apenas distinções aparentes; a realidade é Uma.

O fim e objetivo de toda a ciência é encontrar a unidade, o Um, do qual as cópias estão sendo manufaturadas, o Um existindo como todas elas. Raja-Yoga propõe começar do mundo interior, estudar a natureza interior, e, através dela, controlar o todo - tanto interior como exterior.

## Segunda parte

A prática é absolutamente necessária. Podeis sentar-vos e ouvir-me uma hora por dia, mas se não praticardes, não adiantareis um só passo para a frente. Tudo depende da prática. jamais compreenderemos essas coisas se não as experimentar-mos. Temos que vê-las e senti-las por nós mesmos. Simplesmente ouvir explicações o teorias nada adiantará.

~ A Raja-Yoga está dividida em oito passos. O primeiro é yama - não matar, não mentir, não roubar, não ser incontinente, e não cobiçar. Depois vem niyama - pureza, contentamento, austeridade, estudo e entrega de si próprio a Deus. A seguir vêm âsana, ou postura; pranayama, ou controle do prana; pratyahara, ou retração dos sentidos; dhâra, ou concentração da mente num ponto; dhyana, ou meditação; e samadhi, ou contemplação.

Yama e niyama são treinamentos morais. Sem eles como base, não há prática de Yoga bem sucedida, e uma vez estabelecidos, o yogue começa a compreender os frutos de sua prática. Um yogue não deve pensar em magoar seja quem for, por pensamentos, palavras ou atos. A misericórdia não deve limitar-se apenas ao homem, mas ir além e abarcar todo o mundo.

O passo seguinte é âsana, postura. Uma série de exercícios, físicos e mentais devem ser feitos todos os dias, até que certos estados superiores sejam alcançados. Portanto, é muito necessário que encontremos a postura na qual possamos permanecer por mais tempo. A postura mais fácil para cada um deve ser a es. colhida. Para pensar, uma determinada postura pode ser muito fácil para um homem, mas muito difícil para outro. As correntes dos nervos têm de ser deslocadas e conduzidas a um novo canal. Novas espécies de vibrações começarão, e toda a constituição será remodelada, por assim dizer. Mas a maior parte da atividade residirá ao longo da coluna vertebral, de forma que o necessário para a postura é manter a coluna vertebral livre, sentando-se ereto, mantendo as três partes - peito, pescoço e cabeça - em linha reta. Deixai que todo o peso do corpo seja suportado pelas costelas, e então tereis uma postura fácil, natural, com a espinha ereta. Podereis ver, muito facilmente, que não tereis pensamentos muito altos, se encolherdes o peito.

Essa parte da Raja-Yoga é algo idêntica à HathaYoga, que trata precisamente do corpo físico, e visa tornar o corpo físico bastante forte. Nada temos a ver com isso aqui, porque suas práticas são muito difíceis e não podem ser aprendidas num dia. Afinal, nem conduzem a um crescimento espiritual muito grande. Seu objetivo é físico, não psicológico. Não há músculo do corpo sobre o qual o homem não possa exercer perfeito controle. O coração pode ser detido ou novamente posto em movimento, à vontade, e cada órgão físico pode ser controlado da mesma maneira. O resultado dessa parte ' da Yoga é fazer que os homens vivam muito: a saúde é a idéia principal, o único objetivo do hatha-yogue. Ele está disposto a não adoecer, e nunca adoecer. Vive muito. Cem anos nada é para ele. Quando chega ao cento e cinqüenta anos, está viçoso e jovem, sem um fio de cabelo branco. Mas isso é tudo. Uma árvore banyan<sup>9</sup> - a figueira da Índia - vive, às vezes, cinco mil anos, mas não passa de uma banyan. , Assim, se um homem vive muito, não passa de um animal sadio.

A prática é absolutamente necessária. Podeis sentar-vos e ouvir-me uma hora por dia, mas se não praticardes, não dareis um só passo para a frente. Tudo depende da prática. Jamais entendemos as coisas enquanto não as experimentamos. Temos de ver e sentir por nós mesmos. Ouvir, simplesmente, explicações e teorias, de nada adiantará.

Há vários obstáculos à prática: o primeiro é um corpo sem saúde. Se o corpo não está em condições apropriadas, a prática será obstruída. Portanto, temos de manter o corpo em boa saúde. Temos de cuidar do que comemos e bebemos, e do que fazemos. Sempre faremos um esforço mental para manter o corpo forte. Isso é tudo - nada mais além do que se refere ao corpo. Não devemos esquecer de que a saúde não passa de um meio para atingir um fim. Sua saúde fosse o fim, seríamos como os animais. Os animais raramente adoecem.

O segundo obstáculo é a dúvida. Sempre nos sentimos tomados de dúvidas sobre as coisas que não vemos. Os homens não podem viver de palavras, por mais que o tentem. Assim, assalta-nos a dúvida sobre se haverá ou não alguma verdade nessas coisas, e mesmo o melhor de nós às vezes duvida. Com a prática, dentro de poucos dias, um pequeno vislumbre virá, o bastante para nos dar encorajamento e esperança. Certo comentarista da filosofia Yoga diz: "Quando uma prova é obtida, por pequena que seja, traz-nos fé no ensinamento integral da yoga". Esses vislumbres virão, aos poucos, de início, mas o bastante para vos dar fé, força e esperança. Por exemplo, se concentrardes vosso pensamento na ponta de vosso nariz, dentro de alguns dias começareis a sentir uma deliciosa fragrância, que será bastante para mostrar-vos que há certas percepções mentais que se podem tornar evidentes sem o contato dos objetos físicos.

Mas devemos-nos lembrar, sempre, de que esses são apenas os meios. A meta, o fim, o objetivo de todo esse treinamento, é a libertação da alma, Controle absoluto da natureza, e nada menos do que isso, deve ser o objetivo. Podemos ser os senhores, e não os escravos da natureza. Nem o corpo nem a mente devem ser nossos senhores, nem devemos nos esquecer de que o corpo é nosso e não somos do corpo.

Um deus e um demônio foram aprender a respeito do Eu com um grande sábio: Estudaram com ele durante muito tempo. Por fim, o sábio lhes disse: "Vós mesmos sois o Ser que estais procurando". Ambos pensaram que seus corpos eram o Eu. Voltaram ao seu povo, muito satisfeitos, e disseram: "Aprendemos tudo quanto há para aprender: comi, bebi, e alegrei-vos. Somos o Eu. Nada há além de nós".

A natureza do demônio era ignorante, enevoada, por isso jamais indagou para além daquilo, mas ficou perfeitamente satisfeito com a idéia de que era Deus, de que "Eu" queria dizer „corpo". O deus tinha natureza mais pura. De início, cometeu o erro de pensar: "Eu, este corpo, sou Brama. Por isso, mantenho-o forte e saudável, bem vestido, e ofereço-lhe toda a sorte de prazeres". Dentro de poucos dias, porém, descobriu que não fora aquilo que o sábio, seu mestre, quisera dizer. Deveria haver algo mais alto. Assim, voltou, e disse: "Senhor, ensinaste-me que este corpo era o Eu? Se é assim, vejo todos os corpos morrerem, e o Eu não pode morrer".

O sábio falou: "Descobre: tu és Aquele!" Então, o deus pensou que o sábio se referisse às forças vitais que fazem o corpo trabalhar. Mas, depois de algum tempo, viu que se comesse, as forças vitais permaneceriam fortes, porém, se passasse fome, elas se tornariam fracas. Voltou ao sábio e disse: "Senhor, quereis dizer que as forças vitais são o Eu?" O sábio falou: "Descobre por ti mesmo: tu és Isto!"

---

<sup>9</sup> Banyan - Arvore da India, o Ficus indica, notável pela copa imensa, sob a qual os banianos, seita hindu de comerciantes, costumam instalar seu mercado. Daí o nome da árvore, que, quando alcança os cem anos, pode abrigar sob sua sombra alguns milhares de homens.

O deus mais uma vez voltou para a sua casa, pensando que talvez a mente fosse o Eu. Logo depois, entretanto, viu que os pensamentos eram tão vários, ora bons, ora maus. A mente era mutável. demais para ser o Eu. Voltou ao sábio, e disse: "Senhor, acho que a mente não é o Eu. Foi isso que quisestes dizer?" E o sábio replicou: "Não. Tu és Aquele! Descobre por ti mesmo".

O deus voltou ao lar e finalmente descobriu que ele era o Eu, para além de qualquer pensamento, um, sem nascimento e sem morte, que o ar não podia secar ou a água dissolver; o sem começo e sem fim, o inabalável, o intangível, o onisciente, o Ser onipotente, que não era o corpo ou a mente, mas estava além de ambos. Assim, ficou satisfeito, mas o pobre demônio não obteve a verdade, porque amava demais seu próprio corpo.

O mundo tem grande número dessas criaturas demoníacas, ma tem alguns deuses, também. Se alguém se propõe ensinar qualquer ciência para aumentar a capacidade de sentir prazer, esse alguém encontra multidões prontas para receber seus ensinamentos. Se alguém pretende mostrar a meta suprema, bem poucos o querem ouvir. Se muito poucos têm o poder de alcançar o mais alto, ainda menor é o número dos que têm paciência para obter o mais alto. Mas também há outros, certos de que, embora o corpo pudesse ser feito para durar milhares de anos, o resultado, no fim, seria o mesmo. Quando as forças que o mantêm intacto desaparecem, o corpo tem de cair. jamais nasceu um homem que pudesse evitar, por um momento que fosse, as modificações de seu corpo. Corpo é o nome dado a uma série de modificações. "Assim como num rio as massas de água estão-se modificando diante de vós a cada momento, e novas massas vão chegando, embora tomem forma similar, o mesmo acontece com o corpo." Apesar disso o corpo precisa ser mantido sadio e forte. É o melhor instrumento de que dispomos.

Voltando ao nosso assunto, chegamos a seguir ao pranayama, controle da respiração. Que tem isso a ver com os poderes de concentração da mente? A respiração é como o volante desta máquina, o corpo. Numa grande máquina encontrais o volante se movimento, e aquele movimento é comunicado à maquinaria cada vez mais fina, até que o mais delicado, o mais fino maquinismo da máquina é posto em movimento. A respiração é o volante, suprindo e regulando a força motriz de tudo neste corpo.

Houve, certa vez, um ministro de um grande rei, que veio a cair em desgraça. O rei, como castigo, ordenou que o encerrassem numa torre muito alta. Isso foi feito, e ali o ministro foi deixado, para morrer. Tinha ele, entretanto, uma esposa fiel, que veio ter à torre, pela noite, e chamou o marido lá no alto para saber o que poderia fazer por ele. Disse-lhe o homem que voltasse na noite seguinte e trouxesse uma corda comprida, um pouco de cordão bem forte, barbante, fio de seda, um besouro, e um pouco de mel. Embora muito espantada, a boa esposa obedeceu e levou-lhe os artigos pedidos. O marido disse-lhe que amarrasse bem o fio de seda no besouro, depois untasse as antenas dele com uma gota de mel e o libertasse na parede da torre, com a cabeça voltada para cima. A mulher cumpriu aquelas instruções e o besouro iniciou sua longa jornada. Sentindo diante de si o cheiro do mel, foi-se arrastando para a frente, subindo, na esperança de alcançá-lo, até que chegou ao alto da torre, onde o ministro o agarrou e se apoderou do fio de seda. Disse, então, à esposa, que amarrasse na outra ponta o barbante, e depois de o ter içado, repetiu o processo com o cordão forte, e, finalmente, com a corda. O resto foi fácil. O ministro desceu da torre por meio da corda, e fugiu.

Neste nosso corpo o movimento respiratório é o fio de seda. Mantendo-o e aprendendo a controlá-lo, apanhamos o barbante das correntes nervosas. Delas virá o cordão forte de nossos pensamentos, e, finalmente, a corda do prana<sup>10</sup>. Ao controlarmos o Prana, alcançaremos a liberdade.

Nada sabemos sobre nossos próprios corpos. Não podemos sabê-lo. Podemos, no máximo, cortar em pedaços um corpo morto, a fim de ver o que há dentro dele. Ainda assim, tal coisa nada tem a ver com os nossos próprios corpos. Sabemos bem pouco sobre eles. Por que acontece isso? Porque nossa atenção não é bastante discriminatória para perceber os movimentos muito finos que se dão lá dentro. Só podemos ter conhecimento deles quando a mente se torna mais sutil e, por assim dizer, entra mais profundamente no corpo. Para obter a percepção sutil, temos de começar pelas percepções mais grosseiras. Temos que nos apossar daquilo que põe toda a máquina em movimento. Isso é o prana, cuja mais evidente manifestação é a respiração. Então, com a respiração, entraremos lentamente no corpo, o que nos possibilitará a descoberta das forças sutis, das correntes nervosas que se estão movendo através dele. Assim que as percebermos e aprendermos a senti-las, começaremos a controlá-las, e a controlar o corpo. A mente também é posta em movimento por essas diferentes correntes nervosas. Assim, finalmente alcançaremos o estado de controle perfeito do corpo e da mente, fazendo de ambos os nossos servos. Conhecimento é poder. Temos de conseguir esse poder.

---

<sup>10</sup> Prana - Energia primordial, donde derivam todas as demais energias.

Assim que começardes a sentir essas correntes em movimento dentro de vós mesmos, todas as dúvidas se desvanecerão, mas isso exige rigorosa prática diária. Deveis praticá-lo pelo menos duas vezes por dia, e as melhores horas são ao amanhecer e ao anoitecer. Quando a noite se transforma em dia, e o dia em noite, surge um estado de relativa calma. A madrugada e o entardecer são dois períodos de tranquilidade. Vosso corpo mostrará uma tendência para fazer-se calmo, nessas horas. Devemos aproveitar essa condição natural e começar a praticar, então. Tomai como regra não comer enquanto não tiverdes; praticado. Se fizerdes isso, a pura força da fome romperá vossa preguiça. Na o mais alto, ainda menor é o número dos que têm paciência para obter o mais alto. Mas também há outros, certos de que, embora o corpo pudesse ser feito para durar milhares de anos, o resultado, no fim, seria o mesmo. Quando as forças que o mantêm intacto desaparecem, o corpo tem de cair. jamais nasceu um homem que pudesse evitar, por um momento que fosse, as modificações de seu corpo. Corpo é o nome dado a uma série de modificações. "Assim como num rio as massas de água estão-se modificando diante de vós a cada momento, e novas massas vão chegando, embora tomem forma similar, o mesmo acontece com o corpo." Apesar disso o corpo precisa ser mantido sadio e forte. É o melhor instrumento de que dispomos.

Voltando ao nosso assunto, chegamos a seguir ao pranayama, controle da respiração. Que tem isso a ver com os poderes de concentração da mente? A respiração é como o volante desta máquina, o corpo. Numa grande máquina encontrais o volante se movimento, e aquele movimento é comunicado à maquinaria cada vez mais fina, até que o mais delicado, o mais fino maquinismo da máquina é posto em movimento. A respiração é o volante, suprimindo e regulando a força motriz de tudo neste corpo.

Houve, certa vez, um ministro de um grande rei, que veio a cair em desgraça. O rei, como castigo, ordenou que o encerrassem numa torre muito alta. isso foi feito, e ali o ministro foi deixado, para morrer. Tinha ele, entretanto, uma esposa fiel, que veio ter à torre, pela noite, e chamou o marido lá no alto para saber o que poderia fazer por ele. Disse-lhe o homem que voltasse na noite seguinte e trouxesse uma corda comprida, um pouco de cordão bem forte, barbante, fio de seda, um besouro, e um pouco de mel. Embora muito espantada, a boa esposa obedeceu e levou-lhe os artigos pedidos. O marido disse-lhe que amarrasse bem o fio de seda no besouro, depois untasse as antenas dele com uma gota de mel e o libertasse na parede da torre, com a cabeça voltada para cima, A mulher cumpriu aquelas instruções e o besouro iniciou sua longa jornada. Sentindo diante de si o cheiro do mel, foi-se arrastando para a frente, subindo, na esperança de alcançá-lo, até que chegou ao alto da torre, onde ? ministro o agarrou e se apoderou do fio de seda. Disse, então, \* esposa, que amarrasse na outra ponta o barbante, e depois de \* ter içado, repetiu o processo com o cordão forte, e, finalmente, com a corda. O resto foi fácil. O ministro desceu da torre por meio da corda, e fugiu.

Neste nosso corpo o movimento respiratório é o fio de seda. Mantendo-o e aprendendo a controlá-lo, apanhamos o barbante

das correntes nervosas. Delas virá o cordão forte de nossos pensamentos, e, finalmente, a corda do prana<sup>11</sup>. Ao controlarmos o Prana, alcançaremos a liberdade.

Nada sabemos sobre nossos próprios corpos. Não podemos sabê-lo. Podemos, no máximo, cortar em pedaços um corpo morto, a fim de ver o que há dentro dele. Ainda assim, tal coisa nada tem a ver com os nossos próprios corpos. Sabemos bem pouco sobre eles. Por que acontece isso? Porque nossa atenção não é bastante discriminatória para perceber os movimentos muito finos que se dão lá dentro. Só podemos ter conhecimento deles quando a mente se torna mais sutil e, por assim dizer, entra mais profundamente no corpo. Para obter a percepção sutil, temos de começar pelas percepções mais grosseiras. Temos que nos apossar daquilo que põe toda a máquina em movimento. Isso é o prana, cuja mais evidente manifestação é a respiração. Então, com a respiração, entraremos lentamente no corpo, o que nos possibilitará a descoberta das forças sutis, das correntes nervosas que se estão movendo através dele. Assim que as percebermos e aprendermos a senti-las, começaremos a controlá-las, e a controlar o corpo. A mente também é posta em movimento por essas diferentes correntes nervosas. Assim, finalmente alcançaremos o estado de controle perfeito do corpo e da mente, fazendo de ambos os nossos servos. Conhecimento é poder. Temos de conseguir esse poder.

---

<sup>11</sup> Prana - Energia primordial, donde derivam todas as demais energias.

Assim que começardes a sentir essas correntes em movimento dentro de vós mesmos, todas as dúvidas se desvanecerão, mas isso exige rigorosa prática diária. Deveis praticá-lo pelo menos duas vezes por dia, e as melhores horas são ao amanhecer e ao anoitecer. Quando a noite se transforma em dia, e o dia em noite, surge um estado de relativa calma. A madrugada e o entardecer são dois períodos de tranquilidade. Vosso corpo mostrará uma tendência para fazer-se calmo, nessas horas. Devemos aproveitar essa condição natural e começar a praticar, então. Tomai como regra não comer enquanto não tiverdes praticado. Se fizerdes isso, a pura força da fome romperá vossa preguiça. Na Índia ensinam as crianças a jamais comer enquanto não tiverem praticado, ou feito seu culto, e isso, depois de algum tempo, se torna natural para elas. Um rapaz não sente fome enquanto não se banhou e não praticou.

Aqueles dentre vós que o puderem conseguir, devem ter um aposento exclusivo para essa prática. Não durmais nesse aposento, que deve permanecer sagrado. Não deveis entrar nele enquanto não vos tiverdes banhado e não estiverdes perfeitamente limpo de corpo e mente. Colocai sempre flores nesse quarto - são a melhor vizinhança para um yogue - e quadros agradáveis. Queimai incenso, pela manhã e à noite. Não deveis manter pensamentos profanos, coléricos, ou polêmicos naquele aposento. Nele só deveis permitir a entrada de pessoas que pensam como vós. Então, paulatinamente, uma atmosfera de santidade se estabelecerá no aposento, de forma que quando vos sentirdes angustiado, desgostoso, hesitante, ou quando vossa mente estiver perturbada, o simples fato de entrardes ali vos trará calma. Essa foi a idéia do templo e da igreja, e em alguns deles ainda hoje encontrais isso, embora na maioria a idéia se tenha perdido. O fato é que, criando vibrações sagradas num lugar, ele se tornará sagrado, e assim permanecerá. Os que não puderem ter um aposento separado, praticarão onde lhes pareça melhor.

Sentai-vos em postura direita. A primeira coisa a fazer é enviar uma corrente de pensamentos puros a toda criação. Repeti, mentalmente: "Que todas as - criaturas sejam felizes, que todas estejam em paz, que todas estejam na bem-aventurança." Fazei isso, para leste, para o sul, para o norte, e para o oeste. Quanto mais fizerdes isso, melhor vos sentireis. Descobrireis, finalmente, que a forma mais fácil de nos fazermos sadios é ver que os outros sejam sadios, e a maneira mais fácil de nos fazermos felizes é ver que os outros são felizes. Isso feito, os que acreditam em Deus devem rezar - não pedindo dinheiro, nem saúde, nem o céu. Rezaí pedindo conhecimento e luz. Toda a prece que não seja essa, é egoísta. A seguir, pensai em vosso próprio corpo, e vede-o forte e saudável: é o melhor instrumento que tendes. Pensai nele como sendo forte como o diamante, e que com o auxílio desse corpo atravessareis o oceano da vida. A liberdade jamais é conseguida pelos fracos. Expulsai toda a fraqueza. Dizei ao vosso corpo que ele é forte, dizei à vossa mente que ela é forte, e mantende ilimitada fé e esperança em vós mesmos.

Teremos agora que enfrentar os exercícios de pranayama. O primeiro passo, de acordo com os yogues, é controlar os movimentos dos pulmões. O que desejamos fazer é sentir os movimentos mais tênues que se dão em nosso corpo. Nossas mentes tornaram-se exteriorizadas e perderam de vista os movimentos interiores. Se pudermos começar a senti-los, poderemos começar a controlá-los. Essas correntes nervosas passam pelo corpo todo, levando vida e vitalidade a cada músculo, mas nós não as sentimos. O yogue diz que podemos aprender a senti-las. Como? Percebendo e controlando os movimentos dos pulmões. Quando tivermos feito isso pelo espaço de tempo suficiente, estaremos em condições de controlar movimentos mais tênues.

Sentai-vos direito: o corpo deve ser mantido direito. A medula espinhal, embora não ligada à coluna vertebral, ainda assim está dentro dela. Se vos sentais curvado, perturbaís essa medula espinhal. Portanto, deixai-a livre. De todas as vezes que vos sentais curvado e tentais meditar, estais-vos prejudicando. As três partes do corpo - peito, pescoço e cabeça - devem ser mantidas sempre direitas, numa só linha. Vereis que com um pouco de prática isso vos virá tão facilmente quanto a respiração. A segunda coisa é o controle dos nervos. O centro nervoso que controla os órgãos respiratórios tem uma espécie de efeito controlador sobre os demais nervos, e a respiração rítmica é, portanto, necessária. A respiração que geralmente usamos não deveria ser chamada absolutamente respiração, pois é muito irregular.

A primeira lição é apenas respirar, em medida, para dentro e para fora. Isso harmonizará o sistema. Quando tiverdes praticado isso por algum tempo, fareis bem em juntar a repetição de alguma palavra, como Om, ou qualquer outra palavra sagrada. Na Índia usamos certas palavras simbólicas, em lugar de contar um dois, três, quatro. Por isso é que vos aconselho a juntar a repetição mental de Om ou de qualquer outra palavra sagrada ao pranayama. Que a palavra vá e venha com a respiração, ritmada, harmoniosamente, e vereis que todo o corpo se vai tornando rítmico. Depois aprenderéis o que é o repouso. Comparado com ele, o sono não é repouso. Desde que tal repouso venha, acalmam-se os nervos mais cansados e verificareis que jamais tínheis repousado antes.

O primeiro efeito dessa prática é percebido pela mudança de expressão da face do praticante.

Linhas duras desaparecem e com o pensamento calmo, a tranqüilidade se espalha pelo tosto. Depois, vem uma bela voz. Jamais vi um yogue que tivesse voz crocitante. Esses sinais aparecem depois de alguns meses de prática.

O yogue afirma que de todas as energias existentes no corpo humano, a mais alta é a que chamam ojas. Ojas está armazenada no cérebro, e quanto mais ojas houver na cabeça de um homem, mais poderoso ele será, mais intelectual e espiritualmente mais forte. Um homem pode falar uma bela linguagem e expor belos pensamentos, mas não impressiona o povo. Outro homem não fala bonita linguagem nem expõe bonitos pensamentos, e ainda assim suas palavras encantam. Cada momento seu é poderoso. Esse é o poder de ojas.

Em cada homem há maior ou menor quantidade dessa vias armazenada. Todas as forças que trabalham no corpo com a maior energia tornam-se ojas. Deveis recordar que se trata apenas de uma questão de transformação. A mesma força que está agindo fora, como eletricidade ou magnetismo, será transformada em força interior, e a mesma força que está agindo como energia muscular, será transformada em ojas. Os yogues dizem que parte da energia humana que se expressa através da ação e do pensamento sexual, quando refreada e controlada, facilmente se transforma em ojas. Somente o homem ou a mulher castos podem fazer as ojas subirem e se armazenarem no cérebro, e por isso a castidade foi sempre considerada a mais alta virtude. O homem sente que se não guardar castidade, a espiritualidade se vai, e ele perde vigor mental e resistência moral. Por isso é que em todas as ordens religiosas do mundo, que produziram gigantes espirituais, encontrareis sempre a castidade absoluta tratada com insistência. Por isso é que existem monges desistindo do casamento. Sem ela, a prática da Raja-Yoga é perigosa e pode levar à insanidade. Se a pessoa pratica a Raja-Yoga e ao mesmo tempo leva uma vida impura, como pode esperar tomar-se yogue?

O passo seguinte é chamado pratyahara. Que vem a ser isso? Sabeis como vem a percepção. Antes de mais nada há os instrumentos externos, depois os órgãos internos, agindo através dos centros do cérebro, e por fim há a mente. Que todos eles se reúnem e se ligam a algum objeto externo, nós percebemos esse objeto. Ao mesmo tempo, é muito difícil concentrar a mente e ligá-la apenas a um órgão. A mente é escrava.

Ouvimos: "Sê bom!", "Sê bom!", e "Sê bom!", ensinado por todo o vasto mundo. Dificilmente uma criança, nascida seja em que país for, deixará de ter ouvido: "Não roubes!", "Não mintas!". Mas ninguém diz à criança como pode evitar tais coisas. Falar, apenas, não a auxilia. Por que não se tornaria ela um ladrão? Não lhe ensinamos como não roubar, mas dizemo-lhe, simplesmente: "Não roubes!" Só quando lhe ensinarmos a controlar sua mente, estaremos realmente auxiliando-a.

Todas as ações, internas e externas, ocorrem quando a mente se reúne a certos centros, chamados órgãos. Voluntária ou involuntariamente, ela é arrastada a reunir-se aos centros, e por isso é que as pessoas fazem coisa tolas e sentem-se angustiadas, o que não aconteceria se trouxessem a mente sob controle. Qual seria o resultado do controle da mente? Ela não se reuniria aos centros de percepção, e, naturalmente, sentimentos e vontade estariam sob controle.

Até aqui está claro. Mas é isso possível? É perfeitamente possível. Vós o vedes nos tempos modernos. Os que curam pela fé, ensinam as pessoas a negarem a angústia, a dor, o mal. Sua filosofia é um pouco em todas as direções, mas é uma parte da Yoga, sobre a qual de certa forma tropeçam. Quando conseguem que uma pessoa expulse o sofrimento através da negação dele, usam, realmente, uma parte de pratyahara, pois fazem a mente da pessoa bastante forte para ignorar os sentidos. Os hipnotizadores, de maneira idêntica, excitam, no paciente, pela sua sugestão, uma espécie de pratyahara mórbido, por algum tempo. A chamada sugestão hipnótica pode atuar apenas sobre uma mente fraca, e enquanto o operador, através do olhar fixo ou de outro processo qualquer, não consegue levar a mente do paciente a uma espécie de condição passiva, mórbida, suas sugestões jamais funcionarão.

Bem: o controle dos centros, que é estabelecido pelo operador durante algum tempo, num paciente hipnotizado, ou num paciente que se cura pela fé, é censurável, porque o conduz à ruína definitiva. Não se trata, realmente, do controle dos centros do cérebro pelo poder da vontade da própria pessoa, mas é, por assim dizer, o entorpecimento da mente do paciente durante algum tempo por súbitos golpes que a vontade alheia lhe desfere, refreamento por meio de rédeas e força muscular a carreira de uma Parelha violenta, mas através do corpo, através de Não é com o que se contém pedido a outrem para que de golpes pesados na cabeça dos cavalos, a fim de aturdi-los por algum tempo, e torná-los dóceis. Através de cada um desses processos o homem sobre o qual se opera, perde parte de suas energias mentais, até que, por fim, a mente, em lugar de ganhar o poder de controle perfeito, torna-se massa informe e destituída de poder. O único destino do paciente será o sanatório de lunáticos.

Toda a tentativa de controle que não seja voluntária, que não seja feita pela própria mente do indivíduo, não só é desastrosa, mas frustra sua própria finalidade. A finalidade de cada alma é a liberdade, o domínio - liberdade em relação à escravidão da matéria e do pensamento, domínio da natureza interna e externa. Portanto, tende o cuidado de não permitir que outros atuem sobre vós. Tende cuidado de não levardes outros à ruína, por ignorância. É verdade que alguns conseguem fazer bem a muitos, durante algum tempo, dando trilha nova para as suas propensões, mas ao mesmo tempo levam a ruína a milhões, pelas sugestões inconscientes que atiram em torno de si, levando homens e mulheres a essa condição mórbida, passiva, hipnótica, que os faz quase destituídos de alma, finalmente.

Quem quer que peça a alguém que acredite cegamente, ou arraste atrás de si as pessoas pelo poder controlador de sua vontade superior, faz mal à humanidade, embora não seja essa a sua intenção. Portanto, usai vossas próprias mentes, controlai vós mesmos o corpo e a mente, lembrai-vos de que a não ser que sejais uma pessoa doente, nenhuma vontade alheia pode agir sobre vós. Evitai todos que, por grandes e bons que sejam, vos peçam que acrediteis cegamente.

Por todo o mundo seitas dançarinas, saltadoras, vociferantes, têm existido, e sua influência espalha-se como infecção quando começam a cantar, a dançar e a pregar: também elas são uma espécie de hipnotismo. Exercem um controle singular durante certo prazo, sobre pessoas super-sensíveis, e chegam - ai! - com o correr do tempo, a degenerar raças inteiras. É mais saudável para as raças ou para os indivíduos permanecerem perversos do que se tornarem aparentemente bons através de tais controles alheios. Nosso coração abate-se ao pensarmos na quantidade de mal feito à humanidade por esses religiosos fanáticos, irresponsáveis, embora bem intencionados. Mal sabem que as mentes levadas a atingir de súbito o soerguimento espiritual sob as suas sugestões, com música e orações, estão simplesmente fazendo-se passivas, mórbidas e impotentes, abrindo-se a qualquer outra sugestão, mesmo que ela seja má. Mal sonham, essas pessoas ignorantes e iludidas, que enquanto se congratulam por causa de seus poderes miraculosos de transformar corações humanos, poder que imaginam ter-lhes sido infundido por algum Ser que está acima das nuvens, o que estão é lançando as sementes de decadência, crime, loucura, e morte, para o futuro. Portanto, cuidado com tudo quanto arrebate a vossa liberdade. Sabei que isso é perigoso e evitai-o por todos os meios ao vosso alcance.

Quem teve sucesso no ligar ou desligar sua mente dos centros, pela sua vontade, teve sucesso em pratyahara, o que significa ..reunir em direção", refrear os salientes poderes da mente, libertando-a do cativeiro dos sentidos. Quando pudermos fazer isso, realmente teremos caráter. Teremos, então, dado um grande passo em direção à liberdade: antes disso somos simples máquinas.

Como é difícil controlar a mente! Bem foi ela comparada ao macaco louco. Havia um macaco, irrequieto pela sua própria natureza, como são todos os macacos. Como se isso não bastasse, alguém fez com que ele tomasse bastante vinho, de forma que se tornou ainda mais irrequieto. Então, um escorpião lhe deu uma ferroadada. Quando um homem recebe a ferroadada de um escorpião, fica saltando durante um dia inteiro, e, assim, o pobre macaco viu sua condição tornar-se pior do que nunca. Para completar sua angústia, um demônio entrou nele. Que linguagem pode descrever a incontrolável inquietação daquele macaco? A mente humana é, como ele, incessantemente ativa por sua própria natureza. Então, embriaga-se com o vinho do desejo, crescendo assim a sua turbulência. Depois que o desejo se instalou, vem a ferroadada do escorpião do ciúme pelo sucesso dos outros, e por fim o demônio do orgulho entra na mente, levando-a a imaginar-se importante. Como é difícil controlar a mente!

A primeira lição, portanto, é sentar-se por algum tempo, deixando a mente correr. A mente está borbulhando todo o tempo. É como o macaco a saltar. Deixai o macaco saltar tanto quanto possa e ficai apenas observando e esperando. Conhecimento é poder, diz o provérbio, e isso é verdade. Enquanto não souberdes o que a mente está fazendo, não podereis controlá-la. Dai-lhe rédeas. Muitos pensamentos hediondos podem vir, e ficareis estupefato ao verificar que podeis pensar tais coisas. Mas verificareis que dia a dia os caprichos da mente se tornam cada vez menos violentos; que cada dia ela vai ficando mais calma. Nos primeiros meses verificareis que a mente terá muitíssimos pensamentos, e mais tarde descobrireis que eles de certa forma diminuíram, e alguns meses depois serão cada vez menos, até que, por fim, a mente ficará sob perfeito controle. Mas deveis praticar pacientemente, todos os dias. Assim que o vapor for aberto, a máquina deve funcionar: assim que as coisas estão diante de nós, devemos percebê-las. Dessa maneira, um homem, para mostrar que não é máquina, deve demonstrar que não está sob controle de coisa alguma. Esse controle da mente, pelo qual não se permite que ela se reurria aos centros, é pratyahara, Como se pratica? É trabalho tremendo, que não se faz num dia. Só depois de luta paciente, que durará anos, conseguiremos ter Sucesso.

Depois de terdes praticado o pratyahara por algum tempo, dai o passo seguinte, o dhârana, conservando a mente sobre certos pontos. Que significa manter a mente sobre certos pontos? Significa forçar a mente e sentir certas partes do corpo, com exclusão de outras. Por exemplo, tentai sentir apenas a mão, com exclusão de todas as outras partes do corpo. Quando chitta, ou material-da-mente, se confina e se limita a um certo lugar, isso é dhârana. Esse dhârana existe de várias maneiras, e com ele é bom ter um pouco de jogo de imaginação. Por exemplo, leva-se a mente a pensar em um ponto do coração. Isso é muito difícil e a maneira mais fácil é imaginar que ali existe um lótus. Esse lótus está cheio de luz, de luz resplandecente. Colocai a mente ali. Ou pensai sobre o lótus do cérebro como cheio de luz.

O yogue deve sempre praticar. Deveria tentar viver sozinho. O companheirismo de uma quantidade de pessoas diferentes distrai a mente. Não deveria falar muito, porque falar distrai a mente e a mente não pode ser controlada depois de um dia de trabalho duro. Observando as regras acima, é possível tornar-se um yogue.

Tal é o poder da Yoga que mesmo em insignificante quantidade, trará grande quantidade de benefícios. Não magoará ninguém e fará bem a toda a gente. Antes de mais nada, acalmará a excitação nervosa, trará tranqüilidade, habilitar-nos-á a vermos as coisas mais claramente. O temperamento melhorará, e a saúde também melhorará.

Quando uma pessoa começa a concentrar-se, a queda de um alfinete parecerá um corisco a atravessar-lhe o cérebro. Conforme os órgãos se tornam mais delicados, as percepções se tornam mais sensíveis. Há estágios através dos quais teremos de passar, e todos os que perseveram têm sucesso. Deixai de lado todas as discussões e outras distrações. Há alguma coisa no seco jargão intelectual ? Ele apenas tira a mente de seu equilíbrio e a perturba. Coisas dos planos mais sutis têm de ser compreendidas. Falar não leva a isso. Portanto, abandonai toda a conversa fútil. Ledes apenas os livros escritos por pessoas que tiveram a compreensão.

Os que realmente desejam ser yogues, devem abandonar, de uma vez para sempre, esses mordiscos a todas as coisas. Tomai convosco uma idéia. Fazei dessa idéia a vossa vida. Pensai nela. Sonhai com ela. Vivei-a. Deixai o cérebro, os músculos, os nervos, todas as partes do vosso corpo, encherem-se dessa idéia, e ponde de lado qualquer outra. Esse é o caminho para o sucesso, e esse é o caminho que produz os grandes gigantes espirituais.

## Terceira parte

Todos os diferentes passos na Yoga visam levar-nos, cientificamente, a um estado de superconsciência, ou samadhi. A inspiração existe na natureza de cada homem como existiu nos antigos profetas. Esses profetas não foram únicos: eram homens, como vós e eu. Eram grandes yogues. Tinham obtido superconsciência, e vós e eu podemos fazer o mesmo. O simples fato de um homem ter alcançado esse estado, prova que é possível a todos os homens fazerem o mesmo. Não só é possível, mas todos os homens devem, finalmente, chegar ao mesmo estado - e isso é religião.

Vimos, superficialmente, os diferentes passos da Raja-Yoga, exceto os mais sutis, o treinamento na concentração, que é a meta para a qual nos leva a Raja-Yoga. Vemos, como seres humanos, que todo o nosso conhecimento, que chamamos racional, se refere à consciência. Minha consciência desta mesa, e de vossa presença, leva-me a saber que esta mesa e vós estais aqui. Ao mesmo tempo, há uma parte muito grande da minha existência, da qual não estou consciente, como dos diferentes órgãos dentro do corpo, das diferentes partes do cérebro, etc.

Quando como, faço-o conscientemente. Quando assimilo, faço-o inconscientemente. Quando o alimento é transformado em sangue, isso é feito inconscientemente. Quando as diferentes partes do meu corpo são fortalecidas por esse sangue, isso é feito inconscientemente. Entretanto, sou eu quem está fazendo isso. Não pode haver vinte pessoas neste corpo único. Como sei que faço isso, e não outra pessoa qualquer? É possível dizer que a minha parte está apenas no comer e assimilar o alimento, ie que o fortalecimento do corpo pelo alimento é feito para mim por alguma outra pessoa? Isso não procede, porque pode ser demonstrado que quase todas as ações das quais somos agora inconscientes, podem ser trazidas para o plano da consciência. O coração bate, aparentemente sem controle. Nenhum de nós pode controlar o coração, que faz seu próprio caminho. Mas, pela prática, os homens podem controlar até mesmo o coração, fazendo com que ele palpite conforme desejemos, vagarosa ou rapidamente, ou chegue quase a parar. Quase todas as partes do corpo podem ser trazidas sob controle. Que mostra tal coisa? Que as funções existentes abaixo da consciência também são realizadas por nós, acontecendo, apenas, que as realizamos inconscientemente.

Temos, então, dois planos nos quais trabalha a mente humana. O primeiro é o plano consciente, no qual todo o trabalho é acompanhado pela sensação do ego. Depois vem o plano inconsciente, onde o trabalho não é acompanhado pela sensação do ego. Essa parte do trabalho da mente, que não é acompanhada pela sensação do ego, é trabalho inconsciente, e a parte acompanhada pela sensação do ego é trabalho consciente. Nos animais inferiores, esse trabalho inconsciente é chamado instinto. Em animais superiores, e no mais elevado deles, o homem, prevalece o que chamamos trabalho consciente.

Mas isto não termina aqui. Há ainda um plano mais alto, no qual a mente pode trabalhar. Ela pode ir além da consciência. Tal como o trabalho inconsciente está abaixo da consciência, há outro trabalho que está acima da consciência e que também não é acompanhado pela sensação do ego. A sensação do ego está apenas no plano do meio. Quando a mente está acima ou abaixo dessa linha, não há sensação de "eu", e ainda assim a mente trabalha. Quando a mente vai para além dessa linha de autoconsciência, é o chamado samadhi, ou superconsciência.

Como, por exemplo, sabemos que um homem em samadhi não foi para baixo da consciência, não degenerou, em lugar de subir? Em ambos os casos os trabalhos não são acompanhados pelo ego. A resposta é a seguinte: pelos efeitos, pelos resultados do trabalho, sabemos o que está abaixo e o que está acima. Quando um homem adormece profundamente, entra num plano abaixo da consciência. Trabalha o corpo durante todo o tempo, respira, move-se talvez em seu sono, sem qualquer acompanhamento da sensação do eu. Está inconsciente, e quando acorda é o mesmo homem que era antes de adormecer. A soma total de conhecimento que possuía antes de adormecer permanece a mesma, não aumenta absolutamente. Não há esclarecimento. Mas quando um homem entra em samadhi, se para ele vai como tolo, dele vem como sábio.

O que produz a diferença? De um estado o homem sai como o mesmo homem que para ele entrou. De um outro estado o homem sai esclarecido, um sábio, um profeta, um santo; todo seu caráter está modificado, sua vida transformada, iluminada. São esses os dois efeitos. Sendo os efeitos diferentes, as causas têm de ser diferentes. Já que essa iluminação com que um homem retorna do samadhi é muito maior do que a que se pode obter da inconsciência, ou muito mais elevada do que a que pode obter pelo raciocínio, em estado consciente, deve vir, portanto, da superconsciência, e samadhi é chamado o estado de superconsciência.

Esta é, em resumo, a idéia do samadhi. Qual é a sua aplicação? A aplicação aqui está. O campo da razão, ou o consciente trabalho da mente, é estreito, limitado. Há um círculo dentro do qual a razão do homem deve mover-se. Ela não pode ir além. Toda a tentativa para ir além é, impossível; ainda assim é para além desse círculo da razão que está o que a humanidade considera mais caro. Todas essas perguntas - se há uma Alma imortal, se há um Deus, se há uma Inteligência suprema orientando este universo - estão para além do campo da razão.

Todas as nossas teorias éticas, todas as nossas atitudes morais, tudo quanto é bom e grande na natureza humana, têm sido moldado sobre respostas que vieram de acolá desse círculo. É muito importante, por conseguinte, que tenhamos respostas para essas perguntas. Se a vida é apenas um jogo rápido, se o universo é apenas uma "fortuita combinação de átomos", por que devo fazer bem a outrem? Por que haveria misericórdia, justiça, ou sentimento de solidariedade?

Toda ética, toda ação humana, e todo pensamento humano, se baseiam nessa idéia de desinteresse. Toda a idéia da vida humana pode ser posta nesta palavra, desinteresse. Por que seríamos desinteressados? Onde está a necessidade, a força, o poder, que me compele a ser desinteressado? Podeis chamar a vós mesmos homens racionais, utilitários, mas se não me mostrais as razões para o utilitarismo, eu digo que sois irracionais. Mostrai-me as razões por que eu não deveria ser egoísta. A resposta está no fato de este mundo não passar de uma gota num oceano infinito, um elo de uma cadeia infinita. Onde colheram essa idéia os que pregaram o desinteresse, e o ensinaram à raça humana? Sabemos que ela não é instintiva: os animais, que têm instinto, não a conhecem. Também não é razão: a razão nada sabe sobre tal idéia. Então, donde veio ela?

Encontramos, estudando história, um fato que foi sustentado em comum por todos os grandes mestres de religião que o mundo já teve. Todos eles declaram que receberam suas verdades do acolá; apenas muitos deles não sabem donde elas lhes vieram. Por exemplo, um diz que um anjo desceu, na forma de um ser humano com asas, e lhe disse: "Ouve, ó homem, esta é a mensagem!" Outro diz que um deva<sup>12</sup>, uni ser radiante, lhe apareceu. Um terceiro diz que sonhou que seu ancestral veio e contou-lhe umas tantas coisas e não sabia nada além disso. Mas isto é comum em todas as declarações: que o conhecimento veio do acolá, não através da sua capacidade de raciocínio. Que ensina a ciência da Yoga? Ensina que eles tinham razão ao dizerem que seu conhecimento lhes vinha de acolá do raciocínio, porém que esse conhecimento lhes vinha de dentro deles próprios.

O yogue ensina que a própria mente tem um estado superior de existência, acima da razão, um estado superconsciente, e quando a mente alcança esse estado superior, então seu conhecimento, metafísico e transcendental desce até o homem. Esse estado de ir para além da razão, de transcender a natureza humana comum, pode, às vezes, vir por acaso para um homem que não compreende sua ciência. Ele, por assim dizer, tropeça nele, e quando isto acontece, interpreta-o, geralmente, como vindo de fora. Assim, isso explica por que uma inspiração, ou um conhecimento transcendental, pode ser o mesmo em países diferentes, mas num país ele parece vir através de um anjo, num outro, através de um deva, e num terceiro, através de Deus. Que significa isso? Significa que a mente trouxe o conhecimento pela sua própria natureza, e que o encontro do conhecimento é interpretado de acordo com as crenças e a educação da pessoa através da qual ele veio. O fato real é que esses vários homens, por assim dizer, tropeçaram no estado superconsciente.

O yogue diz que há grande perigo em tropeçar nesse estado. Em muitíssimos casos, há o perigo de perturbação do cérebro, e, como regra, verificaremos que todos esses homens que tropeçaram no estado superconsciente, sem compreendê-lo, tatearam nas trevas e tiveram, geralmente, ao lado de seu conhecimento, algumas curiosas superstições, por muito grandes que eles tenham sido. Abriram-se à alucinação. Maorné disse verdades maravilhosas. Se lerdes o Corão vereis as mais maravilhosas verdades mescladas com superstições. Como explicaremos isso? Aquele homem foi inspirado, sem dúvida, mas, por assim dizer, tropeçou na inspiração. Não era um yogue treinado e não sabia a razão daquilo que fazia. Pensai no bem que Maorné fez ao mundo, e pensai no grande mal que foi feito através do seu fanatismo! Pensai nos milhões de pessoas que foram massacradas através de seus ensinamentos - mães despojadas de seus filhos, crianças tornadas órfãos, regiões inteiras destruídas, milhões e milhões de pessoas mortas!

Vemos esse perigo quando estudamos as vidas dos grandes mestres, como Maorné e outros. Ainda assim, vemos, ao mesmo tempo, que eles eram todos inspirados. Sempre que um profeta alcançava o estado de superconsciência pela elevação de sua natureza emocional, trazia dele não somente alguma verdade, mas também algum fanatismo, alguma superstição, que fizeram tanto mal ao mundo quanto a grandeza de seus ensinamentos o ajudaram. Para obter alguma razão da massa de incongruências que chamamos vida humana, temos de transcender nossa razão, mas devemos fazer isso cientificamente, lentamente, pela prática regular, e devemos expulsar toda superstição. Devemos tomar o estudo do estado superconsciente tal como o de qualquer outra ciência. Na razão devemos lançar nossos fundamentos. Devemos seguir a razão até onde ela nos conduz, e quando a razão falhar, ela própria nos mostrará o caminho para o plano mais alto. Quando ouvirdes um homem dizer: "eu estou inspirado", e depois falar de maneira desarrazoada, rejeitai-o. Por que? Porque esses três estados - instinto, razão e super consciência, ou inconsciente, consciente e superconsciente - pertencem a uma mesma mente. Não há três mentes, no homem, mas um estado da mente se desenvolve para os outros dois. O instinto se desenvolve para a razão, e a razão para a consciência transcendental. Portanto, nenhum desses estados contradiz o outro. A inspiração real jamais contradiz a razão, mas cumpre-a. Tal como encontráreis grandes profetas dizendo: "Não vim para destruir, mas para cumprir", a inspiração sempre vem para cumprir a razão, e está em harmonia com ela.

Todos os diferentes passos da Yoga têm a intenção de nos levar cientificamente ao estado superconsciente, ou samadhi. Ainda mais, esse é o ponto mais vital para compreender: a inspiração está tanto na natureza de cada homem como esteve na dos antigos profetas. Esses profetas não foram os únicos, e sim, homens como vós ou eu. Eram grandes yogues. Tinham ganho essa super consciência, e vós e eu podemos fazer o mesmo. Eles não eram pessoas peculiares. O simples fato de um homem chegar a alcançar aquele estado, prova que isso é possível para todos os homens. Não só é possível, mas todos os homens devem alcançar, finalmente, esse estado - e isso é religião. A experiência é o único mestre que temos. Podemos falar e raciocinar durante toda a nossa vida, mas não compreenderemos uma palavra da verdade enquanto não fizermos pessoalmente a experiência dela,

---

<sup>12</sup> Deva - Palavra derivada da raiz sânscrita div, brilhar. São seres inteligentes e espirituais, da religião hinduísta, como os anjos do Cristianismo.

Para alcançar o estado de superconsciência de maneira científica, é necessário passar através dos vários passos da Raja-Yoga que expus. Depois de pratyahara e dhâtwana, chegamos a dhyana, a meditação. Quando a mente foi treinada para se conservar fixa em certo ponto externo ou interno, adquire o poder de fluir em corrente ininterrupta, por assim dizer, em direção a um ponto. Esse estado é chamado dhyana, Quando se tem tão intensificado o poder de dhyana, a ponto de poder eliminar a percepção exterior e permanecer meditando apenas na parte interior, e seu significado, tal estado é chamado samadhi. Isto é, se a mente pode primeiro concentrar-se sobre um objeto, e depois tem capacidade para continuar nessa concentração por um certo período de tempo, para, pela concentração continuada, tratar apenas da parte interior da qual o objeto era o efeito, tudo vem a ficar sob o controle dessa mente.

Esse estado meditativo é o mais alto da existência. Enquanto existir desejo, a verdadeira felicidade não pode vir. É apenas o estado contemplativo, testemunhador dos assuntos que nos traz gozo e felicidade reais. O animal tem a felicidade nos sentidos, o homem no intelecto, e o deus na contemplação espiritual. Só a alma que atingiu esse estado contemplativo pode ver o mundo realmente belo. Para quem nada deseja e não se mescla com nada, as multiformes transformações da natureza são um panorama de beleza e sublimidade.

Quando, por preparação prévia, a mente se torna forte e controlada, e tem o poder da percepção mais apurada, deve ser empregada na meditação. Essa meditação deve começar com os objetos grosseiros, e lentamente erguer-se, passo a passo, para os mais sutis, até que se tornem objetos sem objetivos. A mente deveria primeiro ser empregada na percepção das causas externas da sensação, depois nos movimentos interiores, e finalmente em suas próprias reações. Quando conseguiu perceber as causas externas da sensação por si mesma, a mente adquirirá o poder de perceber todas as existências materiais sutis, todos os corpos e formas sutis. Quando puder conseguir a percepção dos movimentos dentro de nós mesmos, a mente ganhará o controle de todas as ondas mentais, em si mesma ou nas outras mentes, mesmo antes delas se terem transformado em energias físicas. E quando conseguir captar a reação mental por si mesma, o yogue adquirirá o conhecimento de tudo, já que todo o objeto sensível, e todo o pensamento, são o resultado dessa reação. Então ele terá visto os próprios fundamentos de sua mente, e ela estará sob seu perfeito controle. Poderes diferentes virão ter ao yogue: se ele ceder às tentações de qualquer deles, o caminho para seu progresso futuro ficará obstruído. Assim é o mal de correr atrás de prazeres. Mas se ele for bastante forte para rejeitar mesmo esses poderes miraculosos, atingirá a meta da Yoga, a completa supressão das ondas no oceano da mente. Então, a glória da Alma, não perturbada pelas distrações da mente nem pelos movimentos do corpo, brilhará em todo o seu fulgor, e o yogue se verá como sempre foi: a essência do Conhecimento, o Imortal, o que tudo satura.

Samadhi é propriedade de cada ser humano - e até de cada animal. Desde o mais baixo dos animais até o mais alto dos anjos, em algum momento terão de alcançar esse estado. E então, somente então, a verdadeira religião começará para ele. Até então só lutamos em direção desse estado. Não há diferença agora entre nós e os que não têm religião, porque não temos experiência. Para que serve a concentração, a não ser para nos trazer essa experiência? Cada um dos passos para alcançar o samadhi foi raciocinado, adequadamente ajustado, cientificamente organizado e, quando fielmente praticado, seguramente nos conduzirá ao fim desejado. Então, todos os desgostos cessarão, todas as angústias se desvanecerão. As sementes das ações serão queimadas, e a alma será livre para sempre.

Houve um grande deus-sábio chamado Nârada. Assim como há grandes sábios entre a humanidade, há grandes yogues entre os deuses. Nârada foi um bom e muito grande yogue. Viajava por toda a parte. Um dia atravessava uma floresta, quando viu um homem que estivera meditando tanto tempo na mesma posição que as formigas brancas tinham construído em torno de seu corpo um grande monte de terra. Ele disse a Nârada:

- Para onde vais?

- Vou para o céu.

- Então pede a Deus que tenha piedade de mim, quando eu alcançar a libertação.

Mais adiante Nârada viu outro homem, que por ali estava saltando, cantando e dançando, e lhe disse, com voz e gestos alucinados.

- Ô Nârada, aonde vais?

- Vou para o céu.

- Então pede a Deus que eu me veja liberto.

Nârada continuou seu caminho. Com o correr do tempo tornou a passar por aquela mesma estrada e lá estava o homem que estivera meditando, com o monte das formigas em torno de seu corpo. Este lhe indagou:

- Oh Narada, pediste por mim ao Senhor?

- Oh! Sim.

- Que disse Ele?

- O Senhor me disse que alcançarás a libertação dentro de mais quatro nascimentos.

Então, o homem começou a chorar e a gemer, dizendo:

- Meditei a ponto de as formigas construírem sua casa em torno de mini, e ainda tenho que esperar quatro nascimentos!

Nârada seguiu seu caminho, e encontrou o outro homem.

- Perguntaste a Deus o que te pedi?

- Oh! Sim. Estás vendo aquele tamarindeiro? Terás de renascer tantas vezes quantas são as folhas daquela árvore; então alcançarás a libertação.

O homem começou a dançar de alegria, dizendo:

- Oh, estarei liberto em tão curto tempo!

E ouviu-se uma voz:

- Meu filho, estás liberto desde este momento.

Foi essa a recompensa da sua perseverança. Este estava pronto a trabalhar através de tantas existências, e nada o desencorajava. Mas o primeiro achara as quatro existências um tempo demasiado longo. Tão-só uma perseverança igual. à do homem disposto a esperar durante eons<sup>13</sup>, traz consigo os mais altos resultados.

## **Auto-realização através do serviço altruísta (Karma-Yoga)**

Os homens superiores não podem trabalhar, pois não há neles elemento compulsório, nem apego, nem ignorância. Conta-se que um navio passou rente de uma montanha de minério magnético, e as suas barras e parafusos foram todos arrancados por atração, desmantelando-se o barco. É na ignorância que prevalece a competição, porque somos todos, realmente, ateus. Os deístas verdadeiros não podem competir. Somos mais ou menos ateus. Não vemos nem acreditamos em Deus. Para nós, Ele é DEUS e nada mais. Há momentos em que pensamos que Ele está próximo, mas tornamos a cair. Quando O vedes, quem luta por quem? Ajudai o Senhor! Há um provérbio em nossa língua: "Teremos de ensinar ao Arquiteto do Universo como construir?." Por isso os seres superiores da humanidade não trabalham. Da próxima vez que virdes essas frases tolas sobre o mundo e sobre como devemos ajudar o Senhor, ou fazer isto ou aquilo por Ele, recordai-vos disto. Não alimenteis tais pensamentos; são demasiado egoístas, Todo o trabalho que fazeis é subjetivo; é feito em vosso próprio proveito. Deus não caiu numa vala para que vós e eu O ajudemos a sair de lá, construindo um hospital ou qualquer coisa semelhante.

---

<sup>13</sup> Eon ou evo. Período indefinido de tempo, sinónimo de idade

Ele permite que trabalhei s. Ele permite que exerciteis vossos músculos neste grande ginásio, não para ajudá-Lo, mas para vos ajudardes a vós próprios. Pensais que nem uma formiga morreria se não a ajudásseis? Essa é uma blasfêmia das mais consumadas! O mundo não necessita absolutamente de vós. O mundo continua, e sois como uma gota no oceano. Uma folha não se move, o vento não sopra, sem Ele.

Bem-aventurados somos nós, que recebemos o privilégio de trabalhar para Ele, não de ajudá-Lo. Eliminaí a palavra "ajuda" de vossa mente. Não podeis ajudar: isso é blasfêmia. Estais aqui à disposição d'Ele. Quereis dizer que O ajudais? Vós Lhe rendeis culto. Quando dais um bocado de comida a um cão, rendeis culto ao cão como Deus. Deus é o cão. Ele é tudo e está em tudo. Temos permissão para render-Lhe culto.

Mantende-vos nessa atitude reverente em relação a todo o universo, e então vi rã o não-apego perfeito. Este deveria ser o vosso dever. Essa é a atitude adequada de trabalho. Esse é o segredo ensinado pela Karma-Yoga.

## Primeira parte

O karma-yogue é o homem que compreende ser a não-resistência o mais alto ideal. Antes de atingir esse mais alto ideal, o dever do homem é resistir ao mal. Que trabalhe, luto, atire-se de corpo inteiro. Só então, quando tiver ganho o poder de resistir, a não-resistência será uma virtude.

A sociedade humana é uma organização disposta em vários graus. Todos temos conhecimento de moralidade e todos temos conhecimento de dever. Mas, ao mesmo tempo, vemos que em países diferentes a significação da moralidade diverge grandemente. O que é visto como moral num país, pode ser considerado perfeitamente imoral em outro. Por exemplo, num país os primos casam-se entre si, e em outros só o pensar nisso é ato imoral. Num país, os homens casam-se com as suas cunhadas, em outro isso é visto como imoral. Num país as pessoas casam-se apenas uma vez, em outro casam-se muitas vezes, e assim por diante. Similarmente, em todos os outros departamentos da moralidade, encontramos padrões que diferem grandemente. Ainda assim, temos a impressão de que deve haver um padrão universal de moralidade.

O mesmo acontece com o dever. A idéia de dever varia muito entre as diferentes nações. Num país, se um homem não fizer certas coisas, outros dirão que ele agiu erradamente, enquanto se ele fizer essas mesmas coisas em outro país, dirão que ele não agiu corretamente. Ainda assim sabemos que deve haver alguma idéia universal de dever.

Dois caminhos estão absortos para nós: o caminho do ignorante, que imagina haver apenas uma estrada para a verdade e que tudo o mais está errado. E o caminho do sensato, admitindo que, de acordo com a nossa constituição mental ou com os diferentes planos da existência em que estamos, dever e moralidade podem variar. O importante é saber que existem graduações de dever e moralidade, que o dever de um estado de vida, dentro de determinadas circunstâncias, não será e não pode ser o de outro.

Para ilustrar isso, alguns grandes mestres ensinaram: "Não resistas ao mal" - pois a não-resistência é a mais alta idéia moral. Mas todos sabemos que se um certo número, entre nós, tentasse realizar na íntegra essa máxima, todo o tecido social se romperia. Os perversos tomariam posse de nossas propriedades e de nossas vidas e fariam de nós o que quisessem. Mesmo praticada por um só dia, essa não-resistência levaria ao desastre. Ainda assim, intuitivamente, no âmago de nossos corações, sentimos a verdade do ensinamento: "Não resistas ao mal". Esse parece ser, para nós, o mais alto ideal, mas ensinar essa doutrina equivaleria a condenar uma vasta porção da humanidade. Não apenas isso: seria fazer os homens sentirem que estão sempre cometendo erros, e inculcar-lhes escrúpulos de consciência em todas as suas ações. Seria enfraquecê-los, e essa constante auto-desaprovação criaria mais vícios do que qualquer outra fraqueza.

Para o homem que começou a odiar-se, a porta da degeneração já está aberta, e o mesmo acontece às nações. Nosso primeiro dever é não nos odiarmos. Para progredir, precisamos ter fé em nós mesmos, primeiro, depois em Deus. Quem não tem fé em si próprio jamais pode ter fé em Deus.

Portanto, a única alternativa que nos resta é reconhecermos que o dever e a moralidade variam sob circunstâncias diferentes. Que o homem, resistindo ao mal, não está fazendo o que é sempre, e em si mesmo, errado, mas que, em diferentes circunstâncias em quç for colocado, pode tornar-se de seu dever resistir ao mal.

Lendo o Bhagavad-Gitá<sup>14</sup>, muitos podem ter ficado atônitos com o segundo capítulo, onde Sri Krishna chama de hipócrita e covarde a Arjuna, por este se recusar a lutar, a oferecer resistência, sob o pretexto de que seus adversários eram seus amigos e parentes, e de que a não-resistência era o mais alto ideal de amor. Essa é uma grande lição que todos devem aprender: em todos os assuntos os dois extremos são iguais. O extremo positivo e o extremo negativo são sempre semelhantes. Quando as vibrações da luz são lentas demais, nós não a vemos, e nem a vemos quando essas mesmas vibrações são demasiado rápidas. o mesmo acontece com o som: quando é fraco demais na emissão, não o ouvimos, e também não o ouvimos quando é alto demais. Da mesma natureza é a diferença entre resistência e não-resistência. Um homem não resiste por ser fraco, preguiçoso, e por não poder, não por não querer. Outro homem sabe que pode dar um golpe irresistível, se lhe apetecer, mas não só não ataca, como abençoa seus inimigos. O que não resiste por fraqueza comete um crime, e, sendo assim, não pode receber benefício algum da não-resistência, enquanto que o outro cometeria um pecado se oferecesse resistência.

Buda abandonou seu trono e renunciou à sua posição: essa foi uma renúncia autêntica. Mas não há renúncia no caso do mendigo que nada tinha a renunciar. Portanto, devemos ser sempre cuidadosos quanto ao que realmente queremos dizer quando falamos em não-resistência e amor ideal. Devemos, primeiro, ter o cuidado de compreender se temos ou não o poder de resistência. Então, se temos esse poder, e a ele renunciamos, não resistindo, estamos praticando um grande ato de amor. Mas se não podemos resistir, e ainda assim, ao mesmo tempo, tentamos iludir-nos com a crença de que atuamos através dos mais altos motivos de amor, estamos fazendo exatamente o gesto oposto. Arjuna tornou-se um covarde ao ver a poderosa tropa que vinha contra ele. Seu "amor" levou-o a esquecer-se de seu dever para com seus pais e para com seu rei. Foi por isso que Sri Krishna lhe disse que era um hipócrita: "Falas como um sensato, mas tuas ações traem-te e revelam-te covarde. Portanto, ergue-te e luta!"

Tal é a idéia central da Karma-Yoga. O karma-yogue é o homem que compreende ser a não-resistência o mais alto ideal, e que também sabe que sua não-resistência é a mais alta manifestação de poder. Mas sabe, também, (que a chamada resistência ao mal é um passo no caminho da manifestação desse poder mais alto, isto é, da não-resistência. Antes de alcançar esse mais alto ideal, o dever do homem é resistir ao mal. Que lute, trabalhe, que se atire de corpo inteiro. Então, e só então, terá ganho o poder de resistir, e a não-resistência será uma virtude.

Conheci um homem, certa vez, em meu país, que eu sabia antes ser pessoa muito parva, obtusa, que nada sabia, nada desejava saber, e levava a vida de um bruto. Perguntou-me ele o que deveria fazer para conhecer a Deus, e como poderia libertar-se.

- Podeis mentir? - perguntei-lhe.

- Não - respondeu-me ele.

- Então precisais aprender a mentir, JÉ melhor dizer uma mentira do que ser um bruto ou um tronco de madeira. Sois inativo; certamente não alcançastes o estado mais alto, que transcende todas as ações e é calmo e sereno. Sois obtuso demais, mesmo para fazer algo perverso.-

Aquele era um caso extremo, naturalmente, e eu estava gracejando com meu inquiridor, mas o que eu queria dizer é que um homem deve ser ativo a fim de passar da atividade para a tranqüilidade perfeita. A inatividade deveria ser evitada por todos os meios. Atividade significa, sempre, resistência. Resisti a todos os males, mentais e físicos, e quando tiverdes tido sucesso no resisti. Aí virá a tranqüilidade.

---

<sup>14</sup> Bhagavad-Gitá - Episódio da epopéia hindu Mahabharata. Significa O Canto do Senhor, e é um diálogo entre Sri Krishna e Arjuna, no qual Krishna expõe os princípios fundamentais da filosofia hinduísta.

É muito fácil dizer: "Não odiei ninguém, não resistis ao mal", mas sabemos o que essa espécie de conselho geralmente significa, na prática. Quando os olhos da sociedade estão voltados para nós, podemos dar um espetáculo de não-resistência, mas em nosso coração, sentimos como que um câncer a todo tempo. Sentimos imensa necessidade da calma da não-resistência, e sentimos que seria melhor para nós resistir. Se desejais fortuna e sabeis, ao mesmo tempo, que todo o mundo vê aquele cuja meta é a fortuna como um homem muito perverso, talvez não ouseis mergulhar na luta pela fortuna, mas vossa mente estará correndo atrás do dinheiro, dia e noite. Isto é hipocrisia e não servirá a propósito algum. Mergulhai no mundo, e então, após algum tempo, quando tiverdes sofrido e gozado tudo que nele existe, a renúncia virá. Depois a tranqüilidade virá. Saciai, portanto, vosso desejo de poder e de tudo o mais, e depois de terdes saciado o desejo, virá um tempo em que sabereis que desejos são coisas muito pequeninas. Mas, enquanto não tiverdes saciado esse desejo, enquanto não tiverdes passado através dessa atividade, é impossível alcançardes o estado de tranqüilidade, serenidade, auto-renúncia. Essas idéias de serenidade e renúncia têm sido pregadas durante milhares de anos, e todos as ouviram desde a sua infância. Ainda assim, são muito poucos os que no mundo, alcançaram esse estado. Não sei se vi vinte pessoas em minha vida que fossem realmente calmas e não-resistentes. E viajei mais da metade do mundo.

Todo o homem devia aceitar esse ideal e trabalhar para realizá-lo. É um caminho mais seguro para o progresso do que aceitar o ideal de outros homens, ideal que ele não pode jamais ter a esperança de realizar. Por exemplo, tomamos uma criança e damos-lhe, imediatamente, a tarefa de caminhar vinte milhas. Ou o pequenino morre ou, um em mil, arrasta-se pelas vinte milhas, chegando ao fim exausto e meio morto. Isso é o que geralmente tentamos fazer com o mundo. Nem todos os homens e mulheres de qualquer sociedade têm a mesma mente, a mesma capacidade, ou o mesmo poder de fazer coisas: devem ter idéias diferentes, e não temos o direito de escarnecer de ideal algum. Que cada qual faça o máximo para atingir o seu ideal próprio. Não é direito que eu seja julgado pelos vossos padrões e vós pelos meus. A macieira não pode ser julgada pelos padrões do carvalho, nem o carvalho pelos da macieira. Para julgar a macieira deveis tomar a macieira como padrão, e para o carvalho o seu próprio padrão.

Unidade na variedade é o plano da criação. Por muito que homens e mulheres possam variar individualmente, há unidade no fundo de cena. Os caracteres e classes individuais de homens e mulheres são as variações naturais da criação. Portanto, não devemos julgá-los pelos mesmos padrões ou colocar diante deles o mesmo ideal. Tal coisa criaria apenas uma luta anti-natural, como o resultado de que o homem começa a odiar-se e é impedido de se tornar religioso e bom. Nosso dever é encorajar cada qual em sua luta para realizar seu próprio ideal maior, e esforçar-nos, ao mesmo tempo, para tornar esse ideal o mais próximo possível da verdade.

A vida de cada pessoa, de acordo com as escrituras hindus, tem seus deveres particulares, além dos que são comuns à humanidade. A vida do hindu começa como estudante. Depois, casa-se e torna-se um chefe de família. Na velhice, aposenta-se. Finalmente, abandona o mundo e torna-se um saniâsin<sup>15</sup>. Para cada um desses estágios da vida existem certos deveres pendentes. Nenhum desses estágios é intrinsecamente superior ao outro. A vida do homem casado é tão grandiosa como a do celibatário que se devotou ao trabalho religioso. O limpador de imundícies das ruas é tão grande e glorioso como o rei em seu trono. Tirai o rei de seu trono, levai-o a fazer o trabalho do limpador, e vede com ele se arranja. Substituí-o pelo limpador e vede como este governará. É fútil dizer que o homem que vive fora do mundo é maior do que o que vive no mundo. É muito mais difícil viver no mundo e render culto a Deus do que abandoná-Lo e viver uma vida livre e cômoda.

Os quatro estágios da vida na Índia foram, nos últimos tempos, reduzidos a dois - o do chefe de família e o de monge.

O chefe de família casa-se e cumpre seus deveres como cidadão.

O dever do outro é devotar inteiramente suas energias à religião pregar e render culto a Deus.

O chefe de família é a base, o esteio, de toda a sociedade. É o ganhador principal. O pobre, o fraco, as crianças e as mulheres que não trabalham, vivem todos do chefe de família. Assim, há certos deveres que ele deve cumprir, e esses deveres o levam a sentir-se forte para cumpri-los, e não o deixam pensar que está fazendo coisas abaixo do seu ideal. Ao mesmo tempo ele deve lutar para adquirir estas coisas: primeiro, conhecimento, depois, fortuna. Um chefe de família que não luta para se tornar rico é imoral. Se é preguiçoso e se contenta com uma vida ociosa, é imoral, porque lhe dependem centenas de pessoas. Se consegue riquezas, centenas de outros serão assim mantidos.

---

<sup>15</sup> Saniâsin - Asceta hindu, que faz voto de pobreza e castidade.

Procurar a fortuna, nesse caso, não é mal, porque aquela fortuna é para distribuição. O chefe de família é o centro da vida e da sociedade. Para ele, adquirir fortuna e despendê-la nobremente é render culto, pois o chefe de família que luta para tornar-se rico através de bons meios e com bons propósitos, está fazendo, praticamente, a mesma coisa para alcançar a salvação que faz o anacoreta em sua cela, quando está rezando, já que neles vemos apenas os diferentes aspectos da mesma virtude de auto-renúncia e auto-sacrifício sugeridos pelo sentimento de devoção a Deus e a tudo quanto é Ele.

Se um homem se retira do mundo para render culto a Deus, não deve pensar que os que vivem no mundo e trabalham pelo bem do mundo não estão rendendo culto a Deus. Nem os que vivem no mundo, para a esposa e filhos, pensem que os que abandonam o mundo são reles vagabundos, Cada um é grande em seu próprio lugar. Este pensamento será ilustrado com uma história.

Certo rei costumava indagar de todos os saniâsins que vinham ao seu país: "Qual é o maior homem? O que abandona tudo e torna-se um saniâsin, ou o que vive no mundo e cumpre seus deveres como chefe de família?" Muitos procuraram resolver esse problema. Alguns declararam que o sanikin era o maior, o que levava o rei a perguntar se podiam provar o que afirmavam. Como não o podiam, ordenava-lhes que se casassem e se tornassem chefes de família. Outros vinham, e diziam: "O chefe de família que cumpre seus deveres é o maior". Deles também o rei exigia provas. Como não podiam dá-las, fazia com que se tornassem chefes de família.

Por fim, chegou um saniâsin jovem, e o rei lhe fez a pergunta de sempre. E ele respondeu: -õ rei, cada um deles é igualmente grande em seu próprio lugar".

- Prova-me isso - exigiu o rei.

- Provarei - declarou o sanikin - mas deveis, primeiro, viver como vivo, por alguns dias, a fim de que eu possa provar-vos o que digo.

O rei consentiu, seguiu o sanikin para fora de seu território, e passou por muitas regiões até chegar a um grande reino. Na capital desse reino realizava-se uma cerimônia. O rei e o saniâsin ouviram o ruído de tambores e de música, e a voz de um arauto. É que o povo estava reunido nas ruas, vestido de gala, e uma proclamação ia sendo feita. O rei e o sanikin ficaram ali, para ver o que aconteceria. O arauto proclamava em altas vozes que a princesa, filha do rei daquele país, estava para escolher um marido, entre os rapazes que se reunissem diante dela.

Era velho costume na Índia as princesas escolherem assim os seus maridos. Cada princesa tinha sua opinião sobre a espécie de homem que desejava para esposo. Algumas queriam o mais bonito, outras o mais sábio, outras o mais rico, e assim por diante. Todos os príncipes da vizinhança se adornavam com suas mais belas roupas para se apresentarem diante da jovem, e às vezes também tinham seus arautos, que enumeravam suas vantagens e as razões pelas quais esperavam que a princesa os escolhesse. A princesa seria trazida num trono, esplendorosamente vestida, e olharia, e ouviria o que se diria sobre os pretendentes. Se não lhe agradasse o que visse e ouvisse, diria aos que carregavam seu trono: "Segui!" E não tomava conhecimento do pretendente rejeitado. Se, entretanto, a princesa se agradasse de algum, atirava-lhe uma grinalda de flores e ele se tornaria seu marido.

A princesa do país onde haviam chegado o rei e o saniâsin estava passando por uma dessas interessantes cerimônias. Era a mais bela princesa do mundo, e seu marido seria o governante do reino, depois da morte do velho rei, seu pai. A idéia da princesa era casar-se com o homem mais bonito, mas não conseguia encontrar um que lhe agradasse. Várias cerimônias já haviam sido realizadas, mas a princesa não conseguira escolher um marido. A do momento era a mais esplêndida de todas, e a ela concorrera mais gente do que nunca. A princesa chegou no seu trono, e os carregadores levaram-na de um ponto para outro. Ela não parecia se agradar de ninguém, e todos se sentiam desapontados porque aquela reunião também iria terminar em insucesso.

Então, apareceu um jovem, um saniâsin, formoso como o Sol que tivesse descido à terra, e ficou a um canto, observando o que se passava. O trono da princesa aproximou-se dele, e assim que a moça viu o belo saniâsin, atirou-lhe a grinalda.

O jovem apanhou-a, a, atirando-a fora, exclamou:

- Que tolice é essa? Sou um saniâsin. Que significa para mim o casamento ?

O rei pensou que aquele homem, talvez por ser pobre, não ousasse casar com sua filha. Assim, disse-lhe:

- Minha filha leva agora a metade do meu reino, e todo o reino lhe pertencerá depois da minha morte!

Dizendo isso, tornou a colocar a grinalda sobre o saniâsin.

O jovem arrancou-a mais uma vez, exclamando:

- Tolice! Não quero casar-me!

E afastou-se dali, rapidamente.

Bem, a princesa de tal maneira se apaixonara pelo jovem que declarou:

- Caso-me com ele, ou morrerêi.

E acompanhou-o, para trazê-lo de volta. Então, nosso outro saniâsin, o que trouxera o rei até ali, disse a este, último:

- Rei, sigamos estes dois.

Caminharam atrás deles, mas a uma boa distância. O jovem santasin que recusara casar-se com a princesa, caminhou pela região a dentro, durante várias milhas. Quando chegou a uma floresta, internou-se nela, e a princesa seguiu-o, enquanto os outros seguiam a ambos. Ora, aquele jovem saniâsin conhecia bem a floresta e sabia encontrar todos os seus intrincados atalhos. Tomou subitamente um deles, desaparecendo. A princesa não conseguiu descobri-lo. Depois de tentar encontrá-lo durante muito tempo, sentou-se sob uma árvore e começou a chorar, pois não sabia como sair dali. Então, nosso rei e o outro saniâsin aproximaram-se dela e disseram-lhe:

- Não choreis, nós vos mostraremos como sair desta floresta, mas agora está escuro demais para isso. Aqui temos uma árvore bem grande. Repousemos sob ela, e pela manhã bem cedo nós vos mostraremos o caminho.

Bem, havia naquela árvore um ninho onde moravam um passarinho, sua esposa, e três filhinhos. O passarinho, olhando para baixo, viu as três pessoas sob a árvore. Disse, então à sua esposa:

- Minha querida, que faremos? Temos hóspedes em casa, é inverno, e não temos fogo.

Assim, voou, trouxe no bico um cavaquinho de lenha ardente, e deixou-o cair diante de seus hóspedes, que juntaram mais lenha e fizeram uma fogueira resplandecente. Mas o passarinho não estava satisfeito, e disse à sua esposa.-

- Minha querida, que faremos? Nada existe para essas pessoas comerem, e elas têm fome. Somos os donos da casa, e é nosso dever alimentar quem a ela venha. Devemos fazer o que pudermos. Eu lhes darei meu corpo.

Assim dizendo, atirou-se no fogo e pereceu. Os hóspedes viram-no quando caía e tentaram salvá-lo, mas o pássaro foi rápido demais para os três. Então, a esposa do passarinho, ao ver o que o marido fizera, disse:

- Aqui estão três pessoas e somente um passarinho para elas comerem. Não é o bastante. Que tenham também o meu corpo.

Atirou-se ao fogo e morreu queimada.

Então, os três filhotes, ao verem o que acontecera, e percebendo que aquilo ainda não era bastante para os seus hóspedes, disseram:

- Nossos pais fizeram o que puderam, e ainda assim não é o bastante. É de nosso dever continuar o trabalho de nossos pais. Que nossos corpos os sigam.

E atiraram-se também ao fogo.

Estupefatas com o que viam, as três pessoas não puderam, naturalmente, comer aqueles pássaros. Passaram a noite sem alimento, e pela manhã o rei e o saniâsin mostraram o caminho à princesa, que retornou para junto de seus pais.

Então, o saniâsin disse ao rei:

- Majestade, vistes que cada qual é grande em seu próprio lugar. Se quiserdes viver no mundo, vivei como aqueles pássaros, pronto a sacrificar-vos pelos outros a qualquer momento. Se quereis renunciar ao mundo, sede como aquele jovem para o qual a mais bela mulher, e um reino, nada representaram. Se quiserdes ser um chefe de família, considerai vossa vida como um sacrifício pelo bem-estar de outros, e se escolherdes a vida de renúncia, nem sequer volteis os olhos para a beleza, o dinheiro, ou o poder. Cada qual é grande em seu papel, mas o dever de um não é o dever de outro.

## Segunda parte

A essência integral deste ensinamento é que deveis trabalhar como senhor, não como escravo. Trabalhar incessantemente, mas não fazer trabalho de escravo. Trabalhai através da liberdade! Trabalhai através do amor!

Ajudar materialmente os outros, remover suas dificuldades físicas, é realmente grande, mas o auxílio é tanto maior quanto maior é a necessidade e maior o alcance desse auxílio. Se as carências de um homem puderem ser removidas por uma hora, ele está sendo ajudado. Se suas carências puderem ser removidas por um ano, o auxílio será maior. Mas se suas carências forem removidas para sempre, essa será, naturalmente, a maior ajuda que lhe pode ser dada.

O conhecimento espiritual é a única coisa que pode destruir para sempre as nossas angústias. Qualquer outro conhecimento satisfaz nossas necessidades apenas por algum tempo. É somente com o conhecimento do Espírito que a raiz da causa das necessidades é aniquilada para sempre. Assim, ajudar espiritualmente um homem é o maior auxílio que lhe possa ser dado. Quem dá ao homem conhecimento espiritual, é o maior benfeitor da humanidade, e, como tal, sempre vemos que foram os homens mais poderosos que ajudaram o homem em suas necessidades espirituais, porque a espiritualidade é a verdadeira base de todas as nossas atividades na vida. Um homem sólida e fortemente espiritual será forte em todos os outros pontos, se assim quiser. Enquanto não houver força espiritual no homem, nem mesmo as necessidades físicas poderão ser corretamente satisfeitas.

Seguindo-se ao auxílio espiritual vem o auxílio intelectual. O dom do conhecimento é um dom muito superior ao de alimento ou roupas é mesmo mais importante do que dar vida a um homem, porque a verdadeira vida do homem consiste no conhecimento. Ignorância é morte; conhecimento é vida. A vida é de muito pouco valor se é uma vida em trevas, tateando através da ignorância e da angústia.

Depois vem, naturalmente, o auxílio físico ao homem.

Portanto, considerando a questão de auxílio a outros, deve-mos sempre esforçar-nos por não cometer o erro de pensar que a ajuda física é a única que pode ser dada. Não só não é a única como é a última, porque não pode promover satisfação permanente. A angústia que sinto quando tenho fome é acalmada pelo comer, mas a fome retorna. Minha angústia só pode cessar quando eu estiver satisfeito para além de qualquer carência. Então, a fome não me fará angustiado, não haverá aflição ou desgosto que me comovam. Portanto, esse auxílio que tende a nos fazer espiritualmente fortes, é o maior. Depois dele vem o auxílio intelectual, e ainda depois o auxílio físico.

As angústias do mundo não podem ser curadas através apenas do auxílio físico, Enquanto a natureza do homem não se modificar, essas carências físicas se apresentarão sempre, angústias serão sempre sentidas, e não haverá quantidade de auxílio físico que as venha curar completamente. A única solução para esse problema é fazer a humanidade pura. A ignorância é a mãe de todo o mal e de toda a angústia que vemos. Que os homens tenham luz, que sejam puros, e espiritualmente fortes e instruídos. Só então a angústia cessará neste mundo, não antes. Podemos converter cada casa do país numa casa de caridade, podemos encher a terra com hospitais, mas a miséria do homem continuará a existir enquanto o caráter do homem não se modificar.

Lemos muitas e muitas vezes no Bhagavad-Gitâ que todos devemos trabalhar incessantemente. Todo o trabalho é, pela sua natureza, composto de bem e de mal. Não podemos fazer trabalho algum que não resulte em bem algures, e não pode haver trabalho algum que não cause algum mal algures. Todo o trabalho deve ser, necessariamente, mescla de bem e de mal. Ainda assim, mandam que trabalhemos incessantemente. Bem e mal terão ambos seu resultado, produzirão seu karma. Boas ações acarretam-nos bons efeitos; más ações acarretam-nos maus efeitos. Mas, boas e más, ambas são cadeias para a alma. A solução alcançada no Bhagavad-Gitâ em relação a essa natureza produtora de cadelas do trabalho, diz que, se não nos apegarmos ao trabalho que fazemos, ele não terá qualquer efeito aprisionador sobre nossa alma. Essa é a Idéia central no Bhagavad-Gitâ: trabalhai incessantemente, mas não vos apegueis ao trabalho.

Cada trabalho que realizamos, cada movimento do corpo, cada pensamento que nutrimos, deixa uma impressão sobre a matéria da mente, e mesmo que essas impressões não sejam evidentes à superfície, são suficientemente fortes para agir sob a superfície, subconscientemente. O que somos, a cada momento, é determinado pela soma total dessas impressões na mente. O que eu sou, exatamente neste momento, é o efeito da soma total de todas as impressões da minha vida passada.

Isso é, realmente, o que se chama caráter. O caráter de cada homem é determinado pela soma total dessas impressões. Se boas impressões prevalecem, o caráter torna-se bom, se as más prevalecem, o caráter torna-se mau. Se um homem ouve constantemente más palavras, pensa maus pensamentos, faz más ações, sua mente estará cheia dessas impressões, e elas influenciarão seu pensamento e seu trabalho sem que ele esteja consciente desse fato. Essas impressões, aliás, estão sempre trabalhando, e seu resultado deve ser o mal. Aquele homem será mau, não poderá evitar isso. A soma total dessas impressões criará nele uma poderosa força motriz para a realização de más ações. Será como uma máquina nas mãos dessas impressões, e elas o forçarão a fazer o mal. Igualmente, se um homem pensa bons pensamentos e faz boas ações, a soma total dessas impressões será boa, e elas, da mesma forma, o forçarão a fazer o bem, mesmo a despeito dele próprio. Quando um homem fez uma certa quantidade de bom trabalho e pensou uma quantidade de bons pensamentos, há nele uma tendência irresistível para fazer o bem. A despeito de si próprio e mesmo que deseje fazer o mal, sua mente, como a soma total de suas tendências, não lhe permitirá fazer tal coisa: as tendências o farão recuar. Ele está inteiramente sob a influência das boas tendências. Quando o caso é esse, o bom caráter de um homem está estabelecido, é o que se diz.

Há um estágio ainda mais alto do que o de ter boa tendência, e é o desejo de libertação. Deveis recordar-vos de que a liberdade da alma é a meta de todas as Yogas, e cada uma delas conduz igualmente ao mesmo resultado. Somente pelo trabalho o homem pode chegar onde Buda chegou largamente pela meditação e Cristo pela prece. Buda foi um trabalhador inane, e Cristo era bbÁta, mas idêntica meta foi alcançada por ambos. A dificuldade aí está. Libertação significa liberdade integral liberdade das ataduras do bem tanto quanto liberdade das ataduras do mal. Uma cadeia de ouro é tão cadeia como a cadeia de ferro. Há um espinho em meu dedo. Eu uso outro espinho para retirar o primeiro, e quando o tiver tirado joga ambos fora. Não tenho necessidade de conservar o segundo espinho, porque ambos, afinal, não passam de espinhos. Assim, as más tendências têm de ser anuladas pelas boas, e as más impressões da mente podem ser removidas pelas novas ondas de impressões boas, até que tudo quanto é mau quase desapareça ou seja dominado e mantido sob o controle num recanto da mente. Mas, depois disso, as boas tendências também têm de ser dominadas. Assim, o "apegado- torna-se "desapegado". Trabalha, mas não deixa que a ação ou o pensamento do trabalho produza impressão funda em sua mente. Deixa que as ondulações venham e vão, deixa que as grandes ações procedam dos músculos e do cérebro, mas não consente que elas façam qualquer impressão profunda na alma.

Como se pode fazer isso? Vemos que a impressão de qualquer ação à qual nos liguemos, permanece. Posso conhecer centenas de pessoas durante o dia, e entre elas encontro também alguém a quem amo, e quando me recolho, à noite, posso tentar pensar em todas as faces que vi, mas só aquela face aparece diante da mente - a face que encontrei talvez apenas por um minuto, e que amei. Todas as outras se desvaneceram. Meu apego particular a essa pessoa causou impressão mais profunda em minha mente do que todas as outras faces. Fisiologicamente, as impressões foram todas as mesmas. Cada uma das faces que vi, desenharam-se na retina e o cérebro fotografou-as. Ainda assim não houve similaridade de efeito sobre a mente.

Portanto, sede desapegados. Deixai as coisas trabalharem; deixai os centros do cérebro trabalharem, trabalhai incessantemente, mas não deixeis que uma ondulação domine vossa mente. Trabalhai como se fosseis um forasteiro nesta terra, um residente temporário. Trabalhai incessantemente, mas não vos aprisioneis; o aprisionamento é terrível. Este mundo não é nossa habitação, é apenas um dos muitos estágios através dos quais estamos passando. "Toda a natureza é para a alma, não a alma para a natureza." A própria razão da existência da natureza está na educação da alma. Não há outra significação. Ela existe porque a alma deve ter conhecimento, e através do conhecimento deverá libertar--se. Se nos lembrarmos sempre disso, jamais nos apegaremos à natureza. Saberemos que a natureza é um livro no qual devemos ler, e que, quando ganharmos o conhecimento exigido, o livro já não terá valor para nós.

A essência toda deste ensinamento é que deveríeis trabalhar como senhores e não como escravos, trabalhar incessantemente, mas não fazer trabalho de escravo. Não vedes como todos trabalham? Ninguém pode estar inteiramente no ócio. Noventa por cento da humanidade trabalha, mas como escravos, e o resultado é angústia, porque todo esse trabalho é egoístico. Trabalhai através da liberdade! Trabalhai através do amor!

A palavra amor é muito difícil de entender. O amor jamais chega enquanto não houver liberdade. Não é possível haver amor verdadeiro no escravo. Se comprardes um escravo e o ligardes com correntes, fazendo-o trabalhar para vós, ele trabalhará como um servo, mas nele não haverá amor. Assim, quando nós próprios trabalhamos pelas coisas do mundo como escravos não pode haver amor em nós, e nosso trabalho não é trabalho real. Isso é verdadeiro em relação tanto ao trabalho feito para parentes e amigos, como ao trabalho feito para nós mesmos. Trabalho egoístico é trabalho de escravo. E aqui vai um teste: Cada ato de amor traz felicidade. Não há ato de amor que não traga paz e bem-aventurança como reação.

Portanto, o verdadeiro amor jamais pode reagir para causar dor o que ama ou é amado. Suponhamos que um homem apegado ame uma mulher. Quer tê-la toda para ele, e sente-se extremamente ciumento de seus movimentos. Deseja que ela se sente a seu lado, que fique perto de si, e coma e se mova segundo suas ordens. É escravo da mulher e deseja tê-la como sua escrava. Isso não é amor; é uma espécie de afeição mórbida do escravo, a insinuar-se como amor. Não pode ser amor, porque é doloroso. Se a mulher fizer tudo quanto esse homem deseja, causar-lhe-á dor. Com o amor não há reação dolorosa, mas sempre uma reação de beatitude. Caso contrário, não é amor, e está sendo confundido com alguma outra coisa. Quando tiverdes conseguido amar vosso marido, vossa esposa, vossos filhos, todo o mundo, o universo, de tal maneira que não haja dor ou ciúme, nem sentimento egoístico, então estareis num estado próprio para o desapego.

Krishna diz: "Observa-me, Arjuna! Se eu parar de trabalhar, por um momento que seja, todo o universo morrerá. Nada tenho a ganhar pelo trabalho: sou o Senhor, o único. Mas por que trabalho? Porque amo o mundo". Deus é desapegado, porque ama. Esse verdadeiro amor nos torna desapegados.

A obtenção desse desapego custa quase o trabalho de uma existência, mas assim que atingimos esse ponto, alcançamos a meta do amor e estamos livres. Os grilhões da natureza nos soltam, e vemos a natureza como ela é. Já não forja cadeias para nós. Ficamos inteiramente livres e não tomamos em consideração os resultados do trabalho. Quem se preocupa, então, com o que possam ser esses resultados?

Pedis algo a vossos filhos, em troca do que lhes dais? Vosso dever é trabalhar para eles, e aí termina a questão. O que quer que façais por uma pessoa em particular, por uma cidade, ou estado, assumi a mesma atitude que tendes em relação a vossos filhos - não espereis coisa alguma em retribuição. Se puderdes tomar, invariavelmente, a posição do dador, sendo tudo quanto dais um dom gratuito para o mundo, sem qualquer pensamento de retribuição, vosso trabalho não vos trará apego. O apego vem apenas quando esperamos algo em troca do que damos.

Se trabalhar como escravos resulta em egoísmo e apego, trabalhar como senhores da vossa própria mente dá origem à beatitude do desapego. Muitas vezes falamos em direito e justiça, mas vemos que no mundo o direito e a justiça são conversa de criança, apenas. Há duas coisas que governam a conduta dos homens: poder e misericórdia. O exercício do poder é, invariavelmente, o exercício do egoísmo. Homens e mulheres tentam obter o máximo de qualquer poder ou vantagem que obtenham. A misericórdia é o céu em si mesma. Para sermos bons temos todos de ser misericordiosos. Mesmo a justiça e o dever devem firmar-se na misericórdia. Todo o pensamento que se refere a obter retribuição pelo trabalho que fazemos, atrasa nosso progresso espiritual, e, ao fim, traz-nos angústia.

Há outra forma na qual esta idéia de misericórdia e caridade despida de egoísmo pode ser levada à prática: é olhar o trabalho como um culto, no caso de acreditarmos num Deus Pessoal. Aqui, damos todos os frutos ao Senhor, e, assim cultuando-O, não temos direito de esperar nada da humanidade pelo trabalho que realizamos. O próprio Senhor trabalha incessantemente, e está sempre desapegado. Assim como a água não pode umedecer a folha do lótus, o trabalho não pode ligar o homem sem egoísmo, dando origem ao apego em relação aos resultados desse trabalho.

Agora vedes o que significa Karma-Yoga: mesmo às portas da morte, ajudai qualquer um, sem fazer perguntas. Mesmo que decepcionados milhões de vezes, não façais uma pergunta, e nunca excogiteis o que fareis. Nunca vos gabeis de vossos donativos aos pobres nem espereis a gratidão deles, agradecei-lhes, antes, a oportunidade que vos dão de praticardes com eles a caridade.

JÉ necessário, no estudo da Karma-Yoga, saber o que é o dever. Se tenho de fazer alguma coisa, devo primeiro saber ser esse o meu dever, e depois posso fazê-la. Verificamos que há várias idéias sobre dever, diferindo de acordo com as diferentes posições na vida, com os diferentes períodos históricos, e com as diferentes nações.

A palavra dever, como qualquer outra palavras universal abstrata, não se pode definir claramente. Apenas podemos dar uma idéia, conhecendo suas operações e resultados práticos. A idéia comum de dever, em toda a parte, é a de que cada homem deve seguir o que lhe dita a sua consciência. Mas o que faz de um ato um dever? Se um cristão encontra um pedaço de carne diante dele e não o come para salvar sua própria vida, ou não o dá para salvar a vida de outros, sentirá, seguramente, que não cumpriu seu dever. Mas se um hindu ousar comer aquele pedaço de carne ou dá-lo a outro hindu, está igualmente seguro de que não cumpriu o seu dever. O treinamento e a educação do hindu fazem com que assim se sinta. No último século houve na Índia famosos bandos de ladrões, conhecidos como tугues. Consideravam como de seu dever matar qualquer homem que pudessem apanhar, e tomar-lhe o dinheiro. Quanto maior fosse o número de homens que matassem, melhores pensavam ser eles. Habitualmente, se um homem vai por uma rua e derruba outro com um tiro, espera-se que ele lamente isso, pensando que cometeu um erro. Mas se esse mesmo homem, como soldado de seu regimento, mata não um, mas vinte homens, podemos estar certos de que se sentirá alegre e pensará que cumpriu notavelmente bem o seu dever.

Vemos, portanto, que não é a coisa feita que define o dever. Assim, é inteiramente impossível dar uma definição objetiva de dever. Contudo, o dever tem seu lado subjetivo. Qualquer ação que nos leve em direção a Deus é uma boa ação e é nosso dever. Qualquer ação que nos leva para baixo é má e não é nosso dever. Desse ponto de vista subjetivo podemos ver que certos atos tendem a nos exaltar e enobrecer, enquanto outros atos tendem a nos degradar e brutalizar. Mas não é possível determinar, com certeza, quais os que terão determinada tendência em relação a todas as pessoas, de todas as espécies e condições. Há, entretanto, apenas uma idéia de dever que tem sido universalmente aceita por toda a humanidade, de todas as idades, e seitas, e países, e que está resumida no aforismo sânscrito que diz: "Não maltrates ser algum. Não maltratar ser algum é virtude, maltratar qualquer ser é pecado".

O Bhagavad-Gitá alude, freqüentemente, a deveres dependentes do nascimento e da posição na vida. O nascimento e a posição, na vida e na sociedade, determinam, amplamente, a atitude moral e mental das pessoas em relação às diversas atividades da vida. Portanto, é nosso dever fazer o trabalho que nos exalta e enobrece de acordo com os ideais e as atividades da sociedade na qual nascemos. Mas devemos recordar, particularmente, que os mesmos ideais e atividades não prevalecem em todas as sociedades de todas as nações. Nossa ignorância nesse ponto é a causa principal de tanto ódio entre uma nação e outra. Quando cheguei a este país (América do Norte) e estava visitando a feira de Chicago, um homem puxou meu turbante, por trás. Olhei e vi que se tratava de um homem de aspecto muito cavalheiresco, corretamente vestido. Falei-lhe, e quando descobriu que eu conhecia o inglês ficou bastante embaraçado. Noutra ocasião, na mesma feira, outro homem me deu um empurrão. Quando lhe perguntei por que fazia aquilo, também se mostrou embaraçado e gaguejou algumas desculpas, dizendo: "Por que o senhor se veste dessa maneira?- As simpatias daqueles homens estavam limitadas ao âmbito de sua própria maneira de vestir.

Muita da opressão que as nações mais fracas sofrem por parte das poderosas é causada por esse preconceito, que esteriliza o sentimento de fraternidade pelos semelhantes. Mesmo aquele homem que me perguntou por que eu não me vestia como ele, e maltratou-me por causa dos meus trajes, talvez fosse um homem muito bom, bom pai e bom cidadão. Mas a bondade de sua natureza morria assim que via um homem em trajes diferentes dos dele. Os estrangeiros são explorados em todos os países, porque não sabem como se defender. Assim, levam para seus lares impressões falsas quanto aos povos que viram. Marinheiros, soldados, e mercadores comportam-se em terra estranha de uma forma esquisita, embora nem sonhassem em fazer tal coisa em seus próprios países. Por isso, talvez, é que os chineses chamam europeus e americanos de "demônios estrangeiros". Não poderias fazer isso se tivessem conhecido o lado bom, magnânimo, da vida ocidental.

Portanto, o ponto de que precisamos nos recordar é que devemos, sempre, tentar ver o dever de outros através de seus próprios olhos e nunca julgar os costumes de outros povos pelos nossos próprios padrões. Eu não sou o padrão do universo. Tenho que me acomodar ao mundo, e não o mundo a mim. Vemos, assim, que o ambiente modifica a natureza de nossos deveres, e cumprir o dever que é nosso em qualquer ocasião em particular, é a melhor coisa que podemos fazer neste mundo. Cumpramos o dever que é nosso por nascimento, e quando o tivermos feito, cumpramos, então, o dever que é nosso por nossa posição na vida e na sociedade. Há, entretanto, um grande perigo na natureza humana - o homem nunca se examina. Pensa que está tão capacitado para ocupar o trono quanto o rei. Mesmo que o estivesse, deveria mostrar, primeiro, que cumprira os deveres de sua posição e assim deveres maiores lhe caberiam. Quando começamos a trabalhar decididamente neste mundo, a natureza nos dá golpes à esquerda e à direita, e depressa nos capacita a encontrarmos nossa própria posição. Não há homem que possa ocupar satisfatoriamente, por muito tempo, uma posição para a qual não está capacitado. Não adianta resmungar contra os ajustamentos da natureza. O que faz trabalho inferior nem sempre é homem inferior. Homem algum pode ser julgado pela mera natureza de seus deveres, mas todos devem ser julgados pela maneira e espírito com que os cumprem.

Mais tarde descobriremos que mesmo essa idéia de dever sofre modificações, e que o trabalho maior é feito apenas quando não há motivo egoístico e sugeri-lo. Ainda assim, é o trabalho através do senso do dever que nos leva a trabalhar sem qualquer idéia de dever. Então, o trabalho transforma-se em culto - ou em algo ainda mais alto. Então, o trabalho será feito por amor dele próprio. Verificaremos que a filosofia do dever, seja em forma de ética, ou de amor, é a mesma em cada Yoga - sendo o objetivo a atenuação do ser inferior, de forma que o verdadeiro ser superior possa brilhar mais, e diminuir o esvanecimento das energias em planos inferiores da existência, a fim de que a alma possa manifestar-se nos mais altos.

O dever raramente é doce. Só quando o amor lubrifica as rodas é que ele corre mansamente. De outra maneira, a fricção é continua. Como poderiam os pais, de outra forma, cumprir seus deveres para com os filhos, os maridos para com suas mulheres, e vice-versa? Não encontramos casos de fricção todos os dias, em nossas vidas? O dever só é doce através do amor, e o amor só brilha em liberdade. Ainda assim, é liberdade, o ser escravo dos sentidos, da cólera, dos ciúmes, e de uma centena de outras coisas mesquinhas que devem ocorrer todos os dias na existência humana? Em todas essas pequenas rudezas com que nos deparamos na vida, a expressão mais alta de liberdade é suportar. Mulheres que são escravas de seus próprios temperamentos irritáveis, ciumentos, costumam culpar seus maridos e afirmar sua própria "liberdade" - conforme pensam - sem saber que assim provam, apenas, que são escravas. O mesmo se dá com os maridos que se queixam eternamente de suas esposas.

A única forma de subir é cumprir o dever que nos está próximo, e assim reunir forças, subindo até alcançar o mais alto estágio.

Um jovem saniâsin meteu-se numa floresta e ali meditava, fazia seu culto, e praticava a Yoga, por muito tempo. Depois de anos de duro trabalho e prática, estava ele um dia sentado sob uma árvore, quando algumas folhas secas lhe caíram na cabeça. Olhou para cima e viu um corvo e um grou brigando no topo de uma árvore, o que o levou a encolerizar-se muito. E disse:

- Quê! Ousais atirar essas folhas mortas sobre a minha cabeça!

Como, ao dizer essas palavras, olhava para as aves com muita ira, uma faísca saltou - que tal era o poder do yogue - e queimou-as, reduzindo-as a cinzas. O homem ficou muito contente, quase contente demais, ao verificar o desenvolvimento de seu poder. Podia queimar um corvo e um grou. só com um olhar!

Depois de algum tempo precisou ir à cidade - mendigar o seu pão. Chegando a uma porta, parou ali e disse:

- Mãe, dá-me comida!

Uma voz veio lá de dentro:

- Espera um pouco, meu filho.

O jovem pensou:

- Mulher miserável! Como ousa fazer-me esperar! Ignora o meu poder!

Enquanto estava assim pensando, a voz se fez ouvir de novo:

- Rapaz, não penses tanto sobre ti mesmo; aqui não há corvos nem grou.

Ele ficou atônito, e teve de esperar. Por fim, a mulher chegou e o jovem caiu a seus pés, dizendo:

- Mãe, como sabias disso?

- Meu rapaz, eu nada sei de tua Yoga e de tuas práticas. Sou mulher comum, cotidiana. Fiz-te esperar porque meu marido está doente e eu estava tratando dele. Toda a minha vida lutei para cumprir meu dever. Quando era solteira, cumpri meu dever para com meus pais; agora, que sou casada, cumpro meu dever para com meu marido. Essa é toda a Yoga que pratico. Mas, cumprindo meu dever, fui iluminada, e assim pude ler os teus pensamentos e saber o que fizeste na floresta. Se queres aprender algo superior a isto, vai ao mercado de tal e tal cidade e ali encontrarás um vyadba (alguém pertencente a mais baixa casta na Índia, que inclui os caçadores e os açougueiros), e ele te dirá algo que te alegrará de aprenderes.

O saniâsin pensou:

- Por que iria eu a essa cidade, à procura de um vyadha!

Mas, depois do que vira, sua mente se abriu um pouco, e ele foi. Ao chegar à cidade, encontrou o mercado e viu, a certa distância, um grande e gordo vyadha, cortando carne com uma grande faca, e falando e negociando com diferentes pessoas. O jovem disse consigo:

- Valha-me Deus! J'É este o homem de quem preciso aprender? Se a alguma coisa ele se parece, é com a encarnação do demônio!

Nesse ínterim o homem, levantando os olhos disse:

- ò Swami, enviou-vos a mim aquela senhora? Sentai-vos, até eu terminar o meu negócio.

O saniâsin pensou: "Que me acontecerá aqui?", e sentou-se.

O negociante continuou o seu mister, e depois que o terminou, recolheu o dinheiro ganho e disse ao saniâsin:

- Vinde, senhor, vinde à minha casa.

Chegados ali, o vyadha deu-lhe uma cadeira, dizendo:

- Esperai aqui.

E entrou na casa, onde deu banho no pai e na mãe, alimentou-os e fez tudo quanto pode para agradá-los. Depois, veio ter com o saniâsin e lhe disse:

- Agora, senhor, viestes ver-me; em que vos posso ser útil?

O saniâsin fez-lhe algumas perguntas relativas à alma e a Deus. O vyadha lhe fez uma preleção que faz parte do Maha-Marata e contém um dos mais elevados pensamentos de Vedanta.

Quando o vyadha terminou seu ensinamento, o saniâsin se sentiu estupefato e disse:

- Por que estais nesse corpo? Com um conhecimento como o que tendes, por que estais no corpo de um vyadha, fazendo trabalho tão desagradável, tão sujo?

- Meu filho, replicou o vyadha - não há dever desagradável, não há dever impuro. Meu nascimento me colocou sob estas circunstâncias e neste ambiente. Em minha mocidade aprendi o ofício. Sou desapegado e tento cumprir bem o meu dever. O meu dever é o de dono de casa, e assim faço tudo quanto posso para dar felicidade a meu pai e minha mãe. Não conheço vossa Yoga nem me tornei um saniásin, nem saí do mundo para viver numa floresta. Apesar de tudo, as coisas que de mim ouvistes e .vistes, vieram-me por eu cumprir desapegadamente o dever correspondente à minha posição.

Há um sábio na Índia, um grande yogue, um dos homens mais maravilhosos que já vi em minha existência. É homem peculiar, não ensina ninguém. Se lhe perguntardes alguma coisa, não responderá. É demasiado para ele assumir a posição de instrutor, e não o fará. Se lhe fizerdes uma pergunta e esperardes durante alguns dias, no curso da conversação ele trará o assunto à tona, e uma luz maravilhosa se projetará no que vos interessa. Disse-me, uma vez, qual era o segredo do trabalho: "Que o fim e os meios se reuniam, como uma coisa só". Quando estiverdes fazendo um trabalho, não penseis em nada estranho a ele. Fazei-o como quem faz um culto, o mais alto dos cultos, e devotai-lhe então toda a vossa vida inteira. Na história, o vyadka e a mulher cumpriram o seu dever de todo ânimo e coração, e, como resultado, tornaram-se iluminados, o que nos mostra que o cumprimento correto dos deveres de qualquer dos estágios da vida, sem apego aos resultados, leva-nos à mais alta realização da perfeição da alma.

O trabalhador que se apega aos resultados é que resmunga a propósito da natureza do dever que lhe coube. Para o trabalhador desapegado todos os deveres são igualmente bons e se tornam instrumentos eficientes com os quais o egoísmo e a sensualidade podem ser mortos e a liberdade da alma assegurada. Todos temos tendência para pensar muitíssimo bem de nós mesmos. Nossos deveres são determinados pelos nossos merecimentos, em extensão muito maior do que gostaríamos de suportar. A competição desperta inveja, e mata a bondade do coração. Para os resmungão, todos os deveres são desagradáveis, nada o satisfaz e toda a sua existência está votada ao insucesso. Trabalhem, fazendo, em nosso caminho o que quer que seja de nosso dever, e mostrando-nos sempre prontos a por nossas mãos à obra. Então, e seguramente, veremos a Luz!

## Terceira parte

O efeito principal do trabalho realizado pelos outros é o de nos purificar. Por meio de esforço constante para fazer bem aos demais, estamos tentando esquecer-nos de nós. Esse esquecimento do eu é a grande lição que devemos aprender na vida. Cada ato de caridade, cada pensamento de solidariedade, cada ação que represente auxílio, cada bom movimento, retira de nossos pequenos eus a auto-importância, e leva-nos a pensar orn nós mesmos como os menores, os últimos. Portanto, todos eles são bons.

Nosso dever para com os demais significa ajudá-los, fazer bem ao mundo. Por que teríamos de fazer bem ao mundo? Evidentemente para ajudar o mundo. Esse deveria ser em nós o mais alto motivo. Mas, se considerarmos bem, verificamos que o mundo não pede absolutamente o nosso auxílio. Este mundo não foi feito para que vós ou eu viéssemos ajudá-lo. Li certa vez um sermão que dizia: "Todo este belo mundo é muito bom, porque nos dá tempo e oportunidade para ajudar outros". Aparentemente, esse é um belo sentimento, mas não será uma blasfêmia dizer que o mundo precisa de nossa ajuda? Não podemos negar que há nele muita angústia. Ajudar outros é, portanto, a melhor coisa que podemos fazer, embora, em última análise, verifiquemos que ajudar os outros é apenas ajudar a nós próprios. Quando eu era menino, tinha alguns ratinhos brancos. Conservava-os numa caixinha provida de pequenas rodas, e quando os ratos tentavam atravessar as rodas, elas giravam e giravam, e os animaizinhos não saíam do mesmo lugar. Assim é o mundo e o auxílio que nós lhe damos. O único auxílio vem do exercício moral que fazemos.

O mundo não é bom nem mau. Cada homem manufatura um mundo para si próprio. Se um cego começar a fazer uma idéia do mundo, ele lhe aparece como duro ou suave, frio ou quente. Somos massas de felicidade ou angústia, e vimos isso centenas de vezes em nossas vidas. Geralmente, os jovens são otimistas e os velhos pessimistas. Os jovens têm a vida diante de si, os velhos queixam-se de que seus dias já passaram. Centenas de desejos que não podem realizar debatem-se em seus corações. Não obstante, ambos são tolos. A vida é o bem ou o mal, de acordo com o estado de espírito com que a contemplamos. Em si mesma não é uma coisa nem outra. O fogo, em si mesmo, não é bom nem mau. Quando ele nos aquece, dizemos: "Como o fogo é belo!" Quando nos queima os dedos voltamo-nos contra ele. Ainda assim, em si mesmo ele não é bom nem mau. Segundo o usamos, ele nos dá a sensação do bom ou do mau. Assim também é o mundo. Ele é perfeito. Perfeição no sentido de que preenche seus fins. Podemos estar todos certos de que continuará lindamente bem sem nós, e não precisamos preocupar nossas cabeças desejando ajudá-lo.

Contudo, devemos fazer o bem. O desejo do bem é a mais alta força motriz que temos, se soubermos, todo o tempo, que é um privilégio ajudar outros. Não vos coloqueis num alto pedestal, com uma pequena moeda na mão, exclamando: "Aqui tens, meu pobre homem". Mas agradecei a presença ali daquele homem pobre, para que, dando-lhe algo, possais ajudar a vós mesmos. Não é quem recebe o que tem a bênção e sim o que dá. Agradecei o fato de vos permitirem exercer vosso poder de benevolência e misericórdia no mundo, tornando-vos, assim, puros e perfeitos. Todos os bons atos tendem a nos fazer puros e perfeitos. Que podemos fazer de melhor? Construir um hospital, fazer estradas, ou levantar casas de caridade? Podemos organizar a caridade e coletar dois ou três milhões de dólares, construir um hospital com um milhão, com o segundo dar bailes e beber champanha, e com o terceiro deixar os funcionários roubarem a maior parte, ficando o resto, finalmente, para os pobres. Mas o que vem a ser tudo isso? Um furacão pode, em cinco minutos, deitar abaixo todas as nossas construções. Que faremos, então? Uma erupção vulcânica pode varrer da face da Terra todas as nossas estradas e hospitais, cidades e edifícios.

Deixemos de parte toda essa tola conversa que gira em torno do bem que fazemos ao mundo. Ele não está esperando pela vossa ou pela minha ajuda. Entretanto, devemos trabalhar e fazer o bem constantemente, porque isso é uma bênção para nós mesmos. Essa é a única maneira pela qual podemos tornar-nos perfeitos. Mendigo algum ao qual ajudamos nos deve sequer uma só moedinha: nós lhe devemos tudo, porque ele nos permitiu exercer nossa caridade para com a sua pessoa. É inteiramente errado pensar que fizemos ou podemos fazer bem ao mundo, ou pensar que ajudamos alguém. É um pensamento insensato, e todas as coisas insensatas trazem angústia. Pensamos ter ajudado certo homem e esperamos dele gratidão. E, como não a manifesta, sentimo-nos infelizes. Por que deveríamos esperar algo em retribuição daquilo que fizemos? Sede gratos ao homem que ajudais, pensai nele como em Deus. Não é um grande privilégio termos permissão para adorar a Deus através do auxílio aos nossos semelhantes? Se fossemos realmente desapegados, escaparíamos de toda essa dor de inútil expectativa, -e poderíamos fazer, alegremente, bom trabalho no mundo. jamais a infelicidade e a angústia vêm através de trabalho feito sem apego. O mundo continuará com sua felicidade e sua angústia através da eternidade.

Havia um homem pobre que desejava algum dinheiro, e tinha ouvido dizer que se conseguisse agarrar um gênio poderia ordenar-lhe que lhe trouxesse dinheiro ou qualquer outra coisa que desejasse. Estava, portanto, muito ansioso para agarrar um gênio. Foi procurar um homem que lhe desse um gênio, e acabou por encontrar um sábio com grandes poderes. Solicitou seu auxílio e o sábio perguntou-lhe o que fazia ele com um gênio. - Desejo um gênio para trabalhar em meu benefício. Ensina-me como agarrar um, senhor. Desejo isso mais que tudo.

Mas o sábio respondeu:

- Não vos preocupeis. Voltai para a vossa casa.

No dia seguinte o homem tornou a procurar o sábio, e começou a chorar e a suplicar:

- Dai-me um gênio. Preciso de um gênio, senhor, para ajudar-me.

O sábio acabou por aborrecer-se, e disse-lhe:

- Tomai este talismã, repeti esta palavra mágica, e o gênio virá, fazendo o que quer que lhe ordeneis fazer. Mas tende cuidado. Os gênios são terríveis e devem ser mantidos constantemente ocupados. Se deixardes de dar trabalho ao vosso, ele vos tirará a vida.

O homem respondeu:

- Isso é fácil. Posso dar-lhe trabalho por toda a sua vida.

Então, foi para uma floresta, e depois de ter repetido longamente a palavra mágica, um enorme gênio lhe apareceu e disse:

1 - Sou um gênio. Fui conquistado por tua magia, mas deves manter-me constantemente ocupado. No momento em que deixares de me dar trabalho, eu te matarei.

O homem disse:

- Constrói-me um palácio.

O gênio respondeu:

- Está feito. O palácio já está construído.

- Dá-me dinheiro - falou o homem.

- Aqui está o teu dinheiro - replicou o gênio.

- Derruba esta floresta e constrói uma cidade em seu lugar.

- Está feito - disse o gênio. - Mais alguma coisa?

Então o homem começou a assustar-se e pensou que nada mais poderia ordenar ao gênio, que fazia tudo num abrir e fechar de olhos.

O gênio declarou:

- Dá-me algo para fazer senão eu te comerei.

O pobre homem já não encontrava ocupação para ele e estava apavorado. Correu, correu, e por fim encontrou o sábio e disse-lhe:

- Oh! Senhor, protegei a minha vida!

O sábio perguntou-lhe o que lhe acontecia, e o homem respondeu:

- Não tenho mais nada para ordenar ao gênio. Tudo que eu lhe digo, ele faz num momento, e ameaça comer-me se não lhe der trabalho.

Nesse momento chegou o gênio, dizendo:

- Eu te comerei.

E ia comer o homem, que começou a tremer, suplicando ao sábio que lhe salvasse a vida.

O sábio falou:

- Encontrarei uma saída. Olhai para este cio, que tem a cauda curva. Arrancai rapidamente a vossa espada e cortai-lhe a cauda, dando-a ao gênio para endireitá-la.

O homem cortou a cauda do cão e deu-a ao gênio, dizendo:

- Endireita-a para mim.

O gênio agarrou a cauda e, lenta e cuidadosamente, endireitou-a. Mal, porém, largou dela, eis que de novo se enrolou. Mais uma vez, trabalhosamente, ele a endireitou, mas o resultado foi o mesmo. De novo, pacientemente, endireitou-a, mas mal a largou, ela de novo se enrolou. Assim ficou ele durante dias e dias, até que se sentiu exausto e disse:

- Nunca na minha vida tive transtorno igual. Sou velho, um gênio veterano, mas nunca cheguei a ter transtorno igual. Vou fazer uma combinação contigo. Liberta-me, e poderás conservar tudo quanto te dei, com a minha promessa de que- não te farei mal.

O homem ficou encantado e aceitou alegremente a oferta.

Este mundo é como a cauda enrolada de um cão, e as pessoas levam a lutar para endireitá-la durante centenas de anos. Quando largam dela, eis que de novo se enrola. Como poderia ser de outra maneira?

É preciso, primeiro, saber como trabalhar sem apego, para que não se chegue a ser um fanático. Quando soubermos que este mundo é como a cauda enrolada de um cão, cauda que jamais poderá ser endireitada, não nos tornaremos fanáticos. Se não houvesse fanatismo no mundo, ele progrediria muito mais do que agora. É um erro supor que o fanatismo pode impulsionar o progresso da humanidade. Pelo contrário, é um elemento que retarda esse progresso, gerando ódio e cólera, e levando os indivíduos a lutarem uns contra os outros, fazendo-os sentirem-se mutuamente antipáticos. Pensamos que o que quer que possuamos ou façamos é a melhor coisa do mundo, e que o que não possuímos nem fazemos nada vale. Lembrai-vos sempre, portanto, da história da cauda enrolada do cão, de cada vez que tiverdes tendência para vos fanatizar. Não precisais preocupar-vos ou ficar insones por causa do mundo, ele seguirá sem vós. Quando tiverdes evitado o fanatismo, e só então, trabalhareis bem. O homem de cabeça bem equilibrada, o homem calmo, de bom julgamento e nervos frios, dotado de grande capacidade de simpatia e amor, é o que faz bom trabalho, e assim fazendo, faz bem a si próprio. O fanático é insensato e não tem simpatia. jamais pode endireitar o mundo, nem se tornará puro ou perfeito.

- Assim como cada ação que de nós emana a nós retorna como reação, as nossas ações podem agir sobre outros e as dos outros podem agir sobre nós. Talvez todos vós tenhais observado o fato de que quando as pessoas cometem más ações, tornam-se cada vez piores, e quando começam a fazer o bem, tornam-se cada vez mais fortes e aprendem a fazer constantemente o bem.

Essa intensificação da influência da ação não de ser explicada em qualquer outro terreno senão o que lioz podermos agir e reagir uns sobre os outros. Quando estou praticando determinada ação, minha mente está, podemos dizer, num certo estado de vibração, e todas as mentes em circunstâncias idênticas estarão expostas a ser afetadas pela minha mente. Suponhamos que existissem nesta sala vários instrumentos musicais afinados pelo mesmo tom, numa sala. Podeis ter reparado que quando um instrumento é tocado, os demais têm tendência para vibrar de forma a dar a mesma nota. Assim, todas as mentes que têm a mesma tensão, por assim dizer, serão igualmente afetadas pelo mesmo pensamento. Naturalmente, esta influência do pensamento sobre a mente variará de acordo com a distância e outras causas, mas a mente está sempre aberta para ser influenciada. Suponhamos que eu esteja cometendo um ato mau, minha mente está num certo estado de vibração, e todas as mentes do universo que estiverem em estado idêntico têm a possibilidade de ser afetadas pelas vibrações da minha mente. Assim, quando estou fazendo uma boa ação, minha mente está em outro estado de vibração, e todas as demais mentes afinadas por ela têm a possibilidade de ser afetadas pela minha mente, e esse poder da mente sobre a mente é maior ou menor, de acordo com a maior ou menor força da tensão.

Seguindo um pouco mais esse símile, é muito possível que, tal como as ondas de luz podem viajar durante milhões de anos antes de alcançar qualquer objeto, as ondas do pensamento também podem viajar centenas de anos antes de encontrarem um objeto com o qual possam vibrar em uníssono. É muito possível, portanto, que esta nossa atmosfera esteja repleta de tais pulsações de pensamento, tanto bons como maus. Cada pensamento projetado de cada cérebro vai pulsando, por assim dizer, até encontrar um objeto adequado que o receba. Qualquer mente que esteja aberta para receber alguns desses impulsos, os receberá imediatamente. Assim, quando um homem comete más ações, leva sua mente a um estado de tensão, e todas as ondas correspondentes a esse estado de tensão, que se pode dizer já estarem na atmosfera, lutarão para entrar em sua mente.

Corremos, portanto, um duplo perigo ao fazer o mal: primeiro abrimo-nos a todas as más influências circundantes; depois, criamos o mal que afetará outros, talvez centenas de anos a partir de então. Fazendo o mal prejudicamo-nos, e prejudicamos outros. Fazendo o bem, fazemos o bem a nós próprios e também aos outros. E, como todas as forças do homem, essas forças do bem e do mal também reúnem forças retiradas do exterior.

De acordo com o Karma-Yoga, a ação que se realizou não pode ser destruída enquanto não der seus frutos. Poder algum da natureza pode impedi-la de produzir seus resultados. Se eu cometo uma ação má, devo sofrer por isso -, não há poder no universo que o impeça ou detenha. Igualmente, se realizo uma boa ação, não há poder no universo que possa impedi-la de dar bons resultados. A causa deve produzir seus efeitos; nada poderiam pedir ou restringir tal coisa.

Agora vem um ponto muito belo e muito sério da Karma-Yoga, isto é, o que diz que as nossas ações, boas ou más, estão intimamente relacionadas umas com as outras. Não podemos traçar uma linha de demarcação e dizer que esta ação é inteiramente boa ou aquela inteiramente má. Não há ação que não produza bons e maus frutos ao mesmo tempo. Para dar o exemplo mais próximo: eu estou falando convosco e alguns de vós talvez pensem que estou fazendo bem. E, ao mesmo tempo, eu estarei, talvez, matando milhares de micróbios na atmosfera. Assim, estou fazendo mal a alguma outra coisa. Quando uma ação faz bem aos que conhecemos e que nos estimam, dizemos que se trata de uma ação muito boa. Por exemplo, podeis dizer que a minha conversa convosco é muito boa, mas os micróbios não o diriam. Não vedes os micróbios, mas vedes a vós mesmos. A maneira pela qual a minha palavra vos afeta é evidente para vós, mas já não é tão evidente a maneira pela qual ela afeta os micróbios. E assim, também, se analisarmos nossas más ações, podemos descobrir que algum bem resulta possivelmente delas, algures. Aquele que numa boa ação vê que existe algo de mau, e no meio do mal vê que há algo de bom, conheceu o segredo do trabalho.

E que se segue daí? Que tentemos como tentemos, não pode haver ação alguma perfeitamente pura ou perfeitamente impura, tomando pureza e impureza no sentido de prejuízo e não-prejuízo. Não podemos respirar nem viver sem prejudicar outros, cada bocado de comida que ingerimos é tirado de uma outra boca. Nossas vidas vão apertando outras vidas. Podem ser as vidas de homens, ou animais, ou pequenos micróbios, mas algumas delas nós estaremos comprimindo. Sendo esse o caso, segue-se, naturalmente, que a perfeição jamais pode ser atingida pelo trabalho. Podemos trabalhar através de toda a eternidade, mas não encontraremos a saída desse intrincado labirinto. Podeis trabalhar e trabalhar, e trabalhar. Não haverá fim para essa associação inevitável de bem e de mal nos resultados do trabalho.

O segundo ponto a considerar é o seguinte: Qual é o fim do trabalho? Verificamos que a vasta maioria das pessoas, em cada país, acredita que haverá época em que o mundo se tornará perfeito, quando não mais haverá doença, ou morte, infelicidade ou perversidade. Essa é uma idéia ótima, uma boa força motriz para inspirar e animar os ignorantes, mas se refletimos por um momento, veremos, a julgar pela própria idéia, que ela não se realizará. Como poderia ser assim, se vemos que o bem e o mal são o verso e o reverso da mesma medalha? Como podeis ter o bem sem o mal ao mesmo tempo? Que queremos dizer quando falamos de perfeição? Vida perfeita é uma contradição de ter-mos. A própria vida é um estado de luta contínua entre nós próprios e tudo quanto é exterior. A cada momento estamos realmente lutando com a natureza externa, e se formos derrotados, nossa vida se irá. Há, por exemplo, uma luta contínua pelo alimento e pelo ar. Se nos faltarem o alimento e o ar, morreremos. A vida não é uma coisa simples e a fluir suavemente; mas é um efeito composto. É a essa luta complexa entre algo interno e o mundo externo que chamamos vida. Portanto, está claro que quando a luta cessar haverá um fim para a vida. O que consideramos felicidade ideal é isso - a cessação dessa luta. Mas, a essa altura, a vida cessará, pois a luta só pode ter fim quando a própria vida estiver terminada.

já vimos que, ajudando o mundo, ajudamos a nós próprios. O efeito principal do trabalho realizado em benefício de outros é purificar-nos. Por meio do esforço constante para fazer o bem a outros, estamos tentando esquecer-nos de nós mesmos, e esse esquecimento do eu é a grande lição que temos de aprender na vida. O homem pensa insensatamente que se pode fazer feliz, e após anos de luta verifica, finalmente, que a verdadeira felicidade consiste em matar o egoísmo, e que ninguém pode fazê-lo e faz, a não ser ele próprio. Cada ato de caridade, cada pensamento de simpatia, cada ação de socorro, cada boa ação, tira um tanto da auto-importância de nossos pequenos eus, e leva-nos a pensar em nós mesmos como os menores, como os últimos. Portanto, são todos bons.

Aqui verificaremos que Inane, BhakÚ e Karma chegam todas a um mesmo ponto. O mais alto ideal é eterna e inteira abnegação do eu, quando não mais existe "eu", mas tudo é "vós". Consciente, ou inconscientemente, a Karma-Yoga leva a tal objetivo.

Por muito que seus sistemas de filosofia e religião possam diferir, toda a humanidade se mantém reverente e respeitosa diante do homem pronto a se sacrificar pelos demais. Não é absolutamente uma questão de credo ou doutrina. Mesmo homens que muito se opõem a todas as idéias religiosas, sentem, quando assistem a um desses atos de completo sacrifício do eu, que devem reverenciá-lo. Não tendes visto que mesmo o cristão mais intolerante, quando lê A Luz da Ásia, de Edwin Arnold, reverencia Buda, que não pregou Deus algum, mas apenas o sacrifício do eu? A única coisa que o intolerante não sabe é que seu próprio objetivo e meta na vida, são, exatamente, os mesmos que animam os que dele diferem.

O adorador, mantendo sempre em sua mente a idéia de Deus e um ambiente de bondade, chega ao mesmo ponto, finalmente, e diz: - Seja feita a tua vontade", sem nada reter para si próprio. Isso é abnegação. Assim, Inane, Bhakti, e Karma aqui se encontram, e isso foi o que todos os grandes pregadores dos velhos tempos quiseram dizer, quando ensinaram que Deus não é o mundo. Disseram, muito corretamente, que o mundo é uma coisa e Deus é outra. O mundo, para eles, é egoísmo, Deus é altruísmo. Pode alguém viver num trono, num palácio de ouro, e ser perfeitamente altruísta; então, esse está com Deus. Outro pode viver numa choupana, usar andrajos, e nada ter com o mundo; ainda assim, se for egoísta, está inteiramente submerso no mundo.

Voltando a um de nossos pontos principais, dizemos que não nos é possível fazer o bem sem ao mesmo tempo fazer o mal, ou fazer o mal sem produzir algum bem. Sabendo isso, como podemos trabalhar? Houve seitas neste mundo, entretanto, que tiveram uma forma espantosamente disparatada de pregar o suicídio lento como forma única de sair do mundo, porque, se o homem viver, tem de matar pobres animais e plantas, ou prejudicar algo ou alguém. Assim, de acordo com elas, a única maneira de sair do mundo seria morrer. Os jainos<sup>16</sup> pregaram tal doutrina como seu mais alto ideal. O ensinamento parece muito lógico.

A verdadeira solução, porém, é encontrada no Bhagavad-Gitã. Já a teoria do desapego: não sermos apegados a coisa alguma enquanto fazemos nosso trabalho na vida. Saber que sois inteiramente separados do mundo, que estais no mundo, mas que, seja o que for que nele façais, não o fazeis por amor de vós próprios. Qualquer ação que realizeis por vós próprios fará pesar sobre vós os seus efeitos. Se a ação é boa, tereis bom efeito, e se é má, tereis de aceitar o mau efeito. Mas qualquer ação que realizeis sem ser por amor de vós próprios, seja ela qual for, não terá efeito sobre vós. Nas escrituras hinduístas se encontra uma sentença muito expressiva, que envolve esta idéia: "Mesmo que ele mate todo o universo, ou seja ele próprio morto, não é o matador nem o morto, quando sabe que não está agindo absolutamente por si próprio".

Portanto, a Karma-Yoga ensina: "Não abandoneis o mundo. Vivei no mundo, saturai-vos tanto quanto possível de sua influência. Mas, se for para vossa própria satisfação, não trabalheis, absolutamente". Satisfação não deve ser a meta. Matai primeiro o vosso eu, depois tomai o mundo inteiro como a vós mesmos. Como costumavam dizer os antigos cristãos: "O homem velho deve morrer". Esse homem velho é a idéia egoísta de que o mundo foi feito inteiramente para nosso gozo. Pais pouco esclarecidos costumam fazer seus filhos rezarem: "Ó Senhor, criastes este Sol para mim, esta Lua para mim. . .- como se o Senhor nada mais tivesse a fazer senão criar tudo para aqueles bebês. Não criseis vossos filhos a dizer tais tolices. O mundo não foi feito para nós. Milhões morrem todos os anos e o mundo não sente isso. Milhões de outros vêm ocupar-lhes o lugar. Assim como o mundo nos considera, consideremos o mundo.

Havia, na Índia, um grande sábio chamado Vyasa. É conhecido como o autor dos Aforismos da Vedanta, e foi homem virtuoso. Seu pai tentara tornar-se um homem muito perfeito, e não tivera sucesso. Seu avô também o tentara, e malograra. Seu bisavô igualmente o tentara, e com idêntico resultado. O próprio Vyasa não tivera sucesso completo, mas seu filho, Shuka, nasceu perfeito. Vyasa ensinou-lhe sua sabedoria, e depois de lhe ter ensinado pessoalmente o conhecimento da Verdade, mandou-o para a corte do rei Janaka. Janaka era um grande rei, e chamavam-no Janaka Videha. Videha significa "sem corpo". Embora fosse rei, esquecera-se completamente de que tinha um corpo, e sentia, constantemente, que era um Espírito. O jovem Shuka lhe foi enviado para com ele aprender.

---

<sup>16</sup> jainos - Membros de uma das sete grandes religiões do mundo, o Jainismo, derivação do hinduísmo, cujo ideal é a paz entre todos os homens e a fraternidade entre tudo quanto vive.

O rei sabia que o filho de Vyasa iria ter com ele para aprender sabedoria, e fez alguns arranjos prévios. Quando o moço se apresentou às portas do palácio, os guardas não tomaram conhecimento dele. Indicaram-lhe apenas um lugar para sentar-se, e ali esteve ele, durante três dias e três noites, sem que ninguém lhe dirigisse a palavra, sem que ninguém lhe perguntasse quem era e donde vinha. O jovem era filho de um grande sábio, sendo seu pai reverenciado em todo o país, e ele próprio era uma das pessoas mais respeitáveis. Entretanto, os guardas inferiores, vulgares, do palácio, não tomavam conhecimento dele. Depois disso, e subitamente, os ministros do rei e todos os grandes oficiais da corte vieram ter com ele e o receberam com as maiores honrarias. Conduziram-no para o interior do palácio e levaram-no para aposentos esplêndidos, oferecendo-lhe os mais fragrantos banhos e as mais maravilhosas roupagens. Durante oito dias o mantiveram ali, em toda a espécie de luxo. O rosto sereno e solene de Shuka não se alterou na mínima coisa ante a modificação do tratamento. Foi no luxo o mesmo de quando esperara à porta do palácio.

Levaram-no, então, à presença do rei. Este estava em seu trono, e havia música, danças e outras diversões, no salão. Dando-lhe uma taça cheia de leite até as bordas, o rei pediu ao jovem que fizesse sete vezes a volta ao salão, sem derramar uma só gota do líquido. Shuka apanhou a taça e iniciou sua caminhada em meio à música e à atração de belos rostos. Conforme lhe recomendara o rei, deu sete voltas sem que uma só gota de leite se derramasse. A mente do jovem não podia ser atraída por coisa alguma no mundo, a não ser que ele o permitisse. Quando levou a taça ao rei, este lhe disse: "O que teu pai te ensinou e o que aprendeste por ti mesmo, eu só poderei repeti-lo. Conheceste a Verdade. Volta para a tua casa".

Assim, o homem que conseguiu o autodomínio, não pode sofrer qualquer influência externa. Para ele não há mais escravidão. Sua mente tornou-se livre. Só um homem assim está reparado para viver bem no mundo. Alguns são pessimistas, e dizem: "Como é horrível este mundo! Como é perverso!" Outros são otimistas, e dizem: "Como é belo este mundo! Quão maravilhoso é!" Para os que não dominaram sua própria mente, o mundo ou é cheio de mal, ou, no máximo, uma mistura de bem e de mal.

Este mesmo mundo se tornará um mundo feliz para nós quando nos fizermos senhores de nossa mente. Nada mais nos influenciará, então, como bem ou mal. Encontraremos tudo em seu lugar exato, para que haja harmonia. Com freqüência, os homens que começam dizendo ser o mundo um inferno, acabam por afirmar que ele é um paraíso, quando conseguem obter a prática do autodomínio. Se quisermos ser autênticos karma-yogues e desejarmos treinar-nos para a obtenção desse estado, onde quer que comecemos estejamos seguros de que terminaremos na perfeita abnegação. E assim que esse eu aparente tiver desaparecido, o mundo inteiro, que a princípio nos parecia repleto de mal, parecerá o próprio céu, e cheio de bem-aventuranças. Sua própria atmosfera será abençoada, todos os rostos humanos serão bons. Tal é o fim e a meta da Karma-Yoga, e tal é a sua perfeição na vida prática.

Nossas várias Yogas não colidem umas com as outras: cada uma delas nos conduz ao mesmo fim e nos faz perfeitos; apenas têm de ser laboriosamente praticadas. Todo o segredo está na prática. Deveis primeiro ouvir, depois pensar, e a seguir praticar. Essa é a regra de cada Yoga. Primeiro tendes que ouvir falar nelas e compreender de que se trata. E muitas coisas que não compreenderdes se irão fazendo claras pelo constante ouvir e pensar.

É duro entender tudo imediatamente. A explicação de tudo está em vós mesmos, afinal, Ninguém jamais foi realmente ensinado por outrem. Cada um de nós tem de ensinar a si próprio. O mestre externo oferece apenas a sugestão que acorda o mestre interno para o trabalho e a compreensão das coisas. Então, as coisas se farão mais claras para nós, através de nosso próprio poder de percepção e pensamento, e nós as compreenderemos em nossas próprias almas, e tal compreensão se desenvolverá no intenso poder da vontade. Primeiro sentir, depois querer, e de tal querer vem a tremenda força para agir, força que percorrerá cada veia, cada nervo, cada músculo, até que toda a massa do corpo se transforme num instrumento da Yoga da ação desprendida, e o resultado desejado, de perfeita abnegação pessoal e integral altruísmo, é devidamente alcançado.

Esse resultado não depende de qualquer dogma, doutrina, ou crença. Trate-se de um cristão, de um judeu, ou de um pagão, não importa, Sois destituídos de egoísmo? Essa é a pergunta. Se o sois, sereis perfeitos sem ler um só livro religioso, sem ir a um só igreja ou templo. Cada uma das nossas Yogas é adequada para fazer o homem perfeito sem o auxílio das demais, porque todas têm a mesma finalidade. As Yogas da ação, da sabedoria, da devoção, são todas capazes de servir como meios diretos e independentes para a obtenção de moksha<sup>17</sup>. "Só os tolos, não os sábios, dizem que o trabalho e a filosofia são coisas diferentes." Os sábios sabem que, embora aparentemente difiram uma da outra, elas conduzem, finalmente, ao mesmo objetivo da humana perfeição.

<sup>17</sup> Moksha - Palavra sânscrita, significando estado de perfeição da espiritualidade em toda a sua plenitude.

## Quarta parte

A roda do mundo dentro de uma roda é um terrível mecanismo. Só há duas maneiras de se sair dela. Uma é abandonar toda preocupação com a máquina, deixá-la andar e ficar de lado - abandonar nossos desejos. Isso é muito fácil de dizer, mas quase impossível de fazer. A outra maneira é mergulhar no mundo e aprender o segredo do trabalho. Não fuja das rodas da máquina-do-mundo, mas permaneça dentro dela e aprende o segredo do trabalho. Através de trabalho adequado, feito no interior, também é possível realizar.

Este universo é apenas uma parte da Existência infinita, atirada a um molde peculiar, composto de espaço, tempo e causalidade. Segue-se, necessariamente, que só pode existir lei dentro desse universo condicionado. Para além dele não pode haver lei alguma. Quando falamos do universo, queremos falar apenas daquela porção de Existência limitada pelas nossas mentes - o universo dos sentidos, que podemos ver, tocar, ouvir, conjecturar, imaginar. Só esta porção está, sob lei; mas além dela, a Existência não pode estar sujeita à lei, porque a causalidade não se estende para além do mundo das nossas mentes. O que quer que fique para além do âmbito de nossa mente e de nossos sentidos, não está preso à lei de causalidade, pois não há associação mental de coisas na região além dos sentidos, nem causalidade nem associação de idéias. Só quando o Ser ou Existência se amolda em nome e forma é que obedece à lei de causalidade e se diz estar sujeito à lei, porque toda a lei tem sua essência na causalidade.

Vemos, portanto, que não há essa coisa a que chamam livre arbítrio. As próprias palavras são uma contradição, porque a vontade é o que conhecemos, e tudo quanto conhecemos está dentro do nosso universo, e tudo quanto está dentro do nosso universo é moldado pela condição de espaço, tempo e causalidade. Tudo quanto sabemos, ou podemos chegar a saber está sujeito à causalidade, e o que obedece à lei de causalidade não pode ser livre. Recebe a influência de outros agentes e, por sua vez, torna-se uma causa. Mas aquilo que foi convertido em vontade, e que antes não era vontade, mas que, quando cai no molde espaço, tempo e causalidade, converte-se em vontade humana, é livre. E quando essa vontade sai para fora do molde de espaço, tempo e causalidade, é livre de novo. Da liberdade ela vem, amolda-se a esse cativo, e dele sai e regressa de novo à liberdade.

Tem-se indagado de quem procede este universo, em quem ele repousa, e para quem ele vai. E tem-se respondido que ele vem da liberdade, repousa no cativo, e volta à liberdade, novamente. Assim, quando falamos do homem como do Ser infinito que se manifesta, queremos dizer que apenas uma partícula disso é homem. Este corpo e esta mente que vemos são apenas uma parte do todo, apenas um ponto do Ser infinito. Este universo todo é apenas uma partícula do Ser infinito e todas as nossas leis, nossos cativos, nossas alegrias e nossos desgostos, nossas expectativas estão apenas dentro deste pequeno universo. Toda a nossa progressão e regressão estão dentro de seu pequeno perímetro.

Para adquirir a liberdade devemos transpor as limitações deste universo. Não pode ser encontrada aqui. Equilíbrio perfeito, ou o que os cristãos chamam paz que ultrapassa toda compreensão, não pode ser adquirida neste universo, nem no céu, nem em parte alguma onde nossa mente e pensamentos possam atingir, onde os sentidos possam sentir, ou que a imaginação possa conceber. Tal lugar não nos pode dar liberdade, porque todos os lugares assim estariam dentro do nosso universo, e nosso universo é limitado pelo espaço, tempo e causalidade. Pode haver lugares que sejam mais etéreos do que esta nossa Terra, onde os prazeres sejam mais agudos, mas mesmo esses lugares estarão dentro do universo, e portanto, sob o cativo da lei. Assim, temos de ir além, e a verdadeira religião começa onde o universo termina.

Aqui terminam essas pequenas alegrias e desgostos e esse conhecimento das coisas, e começa a Realidade. Enquanto não abandonarmos a sede de viver, o forte apego a essa nossa existência transitória, condicionada, não teremos esperança de obter sequer um relance daquela infinita liberdade do além.

A razão percebe, então, que há apenas uma maneira de obter aquela liberdade, meta de todas as mais nobres aspirações da humanidade, e essa maneira é renunciando esta pequena vida, renunciando este pequeno universo, renunciando esta terra, renunciando o céu, renunciando o corpo, renunciando a mente, renunciando tudo quanto é limitado e condicionado. Se renunciarmos nosso apego a este pequeno universo dos sentidos e da mente, imediatamente seremos livres. A única forma de sair do cativo é transcender as limitações da lei, transcender a causalidade.

É, porém, uma coisa muitíssimo difícil renunciar ao apego a este universo. Poucos já o conseguiram. Há duas maneiras de fazer isto, mencionadas em nossos livros. Uma é chamada a Neti, neti (Isso não, isso não). A outra é chamada Iti (Isto). A primeira é a forma negativa, e a segunda é a forma positiva. A forma negativa é a mais difícil. Só é possível para homens de altíssimas mentes e vontade gigantesca, que apenas se erguem e dizem - "Não, não receberei isto". E a mente e o corpo obedecem à sua vontade, e eles têm sucesso. Mas essas pessoas são muito raras. A vasta maioria da humanidade escolhe a maneira positiva, o caminho através do mundo, fazendo uso de todos os cativeiros para romper esses mesmos cativeiros. Essa é também uma forma de renúncia, feita tão-só lenta e gradualmente, através do conhecimento das coisas, do gozo das coisas, obtendo-se assim experiência e conhecendo a natureza das coisas até que, afinal, a mente as deixe partir todas e se torne desapegada.

A primeira forma de obter o desapego é através do raciocínio, e a última é através da ação e da experiência. A primeira é o caminho da Jnana-Yoga, que se caracteriza pelas ações práticas. Todos devem trabalhar no universo. Somente aqueles que estão perfeitamente satisfeitos com o Eu, cujos desejos não vão além do Eu, para quem o Eu é tudo - só esses não trabalham. O resto deve trabalhar.

Uma corrente d'água precipitando-se de seu leito normal, tomba num vácuo e forma um remoinho. Depois de fluir um pouco nesse remoinho, emerge novamente sob a forma de corrente livre, continuando então sem tropeços. Cada vida humana é como essa corrente. Tomba no remoinho e fica envolvida neste mundo de espaço, tempo e causalidade. Rodopia um pouco exclamando: "meu pai, meu irmão, meu nome, minha fama -, etc., e, finalmente, dele emerge livre, obtendo mais uma vez sua liberdade original. Todo o universo está fazendo isso. Saibamos ou não, sejamos ou não conscientes disso, todos estamos trabalhando para sair do sonho do mundo. A experiência do homem no mundo é feita para possibilitar-lhe a saída de seu remoinho.

Que é Karma-Yoga? P, o conhecimento do segredo da ação. Vemos que todo o universo trabalha. Para quê? Para a salvação, para a liberdade. Desde o átomo até o mais alto ser, trabalham todos para o mesmo fim: liberdade para a mente, para o corpo, para o espírito. Todas as coisas estão tentando conseguir liberdade, fugindo ao cativo. O Sol, a Lua, a Terra, os planetas - todos estão tentando escapar do cativo. As forças centrífugas e centrípetas da natureza são, realmente, típicas do nosso universo.

Para encontrar saída do cativo do mundo, temos de atravessá-lo lenta e seguramente. Pode haver pessoas excepcionais, das quais acabei de falar, que conseguem ficar de lado e abandonar o mundo, como a cobra que abandona sua pele e fica a olhar para ela, ali ao lado. Não há dúvida que esses seres excepcionais existem. O resto da humanidade, porém, deve ir lentamente, através do mundo do trabalho. Karma-Yoga mostra o processo, o segredo e o método de fazer isso com os melhores resultados.

Que diz ela? Trabalhai incessantemente, mas abandonai todo o apego ao trabalho. Não vos identifiqueis com coisa alguma. Mantende vossa mente livre. Tudo isso que vedes - as dores e as angústias - são apenas condições necessárias neste mundo, Pobreza, riqueza e felicidade, são momentâneas, apenas. Não pertencem absolutamente à nossa natureza verdadeira. Nossa natureza está muito além da angústia e da felicidade, além de qualquer objeto dos sentidos, além da imaginação. Ainda assim, devemos continuar trabalhando todo o tempo. A angústia surge do apego, não do trabalho. Assim que nos identificamos com o trabalho que fazemos, sentimo-nos angustiados, mas se não nos identificarmos com ele, não sentiremos essa angústia. Se um belo quadro pertencente a outra pessoa se incendia, um homem geralmente não se torna angustiado, mas quando é seu próprio quadro que se queima, quão angustiado ele se sente! Por quê? Ambos eram quadros muito belos, talvez cópias do mesmo original, mas num caso é muito maior a angústia sentida do que no outro. Isto se dá porque num caso ele se identifica com o quadro, e no outro caso não.

Esses "eu e meu" causam toda a angústia. Com o senso de posse vem o egoísmo, e o egoísmo traz angústia. Todo o ato ou pensamento egoísta torna-nos apegados a algo, e imediatamente nos tornamos escravos. Portanto, Karma-Yoga diz-nos que goze-mos a beleza de todos os quadros do mundo, mas não nos identifiquemos com nenhum deles. Nunca digais "meu". Sempre que dizemos de uma coisa que é "minha", a angústia aparece imediatamente. Não digais sequer - "meu filho", em vossa mente. Se o fizerdes, virá a angústia. Não digais "minha casa", não digais "meu corpo". Toda a dificuldade está aí. O corpo nem é vosso, nem meu, nem de ninguém. Esses corpos vêm e vão segundo as leis da natureza, mas nós somos livres, permanecendo alheios como testemunhas. Este corpo não é mais livre do que um quadro numa parede. Por que nos apegaríamos tanto a um corpo? Se alguém pinta um quadro, faz isso e passa. Não projetais o tentáculo de egoísmo que diz: "devo possuir isso". Assim que ele é projetado, tem início a angústia.

Aqui estão duas formas de desistir de todo o apego. Uma é para os que não acreditam em Deus ou em qualquer auxílio exterior. Esses são deixados aos seus próprios recursos, e têm, simplesmente, que trabalhar com sua própria vontade, com os poderes de suas mentes e discernimento, dizendo: "Não devo ser apegado". Para os que acreditam em Deus, há um outro caminho, que é muito menos difícil, Eles dedicam os frutos do trabalho ao Senhor. Trabalham e jamais se apegam aos resultados. O que quer que vejam, sintam, ouçam ou façam, é para Ele. Para qualquer bom trabalho que nos aconteça fazer, não reclamemos louvores ou benefícios. O trabalho pertence ao Senhor, e os frutos devem ser entregues a Ele. Fiquemos de lado, e pensemos que somos apenas servos, obedecendo ao Senhor, nosso Mestre, e que cada impulso para a ação nos vem d'Ele a cada momento. O que quer que cultueis, o que quer que compreendais, o que quer que façais - ofertai tudo a Ele, e ficai em paz.

Fiquemos em paz, em paz perfeita conosco mesmos, e dediquemos todo o nosso corpo e nossa mente, e tudo o mais, como sacrifício eterno, ao Senhor. Em lugar do sacrifício que manda derramar oferendas no fogo, façamos este grande sacrifício, noite e dia - o sacrifício do nosso pequeno eu. - Procurei riquezas neste mundo, e Tu foste a única riqueza que encontrei; sacrifico a Ti a minha pessoa. Procurei alguém para amar, e Tu és o único bem-amado que encontrei; sacrifico a Ti a minha pessoa." Repitamos isto dia e noite, e digamos: "Nada para mim. Não importa que sejam coisas boas, más, ou indiferentes; não me interesso por elas. Sacrifico tudo a W'. Dia e noite, renunciemos nosso eu aparente, até que se torne um hábito para nós o fazermos isso, até que isso nos penetre no sangue, nos nervos, no cérebro, e todo o corpo, a cada momento, esteja obediente a essa idéia de renúncia do eu. Entrai, então, no campo de batalha, com o troar do canhão e o fragor da guerra, e vereis que estais livres e em paz.

Karma-Yoga ensina-nos que a idéia comum de dever está em plano inferior. Ainda assim, todos nós temos de cumprir nosso dever. Apesar disso, podemos ver que esse senso peculiar de dever é muitas vezes uma grande causa de angústia. O dever torna-se como uma doença, para nós. Toma conta de nós, e faz-nos a vida detestável. -9 a maldição da vida humana. Esse dever, essa idéia de dever, é o Sol do auge do verão, que vem crescer a alma recôndita da humanidade. Olhai para esses pobres escravos do dever! O dever não lhes dá tempo de fazerem suas orações, não lhes dá tempo para se banharem. O dever está sempre sobre eles. Saem, e trabalham. O dever está sobre eles! Isso é viver como escravos, por fim tombando na rua e morrendo arreados, como os cavalos. Isso é o dever, tal como é entendido.

O único e verdadeiro dever é ser desapegado e trabalhar como seres livres, oferecer todo o trabalho a Deus. Todos os nossos deveres aí estão. Abençoados somos nós, que nos vemos dispensados aqui. Servimos durante o nosso tempo, e se o fazemos mal ou bem, quem o sabe? Se o fazemos bem, não teremos os frutos. Se o fazemos mal, também não nos importamos. Repousai, sede livres, e trabalhai.

Que é o dever, afinal? É, realmente, o impulso da carne, ou o nosso apego. E quando um apego se estabelece, chamamo-lo dever. Por exemplo, nos países onde a gente não se casa, não, há dever entre marido e mulher. Quando vem o casamento, marido e mulher vivem juntos por causa do apego, e essa espécie de vida em comum fica estabelecida depois de gerações, e, uma vez estabelecida, torna-se um dever. Trata-se, por assim dizer, de uma espécie de moléstia crônica. Quando o apego se torna crônico, batizamo-lo com o altissonante nome de dever. Juncamo-lo de flores, fazemos soar por ele as trombetas, recitamos a propósito dele textos sagrados, e então o mundo inteiro luta e os homens animadamente se roubam uns aos outros, por amor a esse dever.

O dever é bom até o ponto em que detém a brutalidade. Para os tipos comuns de homens, que não podem ter qualquer outro ideal, ele é de certa forma bom, mas os que desejam tornar-se karma-yogues devem atirar para longe a idéia de dever. Não há dever para vós e para mim. O que quer que tenhais de dar ao mundo, dai, seja como for, mas não como dever. Não aceiteis qualquer pensamento nesse sentido. Não sejais compelidos. Por que seríeis compelidos? Tudo quanto fazeis sob compulsão gera apego. Entregai tudo a Deus. Nessa tremenda, violenta fornalha onde o fogo do dever cresta toda a gente, bebei esta taça de néctar e sede felizes.

Nós estamos, simplesmente, cumprindo Sua vontade, e nada temos a ver com recompensas e punições. Se desejais a recompensa, deveis ter também a punição. A única maneira de escapar à punição é desistir da idéia de recompensa. A única maneira de escapar à angústia é abandonar a idéia de felicidade, porque as duas estão presas uma à outra. De um lado está a felicidade, e do outro, a angústia. De um lado está a vida, e do outro, a morte. A única maneira de transpor ambas é abandonar o amor à vida. A vida e a morte são a mesma coisa, vista de pontos diferentes. Assim, a idéia de felicidade sem angústia, ou de vida sem angústia, ou de vida sem morte, é muito boa para meninos de escolas e crianças, mas o pensador vê em tudo isso uma contradição em termos, e abandona ambas. Não busqueis louvores, não busqueis recompensa pelo que quer que tenhais feito. Mal terminamos de realizar uma boa ação, começamos a desejar crédito por ela. Mal damos dinheiro para alguma obra de caridade, já queremos ver nossos nomes citados nos jornais. A angústia surge como resultado de tais desejos.

Na presença de uma Providência sempre ativa, que observa mesmo a queda de um pardoal, como pode o homem ligar qualquer importância ao seu próprio trabalho? Não será blasfêmia fazer tal coisa, quando sabemos que Ele cuida das mínimas coisas deste mundo? Só nos cabe ficar diante d'Ele, em veneração e respeito, dizendo: "Tua vontade será cumprida".

Os homens superiores não podem trabalhar, porque neles não existe apego. Os que se tornaram sempre associados com o Eu, não há trabalho para eles. São eles, realmente, os mais elevados da humanidade, mas, além deles, todos os demais têm de trabalhar. Em assim trabalhando, jamais devemos pensar que pode-mos ajudar sequer a mínima coisa existente neste universo. Não o podemos. Só nos ajudamos a nós mesmos neste ginásio do mundo. Essa é a atitude adequada para o trabalho. Renunciai a todos os frutos do trabalho, fazei o bem por amor ao bem; então, e só então, virá o perfeito desapego. Os liames do coração serão assim rompidos, e colheremos a liberdade perfeita. Essa Liberdade é, realmente, a meta da karma-yoga.

A idéia que em seguida encaramos, é a da igualdade. A promessa de um milênio tem sido um grande incentivo para o trabalho. Muitos religiosos a pregam como uma de suas doutrinas, isto é, que Deus está para vir governar o universo, e então não haverá diferença absolutamente nenhuma nas condições. Os que pregam tal doutrina são meros fanáticos, e os fanáticos são, realmente, os indivíduos mais sinceros da humanidade. O Cristianismo foi pregado precisamente na base da fascinação desse fanatismo, e foi isso que o tornou tão atraente para os escravos gregos e romanos. Eles acreditavam que sob a religião milenar não mais haveria escravidão; que existiria fartura de coisas para comer e beber, e portanto, se constituíram em rebanho em torno dos padrões cristãos. Os que pregaram a idéia, de início, eram, naturalmente, fanáticos ignorantes, mas muito sinceros. Nos tempos modernos essa aspiração milenar é expressa em termos de igualdade - de liberdade, igualdade, e fraternidade. Também isso é fanatismo.

A verdadeira igualdade jamais existiu e jamais existirá sobre a Terra. Como podemos ser todos iguais, aqui? Essa impossível espécie de igualdade implica em morte total. O que faz deste mundo o que ele é? O equilíbrio perdido. No estado original, que é chamado caos, houve equilíbrio perfeito. Como vieram, então, todas as forças formadoras do universo? Pela luta, pela competição, pelo conflito. Suponhamos que todas as partículas de matéria fossem mantidas em equilíbrio: haveria algum processo de criação? Sabemos, através da Ciência, que isso seria impossível. Perturbai um lençol de água, e vereis que cada partícula de água tenta acalmar-se de novo, correndo ao encontro da outra. Da mesma maneira, o fenômeno a que chamamos uni. verso - todas as coisas que nele existem - estão lutando para voltar ao estado de perfeito equilíbrio. De novo aparece a turbulência, e de novo temos combinação e criação. Desigualdade é a própria base da criação. Ao mesmo tempo, as forças que lutam para obter igualdade são tão necessárias à criação como as que destroem essa igualdade.

Igualdade absoluta, que significa perfeito equilíbrio de todas as forças em luta em todos os planos, jamais poderá existir neste mundo. Antes que alcancéis tal estado, o mundo ter-se-ia tornado de todo inadequado para qualquer espécie de vida, e não haverá aqui ninguém. Verificamos, portanto, não só que todas essas idéias do milênio e de igualdade absoluta são impossíveis, mas, também, que se tentarmos levá-las adiante, elas nos conduzirão, sem dúvida alguma, ao dia da destruição. Que faz a diferença entre um homem e outro? É, amplamente, a diferença no cérebro. Hoje em dia, ninguém, a não ser um lunático, dirá que todos nascemos com o mesmo potencial cerebral. Vimos ao mundo com dotes desiguais. Vimos como homens maiores ou menores, e não é possível que nos afastemos dessa determinada condição pré-natal. Os índios americanos viveram neste país durante milhares de anos, e apenas um punhado de vossos ancestrais vieram ter a esta sua terra. Que diferença realizaram estes no aspecto do país! Por que não fizeram os índios melhoramentos nem construíram cidades, se eram ambos iguais? Com vossos ancestrais aportou ao país uma espécie diferente de energia cerebral, vieram diferentes complexos de impressões passadas, e manifestaram-se. Absoluta não-diferenciação é morte. Enquanto este mundo durar, a diferenciação existirá e deverá existir, e o milênio de perfeita igualdade só surgirá quando um ciclo de criação alcançar seu fim. Antes disso, a igualdade não pode existir.

Ainda assim, essa idéia de interpretar o milênio é uma grande força motriz. Tanto é necessária a desigualdade para a própria criação, como a luta para limitá-la. Se não houvesse luta para nos libertarmos e voltarmos para Deus, também não teria havido criação. É a diferença entre essas duas forças que determina a natureza dos motivos dos homens. Haverá sempre esses motivos para trabalhar, alguns tendendo para o aprisionamento, e outros para a liberdade.

A roda deste mundo dentro de uma roda é um mecanismo terrível. Se pomos nossas mãos nela, assim que somos apanhados desaparecemos. Todos pensamos que quando tivermos cumprido um determinado dever, estaremos em paz, mas antes que tenhamos feito uma parte desse dever um outro já está à nossa espera. Todos estamos sendo arrastados por essa poderosa, complexa máquina mundial. Só há duas maneiras de se sair dela. Uma é abandonar toda preocupação com a máquina, deixá-la andar e permanecer de lado - desistir de nossos desejos. Isso é muito fácil de dizer, mas quase impossível de fazer. Não sei se em vinte milhões de homens, um poderia fazer tal coisa. A outra maneira é mergulhar no mundo e aprender o segredo do trabalho. Esse é o caminho da Karma-Yoga. Não fujais das rodas da máquina do mundo, mas permaneçei dentro dela e aprendei o segredo do trabalho. Através de trabalho adequado, feito interiormente, também é possível realizar. O caminho de saída é através dessa maquinaria.

Vimos agora o que é o trabalho. É parte do fundamento da natureza, e prossegue sempre. Os que acreditam em Deus, compreendem isso melhor, porque sabem que Deus não é um ser tão incapaz que necessite de nossa ajuda. Embora o universo continue sempre, nossa meta é a liberdade, nossa meta é a abolição do egoísmo. E, segundo a karma-yoga, é pelo serviço que se atinge essa meta. Todas as idéias que visem tornar o mundo perfeitamente feliz, podem ser boas forças motrizes para fanáticos, mas devemos saber que o fanatismo dá origem tanto ao mal quanto ao bem. O karma-yogue pergunta por que desejais um motivo qualquer a não ser o amor inato da liberdade. Colocai-vos acima dos motivos "dignos". "Tendes direito ao trabalho, mas não aos frutos dele.- O homem pode educar-se para conhecer e praticar isso, diz o karma-yogue. Quando a idéia de fazer o bem se torna uma parte de seu próprio ser, então ele não mais procurará motivos fora de si mesmo. Façamos o bem porque é bom fazer o bem. Quem faz bom trabalho, mesmo para ganhar o céu, aprisiona-se, diz o karma-yogue. Qualquer trabalho feito com o menor dos motivos egoísticos, em lugar de nos fazer livres, forja ainda uma cadeia para nossos pés.

Assim, a única forma é abrir mão de todos os frutos do trabalho, desapegar-se deles. Saber que este mundo não é "nós", nem nós somos este mundo. Que realmente não somos o corpo, que realmente não trabalhamos. Somos o Eu, eternamente em repouso e em paz. Por que estaríamos presos ao que quer que fosse? É muito bom dizer que deveríamos ser perfeitamente desapegados, mas de que forma o seríamos? Todo o bom trabalho que façamos sem motivo ulterior, em lugar de forçar nova cadeia, romperá os elos das cadeias já existentes. Cada bom pensamento que enviamos ao mundo, sem pensar em retribuição, será armazenado e romperá um elo da cadeia, e nos tornará cada vez mais puros, até que nos tornemos os mais puros dos mortais.

Deixai-me dizer-vos, em conclusão, umas poucas palavras sobre um homem que levou o ensinamento de Karma-Yoga à prática. Esse homem é Buda. Levou-o à prática perfeita. Buda é o único profeta que disse: "Não me importa conhecer vossas teorias sobre Deus. Que adianta discutir todas as doutrinas sutis sobre a alma? Fazei o bem e sede bons, e isso vos trará liberdade e a verdade que existir". Em sua conduta na vida, ele era absolutamente destituído de motivos pessoais. Que homem trabalhou mais do que ele? Mostrei-me na história uma personalidade que tenha pairado tão alto. Toda a raça humano. produziu apenas uma personalidade assim, uma filosofia tão elevada, uma simpatia tão ampla.

Esse grande filósofo, pregando a mais alta filosofia, ainda assim teve a mais profunda comiseração pelo mais ínfimo dos animais, e jamais vindicou algo para si próprio. Ele é o karma-yogue ideal, agindo inteiramente sem motivos. É o primeiro grande reformador que o mundo viu. Foi o primeiro que ousou dizer: "Não acrediteis porque vos mostraram alguns velhos manuscritos. Não acrediteis por se tratar de vossa crença nacional, fizeram acreditar desde a vossa infância. Provai vossa crença e depois que a tiverdes analisado descobrires que e fará bem a todos, então acreditai nela, vivei-a, e ajudai outros porque vossa crença, a vivê-la e a acreditar nela".

Trabalha melhor quem trabalha sem interesse algum - nem por dinheiro, nem por fama, nem por qualquer outra coisa. O homem que fizer isso, será um Buda ' e dele virá o poder de trabalhar de tal maneira que transformará o mundo. Esse homem representa o próprio e mais alto ideal da Karma-Yoga.

## **Auto-realização através do amor a Deus (Bhakti-Yoga)**

A melhor definição dada à Bhakti-Yoga está talvez resumida no verso: "Que o amor que os faltos de discernimento nutrem pelos fugazes objetos dos sentidos, jamais abandone este meu coração, que é o de quem Te busca!"

Sabemos quão forte é o amor que os homens, nada conhecendo de melhor, têm pelos objetos dos sentidos, como dinheiro, roupas, suas esposas, filhos, amigos, e propriedades. Como se agarram tremendamente a todas essas coisas! Por isso, na prece acima, o sábio diz: "Terei um apego assim - esse tremendo agarramento - mas somente em relação a TC.

Esse amor, quando dado a Deus, é chamado Bhakti. Bhakti não é destrutivo. Ensina que nenhuma das faculdades que temos nos foi dada em vão, e que é através delas que encontramos o caminho natural para a libertação. Bhakti não mata nossas tendências, não vai contra a natureza, mas só lhes dá uma direção mais nobre e mais poderosa. Quando o mesmo amor dedicado aos objetos dos sentidos é dedicado a Deus, esse amor se chama Bhakti. O principal é desejar Deus. Só quando nos saciamos de tudo que aqui existe é que olhamos para o além, em busca de suprimento. Paraí com os brinquedos infantis do mundo assim que puderdes, e então notareis a necessidade de algo para além do mundo, e virá o primeiro passo na religião.

Há uma forma de religião que segue a moda. Minha amiga tem tal mobília em sua sala; é moda ter um vaso japonês; portanto, ela precisa também ter um ainda que custe mil dólares. Da mesma maneira teremos uma pequena religião, e freqüentaremos uma igreja. Bhakti não é para essas pessoas. Isso não é desejar. Desejar é querer algo sem o qual não se pode viver., Desejamos respirar, desejamos alimento, desejamos roupas. Sem isso não podemos viver. Quando um homem ama uma mulher neste mundo, há momentos em que ele imagina não poder viver sem ela, embora isso seja um engano. Quando um marido morre, a esposa pensa que não poderá viver sem ele, mas vive, apesar de tudo. Esse é o segredo da necessidade. Algo sem o qual não se pode viver. Devemos ter esse algo, senão morreremos. Quando chegar a ocasião de assim nos sentirmos em relação a Deus, ou, em outras palavras, desejarmos algo para além deste mundo algo acima de todas as forças materiais, então poderemos tornar-nos bhaktas.

### **Primeira parte**

Vemos, claramente, que Bhakti é uma série ou sucessão de esforços mentais para a compreensão da religião, começando com o culto comum o terminando com uma intensidade suprema de amor por Ishvara (Deus pessoal).

Bhakti-Yoga é uma procura real, autêntica, do Senhor, uma procura que começa, continua e termina amor. Um simples momento da loucura do amor extremado a Deus nos traz a liberdade eterna. "Bhakti" - diz Narada em sua explicação dos Aforismos Bhaktis - "é o intenso amor por Deus". "Quando um homem o obtém, ama tudo, nada odeia, torna-se satisfeito para sempre." "Esse amor não pode ser reduzido a qualquer benefício terreno" - porque enquanto houver um desejo mundano, essa espécie de amor não virá. Bhakti é maior do que Karma-Yoga, maior do que Raia-Yoga, porque estas têm um objetivo em vista, ao passo que Bhakti é sua própria fruição, seus próprios meios, e seu próprio fim."

Não há, realmente, muita diferença entre conhecimento (jnana) e amor (bhakti), como às vezes se imagina. Veremos, na continuação, que por fim ambos convergem e se encontram no mesmo ponto. Assim acontece com Raja-Yoga, que, quando procurada como meio de libertação, e não (como, infelizmente, se converte, com freqüência, em mãos de charlatães e vendedores de mistérios) como instrumento para iludir os incautos, leva-nos também ao mesmo escopo.

A verdadeira e grande vantagem de Bhakti é ser o caminho mais fácil e mais natural para alcançar-se o grande fim divino em vista. Sua grande desvantagem é que, em suas formas inferiores, com freqüência se degenera em hediondo fanatismo. O grupo fanático entre o hinduísmo e o maometismo ou o cristianismo, sempre tem sido recrutado quase que exclusivamente entre esses devotos das camadas mais baixas de Bhakti. O apego exclusivo a um objeto amado, sem o que nenhum amor genuíno rode crescer, é, com muita freqüência, também a causa da intolerância contra tudo quanto difere desse amor. Todas as mentes fracas e não desenvolvidas, em todas as religiões e em todos os países, só têm uma forma de amar seu próprio ideal, isto é, detestando todos os outros ideais. Aqui temos a explicação do fato do mesmo homem, tão amorosamente apegado ao seu próprio ideal de Deus, tão devotado a seu próprio ideal de religião, tornar-se UM fanático vociferante assim que vê ou ouve alguma coisa que não seja o seu ideal. Essa espécie de amor é, de certa forma, igual ao instinto canino de guarda à propriedade de seu dono contra a invasão. Acontece, apenas, que o instinto do cão é melhor do que a razão do homem, pois o cão jamais confunde seu dono com um inimigo, seja qual for o traço com que aquele se lhe apresente.

O fanático perde todo o poder de julgamento. As considerações pessoais lhe são, nesse caso, de tão absorvente interesse que não lhe importa se o que um homem diz é certo ou errado, mas o que o preocupa particularmente saber é quem o diz. O mesmo homem que é bom, benévolo, honesto e amoroso para os que partilham de sua própria opinião, não hesitará em cometer as ações mais vis para com aqueles que ficam fora do pálio de sua fraternidade religiosa.

Mas esse perigo existe apenas no estágio de Bhakti que é chamado preparatório. Quando o báta amadurece e passa para a forma chamada a suprema, não há mais receio dessas hediondas manifestações de fanatismo. A alma que é dominada por esta forma superior de Bhakti está demasiado próxima do Deus do amor para se tornar um instrumento para a difusão do ódio.

Não é dado a todos nós sermos harmoniosos na construção de nosso caráter nesta vida. Não obstante, sabemos que esse caráter é do tipo mais nobre, no qual todos os três - o conhecimento, o amor e a Raja-Yoga - estão harmoniosamente fundidos. Três coisas são necessárias a um pássaro para poder voar: as duas asas e a cauda, sendo esta como um leme para a direção. Inana é uma asa, Bhakti é a outra, e Raja-Yoga é a cauda que nos mantêm em equilíbrio. Os que não podem seguir todas essas três formas de culto reunidas em harmonia, e tomam, portanto, apenas Bhakti como seu caminho, precisam lembrar-se sempre de que os ritos e cerimônias, embora absolutamente necessários para a alma em progresso, não têm outro valor senão o de nos levar àquele estado em que sentimos o mais intenso amor por Deus.

Vemos claramente, portanto, que Bhakti é uma série ou sucessão de esforços mentais para a realização religiosa, começando no culto comum e terminando na suprema intensidade de amor por Ishvara (Deus Pessoal).

Sempre se deve compreender que o Deus Pessoal cultuado pelo Máta não é separado ou diferente de Brama. Tudo é Brama, o Único sem segundo. Contudo, como Unidade, ou Absoluto, Brama é uma abstração excessiva para ser amado e cultuado. Assim, o bhakta escolhe um aspecto relativo de Brama, isto é, Ishvara, o Governante Supremo. Para usar um símile: Brama é a argila ou a substância da qual uma infinita variedade de artigos é moldada. Como argila, tais artigos são apenas um, mas formam diferentes manifestações dela. Antes que cada um deles fosse feito, todos existiam potencialmente na argila, e, como é natural, eram idênticos no que se refere à substância. Mas, uma vez formados, e enquanto a forma permanece, são separados e diferentes. O rato de argila jamais pode tornar-se um elefante de argila, porque, na qualidade de manifestações, somente a forma faz deles o que são, embora como argila informe sejam apenas um. Ishvara é a mais alta manifestação da Realidade Absoluta, ou, em outras palavras, a leitura mais alta do Absoluto que a mente humana pode fazer. A Criação é eterna, como eterno é Ishvara.

Bhakti-Yoga, como já dissemos, se divide em duas formas: a suprema e a preparatória. Verificaremos, conforme caminhamos, como, no estágio preparatório, ficamos, inevitavelmente, na necessidade de auxílios concretos que nos ajudem a prosseguir. E, realmente, as partes mitológicas e simbólicas de todas as religiões são decorações naturais que de início circundam a alma aspirante e a ajudam a tomar a direção de Deus. Também é um fato significativo terem sido os gigantes espirituais produzidos apenas nos sistemas de religião onde há exuberante riqueza de ritualismo e mitologia. As formas secas e fanáticas de religião, que tentam despojá-la de tudo quanto é poético, de tudo quanto é belo e sublime, de tudo quanto oferece um forte ponto de apoio à mente infantil que vai cambaleando em seu caminho para Deus - as formas que tentam destruir os próprios paus de cumeeira do telhado espiritual, e em suas concepções ignoras e supersticiosas da verdade tentam expulsar tudo quanto dá vida, tudo quanto fornece o material formador da planta espiritual que viceja na alma humana - tais formas de religião bem depressa terão verificado que só lhes restou uma casca vazia, moldura insatisfatória de palavras e sofismas, que talvez tenham ligeiro odor de uma espécie de varredura social, ou do chamado espírito de reforma.

A vasta massa daqueles cuja religião é desse tipo, são materialistas conscientes ou inconscientes, sendo o fim e a meta de suas vidas, aqui e no além o prazer, que, realmente, constitui para eles o alfa e o ômega da vida humana. Para esses, trabalho como o de limpeza de imundícies, visando dar conforto material ao homem, constitui a razão de ser, e a finalidade da existência humana. E quanto mais depressa os seguidores dessa curiosa mistura de ignorância e fanatismo surgirem sob suas cores verdadeiras, e se reunirem, como merecem fazer, às fileiras dos ateus e materialistas, melhor será para o mundo. Uma grama de prática de integridade e de auto-realização espiritual, ultrapassa em peso toneladas e toneladas de palavreado frívolo e sentimentos disparatados. Mostrai-nos um, apenas um, gigantesco gênio espiritual que tenha nascido de toda essa ressecada poeira de ignorância e fanatismo. Se não o podeis fazer, fechai vossas bocas, abri as janelas de vossos corações à luz clara da verdade, e senti-vos como crianças aos pés daqueles que sabem o de que estão falando - os sábios da Índia. Ouçamos, pois, atentamente, o que eles dizem.

## Segunda parte

Conquista a simpatia de todos, senta-te com todos, anota o nome de todos, dizei sim, sim mas mantém-te firme em teu lugar.

Cada alma se destina ao aperfeiçoamento, e todos os seres, ao fim, atingirão o estado de perfeição. O que quer que sejamos agora é o resultado de nossos atos e pensamentos no passado, e o que quer que sejamos no futuro será o resultado do que pensamos e fazemos agora. Mas esta modelação de nossos próprios destinos não nos impede de receber ajuda do exterior. Ainda mais, na vasta maioria dos casos, tal ajuda é absolutamente necessária; quando vem, os poderes e possibilidades superiores da alma são ativados, a vida espiritual é despertada, o crescimento é animado, e o homem se torna, por fim, santo e perfeito.

Esse impulso para a frente não pode ser haurido nos livros. A alma só pode receber impulsos de outra alma, e de nada mais. Podemos estudar os livros toda a nossa vida, podemos tornar-nos muito intelectuais, mas ao fim verificaremos que não nos desenvolvemos absolutamente no sentido espiritual \* Não é verdade que uma ordem mais alta de desenvolvimento intelectual acompanhe sempre o desenvolvimento espiritual proporcionado ao homem.- Estudando livros somos às vezes levados à ilusão de pensar que por eles estamos sendo espiritualmente auxiliados. Mas, se analisarmos o efeito desses livros sobre nós, veremos que, no máximo, é apenas o nosso intelecto o que tira proveito de tais estudos, e não o nosso espírito interior. Essa inaptidão dos livros para acelerarem o crescimento espiritual é a razão pela qual, embora cada um de nós possa falar maravilhosamente sobre assuntos espirituais, quando chega o momento da ação e de viver a verdadeira vida espiritual, verificamos quão tremendas são nossas deficiências. Para ativar-nos o espírito, o impulso deve vir-nos de uma outra alma.

A pessoa de cuja alma esse impulso vem, é chamada gurú, o mestre; e a pessoa a cuja alma o impulso é dirigido, chama-se estudante. Para comunicar tal impulso a qualquer alma, em primeiro lugar, a alma da qual ele procede deve possuir o poder de transmiti-lo, por assim dizer, a outros. Em segundo lugar, a alma à qual é transmitido o impulso deve estar preparada para recebê-lo. A semente deve ser semente viva, e o campo deve estar arado, preparado; quando ambas essas condições se realizam, tem lugar um florescimento maravilhoso da genuína religião.

Só esses são os verdadeiros mestres, e só esses são os verdadeiros estudantes, os verdadeiros aspirantes. Todos os outros estão apenas brincando com a espiritualidade. Podem ter somente uma pequena curiosidade despertada, somente uma pequena aspiração intelectual acesa neles, mas ainda permanecem na ala externa do horizonte da religião. Há, não há dúvida, algum valor mesmo nisso, pois daí pode, no correr do tempo, resultar um despertar da real sede de religião, e, por uma lei misteriosa da natureza, assim que o campo está preparado, a semente deve chegar, e chega. Assim que a alma deseja ansiosamente ter religião, o transmissor da força religiosa deve aparecer, e aparece, para ajudar essa alma. Quando o poder que atrai a luz da religião na alma do recipiendário é integral e forte, o poder que responde a essa atração e lhe envia a luz, surge como coisa natural.

Há, entretanto, certos perigos no caminho. Há, por exemplo, o perigo para a alma recipiendária, de confundir suas emoções momentâneas com o autêntico desejo de religião. Podemos estudar isso em nós mesmos. Muitas vezes, em nossas vidas morre alguém que amávamos. Recebemos um golpe, sentimos que o mundo está-nos fugindo entre os dedos, que desejamos algo mais seguro e mais alto, e que devemos nos tornar religiosos. Em poucos dias aquela onda de sentimentos passa, e ficamos encalhados no mesmo ponto em que estávamos antes. Todos nós confundimos, com freqüência, tais impulsos com a verdadeira sede de religião, mas, enquanto essas emoções momentâneas forem assim confundidas, o anseio autêntico e contínuo de religião não nos virá e não encontraremos o transmissor de espiritualidade. Assim, sempre que estejamos tentados a nos queixar de que nossa pesquisa em relação à verdade que tanto desejamos está-se revelando vã, nosso primeiro dever, em lugar de nos queixarmos, deve ser olhar dentro de nossas almas e verificar se o anseio do coração é autêntico. Então, na imensa maioria dos casos, descobriremos que não estamos preparados para receber a verdade, que não existe aquela sede genuína de espiritualidade.

Há ainda perigos maiores com referência ao transmissor, o gurú. Há muitos que, embora ainda imersos na ignorância, imaginam, no orgulho de seus corações, que sabem tudo, e não só não se detêm aí, mas oferecem-se para levar outros em seus ombros. E assim, cegos conduzindo cegos, tombam juntos no fosso. O mundo está cheio dessas pessoas. Todos querem ser mestres. Todo o mendigo quer fazer doações de um milhão de dólares! Assim como esses mendigos são ridículos, ridículos são esses mestres.

Como podemos conhecer um mestre, então? O Sol não precisa de tocha que o torne visível. Não precisamos acender uma vela para contemplá-lo. Quando o Sol se levanta, tornamo-nos instintivamente conscientes do fato, e quando um mestre de homens vem-nos ajudar, a alma saberá instintivamente que a verdade de já começou a brilhar sobre ela. A verdade apoia-se em seu próprio testemunho, e não requer qualquer outro para provar que é verdade. É auto-refulgente. Penetra nos mais recônditos escaninhos de nossa natureza, e à sua presença todo o universo se ergue e diz: "Esta é a verdade". Os mestres cuja sabedoria e verdade brilham como a luz do Sol, são os maiores que o mundo conheceu, e vêem-se cultuados como Deus pela maioria da humanidade. Mas também poderemos obter auxílio de outros relativamente menores. Apenas, não possuímos bastante intuição para julgar com propriedade o homem do qual recebemos ensinamento e orientação. Assim, precisa haver determinados testes, certas condições que o instrutor deve satisfazer, o mesmo se dando com o aprendiz.

As condições necessárias para o aprendiz são pureza, sede real de conhecimento, e perseverança.

No que se refere ao instrutor, devemos verificar se ele conhece o espírito das escrituras. Todo o mundo lê a Bíblia, os Vedas, o Corão, mas são apenas palavras, sintaxe, etimologia, filologia - os ossos secos da religião. O instrutor que usa palavra demais e permite que a mente seja distraída pela força das palavras, perde o espírito. Os que empregam tais métodos para ensinar religião a outros, estão apenas desejosos de exibir sua erudição, para que o mundo venha louvá-los como grandes eruditos. Verificareis que nem um só dos grandes instrutores do mundo jamais entrou nessas variadas explanações dos textos. Com eles não houve tentativa de "torturar com os textos", nem o eterno jogo quanto à significação das palavras e suas raízes. Ainda assim, ensinaram nobremente, enquanto outros que nada têm a ensinar tomaram às vezes uma palavra, e escreveram um livro em três volumes sobre a sua origem, sobre o homem que a usou em primeiro lugar, sobre o que esse homem costumava comer, quanto tempo dormia, e assim por diante.

Bhagavan Ramakrishna costumava contar a história de alguns homens que foram a um pomar de mangueiras e se ocuparam em contar as folhas, os rebentos, os galhos, examinando sua cor, comparando seu tamanho, e anotando tudo muito cuidadosamente. Depois, meteram-se em erudita discussão sobre cada um daqueles tópicos, que, indubitavelmente, lhes pareciam altamente interessantes. Mas um deles, mais sensato do que os demais, não fez caso algum daquilo, e começou a comer uma manga. Não se revelou ele um sábio?

A segunda condição necessária para o instrutor é a impecabilidade. Ele deve ser perfeitamente puro, e só então suas palavras terão valia, porque só então ele é o verdadeiro transmissor. Que poderá ele transmitir se não tiver em si poder espiritual? Deve haver a valiosa vibração da espiritualidade na mente do instrutor, de forma que possa ser simpaticamente dirigida à mente do aluno. A função do instrutor é realmente um caso de transferência de algo, e não mero estímulo das faculdades intelectuais, ou de outras que existam no aprendiz. Algo real e apreciável como influência, vem do instrutor e vai para o aprendiz. Portanto, o instrutor deve ser puro.

A terceira condição relaciona-se com o motivo. O instrutor não deve ensinar por qualquer motivo ulterior, egoístico - por dinheiro, nome, ou fama. Seu trabalho deve ser simplesmente oriundo do amor puro pela humanidade em conjunto. O único meio através do qual a força espiritual pode ser transmitida é o amor. Qualquer motivo egoístico, tal como o desejo de ganho ou de nome, destruirá imediatamente esse método de comunicação. Deus é amor, e só quem conheceu Deus como amor, pode ser instrutor das coisas divinas e de Deus aos homens.

Quando virdes que em vosso instrutor tais condições são integralmente preenchidas, estais seguros. Se não o são, não é seguro permitirdes ser ensinados por ele, pois há o grande perigo de, não podendo comunicar bondade ao vosso coração, ele comunique perversidade. Esse perigo deve ser evitado, por todos os meios. "Quem é culto nas escrituras, sem pecado, impoluído pela luxúria, esse é o maior conhecedor de Brama, é o verdadeiro instrutor."

Quem abre os olhos do aspirante depois da religião é o instrutor. Com o instrutor, portanto, nossas relações são idênticas às existentes entre um ancestral e seu descendente. Sem fé, humildade, submissão, e veneração em nossos corações para com o nosso instrutor, não haverá em nós qualquer florescimento religioso. É fato significativo que onde há essa espécie de relação entre o instrutor e o aprendiz, e só aí, surgem os homens de espiritualidade gigantesca, enquanto que nos países onde negligenciaram manter essa espécie de relação, o instrutor religioso se tornou um simples conferencista - o instrutor esperando seus cinco dólares e a pessoa ensinada esperando que seu cérebro se encha com as palavras do instrutor, e cada qual seguindo seu, caminho depois que isso foi feito. Sob tais circunstâncias a espiritualidade se torna quase uma quantidade desconhecida. Não há nada a transmitir nem nada a receber. A religião de tais pessoas se torna um negócio. Pensam que podem obtê-la com os seus dólares. Prouvesse a Deus que a religião fosse obtida tão facilmente! Mas, infelizmente, isso não é possível.

A religião, que é o mais alto conhecimento e a mais alta sabedoria, não pode ser comprada, nem adquirida através dos livros. Podeis meter vossas cabeças em todos os cantos do mundo, podeis explorar os Himalaias, os Cáucosos, os Alpes; podeis sondar o fundo do mar e esquadrihar cada nesga do Tibete e do deserto de Gobi, mas não a encontrareis em parte alguma, enquanto vosso coração não estiver preparado para recebê-la e o vosso instrutor não tenha chegado. E quando o instrutor divinamente nomeado chegar, servi-o com a confiança e a simplicidade de uma criança, abri à sua influência, amplamente, o vosso coração, e vede nele Deus manifestado. Aos que procuram a verdade com tal espírito de amor e veneração, o Senhor da verdade revela as coisas mais maravilhosas com relação à verdade, à bondade e à beleza.

Onde quer que Seu nome seja pronunciado, esse lugar se santifica. Quanto mais santificado ficará o homem que pronuncia Seu nome, e com que veneração devemos nos aproximar do homem do qual vem ter a nós a verdade espiritual! Tais grandes instrutores da verdade espiritual são, realmente, muito poucos em número, neste mundo, mas o mundo jamais está inteiramente destituído deles. São sempre as mais belas flores da vida humana um oceano de misericórdia, sem qualquer motivação".

Mais nobre e mais alto do que todos os demais é outro grupo de instrutores, os avatares<sup>18</sup>. Podem transmitir espiritualidade, com um toque, e mesmo com o simples desejo. Os mais baixos e degradados dos caracteres se tornam santos num segundo, sob a ordem deles. São os instrutores de todos os instrutores, as mais elevadas manifestações de Deus através do homem. Não poderemos ver a Deus, senão por intermédio deles. Não podemos deixar de cultuá-los. E, realmente, são eles os únicos que nos cabe cultuar.

---

<sup>18</sup> Avatar - Palavra sânscrita, que significa literalmente "descida" e fala da encarnação de Deus sob forma humana. Krishna, seria assim, o avatar do Vishnu, a segunda pessoa da Trindade Hinduista, tal como Cristo foi um avatar da segunda pessoa da Trindade Cristã no corpo de Jesus.

Deus compreende as deficiências do homem e torna-se homem para fazer bem à humanidade. "Onde quer que a virtude decaia e a perversidade prevaleça, Eu me manifesto. Para estabelecer a virtude, para destruir o mal, para salvar o bem, Eu venho de época em época." "Os tolos escarnecem-Me por ter assumido forma humana, sem conhecer Minha real natureza como Senhor do Universo." Essa é a declaração de Sri Krishna no Bhagavad-Gitá sobre a Encarnação. "Quando flui uma grande maré" - diz Bha-gavam Sri Ramakrishna - "enchem-se todos os pequenos riachos e fossos, sem qualquer esforço ou consciência de sua parte. Assim, quando a Encarnação vem, uma maré espiritual inunda o mundo, e as pessoas sentem a espiritualidade na própria atmosfera."

Quem aspira a ser um bhakta, deve saber que "quantas as opiniões tantos os caminhos". Deve saber que todas as várias seitas das diferentes religiões são as várias manifestações da glória do mesmo Senhor. "Chamam-Vos por muitos nomes. Dividem-Vos, por assim dizer, por diferentes nomes, e mesmo assim, em cada um destes se encontra a Vossa onipotência... Alcançais o devoto através de todos estes, e não há qualquer tempo especial, desde que a alma sinta intenso amor por Vós. É tão fácil aproximarmo-nos de Vós, e para mim seria um infortúnio não poder amar-Vos." Não apenas isso. O bhakta deve ter o cuidado de não odiar, sequer de criticar, esses radiantes filhos da luz que são os fundadores das várias seitas. Nem sequer deve ouvir dizer mal deles.

Muito poucos, realmente, são os que são, ao mesmo tempo, possuidores de ampla simpatia e poder de apreciação, bem como de intensidade de amor. Verificamos, como regra, que as seitas liberais e humanitárias perdem a intensidade dos sentimentos religiosos, e em suas mãos a religião tende a degenerar-se numa espécie de vida de clube político-social. Por outro lado, os sectários intensamente estreitos, enquanto exibem um amor bastante meritório pelos seus próprios ideais, mostram ter adquirido cada partícula desse amor através do ódio contra todos os que não sejam exatamente de sua mesma opinião. Quisera Deus que este mundo estivesse cheio de homens que fossem tão intensos em seu amor quão amplos em suas simpatias! Mas tais homens são muito poucos e raros.

Ainda assim, sabemos que é possível educar um grande nú. mero de seres humanos no ideal de uma fusão maravilhosa da amplitude com a intensidade do amor. E a maneira de o conseguir é através do caminho do "ideal escolhido". Cada seita de cada religião apresenta à humanidade apenas um ideal que lhe é próprio. Mas a eterna religião vedantina abre ao gênero humano um número infinito de portas para ingressar-se no santuário recôndito da Divindade, e coloca diante da humanidade um quase inesgotável desfile de ideais, existindo em cada um deles uma manifestação do Eterno.

Bhaki-Yoga, portanto, nos impõe o mandamento imperioso de não odiar ou negar qualquer dos vários caminhos que conduzem à salvação. Contudo, a planta que está crescendo deve ser cercada a fim de protegê-la enquanto não se torna uma árvore. A tenra planta da espiritualidade morrerá, se exposta cedo demais à ação da constante mudança de idéias e de ideais. Muitas pessoas, em nome do que pode ser chamado liberalismo religioso, podem ser vistas alimentando sua ociosa curiosidade com uma contínua sucessão de ideais diferentes. Ouvir coisas novas constitui, para elas, uma espécie de doença, uma forma de ebriedade religiosa. Desejam ouvir coisas novas só para obter uma excitação nervosa temporária, e quando uma dessas influências excitantes já produziu seu efeito sobre elas, estão preparadas para outras.

A devoção a um ideal é absolutamente necessária ao principiante na prática da devoção religiosa. Ele deve dizer, como Hanuman no Ramayana<sup>19</sup>: "Embora eu saiba que o Senhor de Sri (Vishnu) e o Senhor de Janaki (Rama) são ambas manifestações do mesmo Ser Supremo, contudo o meu máximo em tudo é o Rama de olhos de lótus". Ou, como disse o sábio Tulsidas: "Conquista a simpatia de todos, senta-te com todos, anota o nome de todos, dize sim, sim - mas mantém-te firme em teu lugar".

Então, se o aspirante devocional for sincero, dessa pequena semente virá uma árvore gigantesca, como a banyan da Índia, lançando galho após galho, raiz após raiz, para todos os lados, até cobrir todo o campo da religião. Assim, o verdadeiro devoto compreende que Aquele que era seu próprio ideal na vida, é cultuado em todos os ideais, por todas as seitas, sob todos os nomes, e através de todas as formas.

Com relação ao método e aos meios da Bhakti-Yoga, lemos no comentário do Bhagavan Ramanuja sobre os Sutas da Vedanta: "A obtenção de Bhakti vem através do discernimento do domínio das paixões, dos exercícios, do trabalho sacrificial, da pureza, da energia, e da supressão da excessiva alegria".

---

<sup>19</sup> Ramayána - Palavra sânscrita que significa, literalmente, "Jornada de Rama" (Rama é personagem histórico da Índia, ou, em Outros casos, como aqui, por exemplo, a sétima encarnação de Vishnu). Ramayana, um poema de 50.000 versos cantando as façanhas do filho de Daçaratha Rama, é atribuído ao poeta Valmiki.

Viveka, ou discernimento consiste, segundo Ramanuja, em discernir, entre outras coisas, o alimento puro do impuro. "Quando o alimento é puro, o elemento sattva<sup>20</sup> se purifica e a memória se aprimora."

A questão de alimentos sempre foi das mais vitais no que se refere aos bhaktas. Excluída a extravagância a que atingiram algumas das seitas de Bhakti, há uma grande verdade subjacente nesta questão de alimentos. Os materiais que recebemos através da nossa alimentação, para a estrutura do nosso corpo, determinam, em grande parte, a nossa constituição mental. Portanto, o alimento que ingerimos deve ser visto de maneira muito particular.

Este discernimento do alimento é, afinal, de importância secundária. A passagem acima citada é explicada por Shankara de uma forma diferente, dando significação inteiramente diversa à palavra ahara, traduzida geralmente por "alimento". Segundo ele, "ahara é o que se recolhe. O conhecimento das várias sensações, tal como o do som, é recolhido para prazer do gozador. A purificação do conhecimento recolhido pelos sentidos se chama purificação do alimento (ahara). Purificação do alimento significa a aquisição do conhecimento de sensações não maculadas pelos defeitos do apego, da aversão, da desilusão. Tal é o significado. Portanto, sendo purificado tal conhecimento, ou abara, o sattva material de seu possuidor - o órgão interno - se tornará puro, e purificado o sanva, resultará uma ininterrupta memória do Infinito".

Essas duas explicações mostram-se aparentemente conflitantes, mas ambas são verdadeiras e necessárias. A manipulação e controle do que pode ser chamado corpo mais sutil, isto é, a mente, são funções mais elevadas, sem dúvida alguma, do que o controle do corpo físico, mais grosseiro. Mas o controle do mais grosseiro é absolutamente necessário para capacitar uma pessoa a chegar ao controle do corpo mais sutil. Portanto, o principiante deve dar atenção especial às regras dietéticas transmitidas por uma sucessão de instrutores acreditados. Mas o fanatismo extravagante e destituído de significação, que levou a religião inteiramente para a cozinha, como se pode observar em algumas de nossas seitas, é uma espécie peculiar de puro e simples materialismo. Não é inana, nem Bhakti, nem Karma. É uma forma especial de demência. Portanto, o racional é que é necessário haver discernimento na escolha da alimentação, para se obter esse estado de composição mental superior, que de outra maneira não se pode obter facilmente.

Domínio das paixões é o passo seguinte. Refrear os órgãos em sua tendência de procurar os objetos dos sentidos, controlá-los, e trazê-los sob a orientação da vontade, eis a virtude central na cultura religiosa. Então vem a prática do autodomínio e da auto-negação. Todas as imensas possibilidades de compreensão divina da alma não podem ser efetivadas sem luta e sem essa prática por parte do devoto aspirante. "A mente deve pensar sempre no Senhor." É muito duro, de início, levar a mente a pensar sempre no Senhor, mas com cada novo esforço se fortalece em nós o poder de fazer tal coisa.

Depois, quanto ao trabalho sacrificatório entende-se que os cinco grandes sacrifícios" (culto, estudo, e diversas espécies de atividades humanitárias) devem ser habitualmente realizados.

Pureza é a disciplina absolutamente básica, a rocha em que se assenta todo o edifício de Bhakti. Limpar o corpo externamente e selecionar o alimento são coisas fáceis, mas sem a limpeza e pureza internas, as práticas externas não têm nenhum valor. Na lista de qualidades que conduzem à pureza, tal como foi dada por Rāmanuia, estão enumeradas a veracidade; a sinceridade; fazer o bem a outros sem qualquer ganho pessoal; não ofender ninguém por pensamento, palavra ou ação; não cobiçar as posses alheias; não manter pensamentos vãos; e não ruminar as injúrias recebidas de outrem.

Nesta lista, a idéia que merece referência especial é ahimsa, a inofensividade. O dever de não ofender, é, por assim dizer, obrigatório em nossas relações com todos os seres. Não significa, simplesmente, como acontece com alguns, não prejudicar os seres humanos, mas não ter misericórdia para com os animais inferiores. Nem significa, como pensam outros, proteger cães e gatos e alimentar formigas com açúcar, mas mantendo a liberdade de prejudicar o seu irmão humano da maneira mais horrível. É notável observar como quase todas as boas idéias deste mundo podem ser levadas a um extremo repulsivo. Uma boa prática levada ao extremo e executada de acordo com a letra da lei, torna-se um mal positivo. Os monges malcheirosos de certas seitas religiosas, que não se banham para que a vermina de seus corpos não seja morta, jamais pensam no desconforto e nas doenças que levam a seus semelhantes. Não pertencem, portanto, à religião dos Vedas.

---

<sup>20</sup> Sattva - Qualidade de pureza, harmonia e paz que deve prevalecer entre os místicos e yogues.

Devemo-nos lembrar sempre, em conseqüência, de que as práticas externas só têm valor como meios auxiliares para desenvolver a pureza interior. É melhor ter apenas pureza interna, quando não é praticável a minuciosa atenção às observâncias externas. Mas ai do homem e ai da nação que esquecem a parte essencial, real, interna, e espiritual, da religião, e agarram-se mecanicamente, com apego mortal, a todas as formas externas e jamais se separam delas! As formas só têm valor enquanto são expressões da vida interior. Se cessaram de expressar vida, esmagai-as sem misericórdia.

O meio seguinte para a obtenção de Bhakti é energia. "Esse Atman não será obtido pelos fracos." Tanto a força física como a mental estão aqui englobadas. "Os fortes, os resistentes" são os únicos estudantes adequados. Que podem fazer as coisinhas débeis, decrépitas? Irão quebrar-se em pedaços sempre que as misteriosas forças do corpo e da mente forem acordadas, mesmo levemente, pela prática de qualquer das Yogas. "Os jovens, os sadios, os fortes- são os que podem lograr sucesso. Força física, portanto, é absolutamente necessária. Só um corpo forte pode suportar o choque da reação que resulta das tentativas para controlar os órgãos. O que deseja tornar-se um bhakta, deve ser forte, deve ser sadio. Quando os miseravelmente fracos tentam qualquer das Yogas, possivelmente irão adquirir moléstia incurável, ou enfraquecer a mente. Enfraquecer voluntariamente o corpo não é, realmente, uma receita para o esclarecimento espiritual.

Os fracos mentalmente também não podem ter sucesso na obtenção de Atman. Quem aspire ser um bhakta deve ser animado. No mundo ocidental, a idéia de um homem religioso é a daquele que jamais sorri, que parece ter sempre uma nuvem escura pendendo sobre seu rosto, que deve ser comprido, com a mandíbula quase deslocada. As pessoas de corpos emaciados e rostos compridos são pacientes para médicos; não são yogues. A mente animada é que se faz perseverante. A mente forte é que desbasta seu caminho através de milhares de dificuldades. E a mais dura de todas as tarefas, o abrir nosso caminho entre as redes de maya, pertence às vontades de gigantes.

Ainda assim, ao mesmo tempo, a alegria exagerada deve ser evitada. A alegria exagerada torna-nos impróprios para o pensamento sério, e também desperdiça em vão as energias da mente. Quanto mais forte a vontade, menor é a submissão às vacilações emocionais. Hilaridade excessiva é tão censurável quanto o excesso de triste seriedade, e toda a compreensão religiosa só é possível quando a mente está em condições firmes, pacíficas, de equilíbrio harmonioso.

É assim que se deve começar a aprender como amar o Senhor.

## Terceira parte

Na Bhakti-Yoga o segredo central é saber que as várias paixões, sentimentos e emoções do coração humano não são errados em si mesmos; apenas devem ser cuidadosamente controlador e receber uma condição superior de excelência. A direção mais elevada é a que nos leva a Deus; toda outra direção é inferior.

Terminamos a consideração do que podemos chamar a Bhakti preparatória, e entraremos agora no estudo da suprema devoção. Todas as preparações pretendem apenas a purificação da alma. A repetição de nomes, de rituais, de formas, e os símbolos todas essas várias coisas são para a purificação da alma.

O maior purificador, entre essas coisas, um purificador sem o qual não se pode entrar nas regiões da devoção superior, é a renúncia. Isso assusta muitos, mas, sem ela não pode haver crescimento espiritual. Em todas as Yogas a renúncia é necessária. Eis a pedra de toque, o centro real e o coração real de toda a cultura espiritual: a renúncia. Eis religião: a renúncia. Quando a alma humana se retrai das coisas do mundo e tenta penetrar nas coisas mais profundas, quando o homem, o Espírito, que de certa forma aqui se materializou e concretizou, compreende que ele vai ser destruído e reduzido quase a simples matéria, e volve seu rosto à matéria - então começa a renúncia, então começa o verdadeiro crescimento espiritual.

A renúncia do karma-yogue toma a forma de desistir de todos os frutos de suas ações. Ele não se apega aos resultados de seus trabalhos, não se importa com recompensas, já ou depois.

O raia-yogue sabe que o conjunto da natureza se destina a ser um meio para a alma adquirir experiências, e que o resultado de todas as experiências da alma é tornar-se ela consciente de sua eterna separação da natureza. A alma humana tem de entender e realizar que ela tem sido espírito, e não matéria, através da eternidade, e que a sua conjunção com a matéria é, e pode ser, apenas temporária. O raja-yogue aprende a lição da renúncia através de suas próprias experiências da natureza.

O jnane-yogue tem de passar pela mais rigorosa das renúncias, e precisa compreender, desde o princípio, que a totalidade desta natureza aparentemente sólida não passa de uma ilusão. Tem de compreender que toda e qualquer espécie de manifestação de poder da natureza pertence à alma e não à natureza. Tem de saber, desde o início, que todo o conhecimento e toda a experiência estão na alma e não na natureza; assim tem, de pronto e pela penetrante força da convicção racional, de romper todo aprisionamento à natureza. Deixa a natureza e tudo quanto a ela pertence; deixa-os desvanecer-se e procura manter-se sozinho.

De todas as renúncias, a mais natural, por assim dizer, é a do bhakta-yogue. Aqui não há violência, nada a abandonar, nada a arrancar de nós mesmos, nada de que devamos ser violentamente separados. A renúncia do bhakta é fácil, corre maciamente, e é tão natural como as coisas que nos rodeiam. Vemos a manifestação desse tipo de renúncia, embora mais ou menos sob forma caricaturesca, todos os dias, em torno de nós. Um homem começa a amar uma mulher; depois de algum tempo ama outra, e deixa que se vá a primeira. Ela se esvai de sua mente de maneira suave, delicada, sem que ele sinta, absolutamente, sua falta. Uma mulher ama um homem. Começa, então, a amar outro homem, e o primeiro desaparece de sua mente com toda a naturalidade. Um homem ama sua própria cidade, depois começa a amar seu país, e o amor intenso por sua cidadezinha vai caindo maciamente, naturalmente. O homem aprende a amar todo o mundo: seu amor por seu país, seu patriotismo intenso e fanático fene-se sem magoá-lo, sem qualquer manifestação de violência. Um homem sem cultura ama intensamente os prazeres dos sentidos; conforme vai-se educando, começa a amar os prazeres intelectuais, e seu prazer dos sentidos vai diminuindo cada vez mais. Homem algum pode gozar uma refeição com o mesmo sabor e prazer com que a gozam um cão ou um lobo, Mas o deleite que um homem sente em suas realizações e experiências intelectuais, um cão jamais sentirá.

Quando um homem ascende cada vez mais alto no plano do intelecto, muito além do simples perisamento, quando galga o plano da espiritualidade e da divina inspiração, acha-se num estado de beatitude, comparado com o qual nada são todos os prazeres dos sentidos, ou mesmo do intelecto, nada são. Quando a Lua brilha intensamente, todas as estrelas se turvam, e quando o Sol brilha, é a Lua que se turva. A renúncia necessária para a obtenção de Bhaki não se obtém por matar seja o que for, mas chega naturalmente, tal como em presença de uma luz crescentemente mais forte as luzes menos intensas se obscurecem cada vez mais até desaparecerem por completo. Assim, o amor aos prazeres dos sentidos e do intelecto se obscurece, e é posto de lado, atirado à sombra criada pelo próprio amor de Deus.

Esse amor a Deus cresce até assumir a forma do que se pode chamar devoção suprema. As formas desaparecem, os rituais fogem, os livros são ultrapassados; as imagens, templos, igrejas, religiões e seitas, países e nacionalidades - todas essas pequenas limitações e entraves se desprendem, por sua própria natureza, daquele que conhece esse amor de Deus. Nada resta para entravá-mo-nos, ou para algemar a sua liberdade. Assim, na renúncia que auxilia a devoção não há aspereza, nem escura, nem luta, nem repressão, nem supressão. O bhakta não precisa suprimir uma só de suas emoções. Esforça-se, apenas, por intensificá-las e dirigi-las para Deus.

Na natureza vemos amor por toda a parte. O que quer que na sociedade seja bom, grande, sublime, é trabalho do amor. O que quer que em sociedade seja mau, negativo, diabólico, é também o trabalho mal dirigido da mesma emoção de amor. É essa mesma emoção que nos dá o puro e santo amor conjugal entre marido e mulher, bem como a espécie de amor que satisfaz as formas mais baixas de paixão animal. A emoção é a mesma, mas sua manifestação é diferente, nos diferentes casos.

Bhaki-Yoga é a ciência do amor superior. Mostra-nos como dirigi-lo, como controlá-lo, como governá-lo, como usá-lo, como dar-lhe alvo novo, por assim dizer, e disso obtém os mais altos e gloriosos resultados, isto é, o modo de o fazer conduzir-nos à bem-aventurança espiritual. Bhakti-Yoga não diz: "Abandona!" Diz, apenas: "Ama - ama o Supremo!" E tudo quanto é inferior larga naturalmente aquele cujo objeto de seu amor é o Supremo.

"Nada posso falar a Teu respeito, a não ser que és o meu amor. És belo! És a própria beleza!" O que realmente se nos exige nessa Yoga é que nossa sede de beleza seja dirigida para Deus. Que é a beleza num rosto humano, no céu, nas estrelas, e na Lua? É apenas uma apreensão particular da real, envolvente beleza divina. "Ele brilha, e tudo brilha. É através de Sua luz que todas as coisas brilham." Tomai esta alta posição de Bhakti, que vos faz esquecer imediatamente vossas pequenas personalidades. Afastai-vos de todos os pequenos e egoísticos apegos mundanos. Não contempleis a humanidade como sendo o centro de todos os vossos interesses humanos e superiores. Conservai-vos como uma testemunha, como um estudante, e observai os fenômenos da natureza. Mantende o sentimento de desapego pessoal no que se refere ao homem, e observai como esse poderoso sentimento de amor se manifesta no mundo. As vezes se produz uma pequena fricção mas é apenas no curso da luta para obter o superior, o verdadeiro amor. As vezes há uma pequena luta, ou uma pequena queda, mas isso é apenas passageiro. Ficai de lado e deixai que essas fricções venham, livremente. Sentis a fricção apenas quando estais na corrente do mundo, mas quando estais fora dela, simplesmente como testemunha ou estudante, podereis ver que há milhões e milhões de canais através dos quais Deus se está manifestando como amor.

"Onde quer que haja qualquer beatitude, mesmo na mais sensual das coisas, há uma faísca da beatitude eterna, que é o próprio Senhor." Mesmo na mais baixa forma de atração, há um germe do amor divino. Um dos nomes do Senhor em sânscrito é Hari, que significa que Ele atrai todas as coisas para si. E Sua atração é, realmente, a única digna dos corações humanos. Quem pode atrair realmente uma alma? Somente Ele! Pensais que matéria morta possa realmente atrair uma alma? jamais o fez e jamais o fará. Quando vedes um homem seguindo um belo rosto, pensais que é um punhado de moléculas materiais organizadas o que realmente atrai esse homem? Absolutamente. Atrás daquelas partículas materiais deve haver, e há, o jogo da divina influência e do amor divino. O homem ignorante não o sabe, mas, não obstante, consciente ou inconscientemente, é atraído por esse amor, e apenas por ele. Assim, mesmo as mais baixas formas de atração, derivam seu poder do próprio Deus. O Senhor é o grande ímã, e nós somos todos como que limalhas de ferro; estamos sendo sempre atraídos por Ele, e todos lutamos por alcançá-Lo. Toda essa nossa luta neste mundo não tem, seguramente, fins egoísticos. Os tolos não sabem o que estão fazendo; a obra de sua vida, afinal, é aproximarem-se do grande ímã. Todas as tremendas lutas e combates da vida visam fazer-nos caminhar para Ele, fundamentalmente, e com Ele nos unificarmos.

O bhakta-yogue, entretanto, conhece o significado das lutas da vida. Compreende-as. Passou por uma longa série dessas lutas e sabe o que elas significam, e deseja, ansiosamente, libertar-se de suas fricções. Deseja evitar a colisão e vai diretamente para o centro de toda a atração, o grande Hari. Tal é a renúncia do bhakta. Essa poderosa atração em direção a Deus faz com que todas as demais atrações lhe desapareçam. Esse poderoso e infinito amor de Deus, que lhe entra no coração, não deixa lugar para que outro amor qualquer ali viva. Como poderia ser de outra maneira? Bhakti enche seu coração com as águas divinas do oceano do amor, que é o próprio Deus. Não há lugar ali para pequenos amores. Isso quer dizer que a renúncia do bhakta é esse desapego por todas as coisas que não sejam Deus, o qual resulta do grande apego a Deus.

Essa é a preparação ideal para atingir o supremo Bha-kti. Quando advém essa renúncia, as portas se abrem para a alma passar e alcançar as elevadas regiões da devoção suprema. Só o bhakta atingiu aquele supremo estado de amor comumente chamado fraternidade do homem. Os demais indivíduos apenas falam. Ele não vê distinções. O poderoso oceano do amor entrou nele, que não vê o homem no homem, mas vê seu Bem-Amado em toda a parte. Através de todos os rostos, para ele, brilha Hari. A luz do Sol ou da Lua são a Sua manifestação. Onde quer que haja beleza e sublimidade, para ele provêm de Hari. Tais bhaktas ainda vivem; o mundo nunca está sem eles. Embora mordidos por uma serpente, dizem apenas que um mensageiro do seu Bem-Amado veio até eles. Só esses homens têm o direito de falar em fraternidade universal. ignoram ressentimentos; suas mentes jamais reagem sob a forma de ódio ou ciúme. O exterior, o sensual, desvaneceu deles para sempre. Como podem ter cólera, quando, através de seu amor, estão sempre capacitados a ver a Realidade atrás dos cenários?

Na Bhakti-Yoga o segredo central é saber que as várias paixões, sentimentos e emoções do coração humano não são erradas em si próprias. Apenas têm de ser cuidadosamente controladas, recebendo direção cada vez mais elevada, até que atinjam a própria e mais alta condição de excelência. A direção superior é a que nos leva a Deus: toda a direção que não seja essa, é inferior.

A conclusão a que chega o bhākta é que, se insistirdes em amar apenas uma pessoa após a outra, podeis continuar amando-as por uma infinita vastidão de tempo, sem serdes absolutamente capazes de amar o mundo como um todo. Todavia, quando, por fim, a idéia central é alcançada, que a sorna total de todo o amor é Deus; que a soma total das aspirações de todas as almas do universo, estejam livres, ou prisioneiras, ou em luta pela libertação, é Deus, então, e só então será possível o indivíduo fazer nascer o amor universal. Se amamos essa soma total, amamos tudo. Amar o mundo e fazer-lhe bem será então coisa fácil. Temos de obter esse poder apenas amando a Deus em primeiro lugar; senão, não passa de um divertimento fazer bem ao mundo.

"Tudo é Ele e Ele é o meu Amante; eu O amo" - diz o bhakta. Desta maneira tudo se torna sagrado para o bhakta, porque todas as coisas são d'Ele. Todos são Seus filhos, Seu corpo, Sua manifestação. Como podemos, pois prejudicar alguém? Como podemos, pois, não amar alguém? Como o amor de Deus virá, como segura consequência, o amor de tudo no universo. Quanto mais próximos de Deus chegamos, mais começamos a ver que todas as coisas estão n'Ele. Quando a alma consegue apropriar-se da beatitude desse amor supremo, começa, também, a vê-Lo em tudo. Nosso coração se torna, assim, uma fonte eterna de amor. E quando alcançamos estados ainda mais elevados neste amor, todas as pequenas diferenças entre as coisas do mundo se perdem completamente. O homem já não é visto como homem, mas só como Deus. Não mais se vê o animal como simples animal, mas como Deus. Mesmo o tigre já não é um tigre, mas a manifestação de Deus. Assim, nesse intenso estado de Bhakti, o culto é ofereci-\* do a tudo: a toda a vida e a todos os seres.

Como resultado desta espécie de intenso e onívoros amor, vem o sentimento de perfeita auto-abnegação e a convicção de que nada que acontece é contra nós. Então, a alma amorosa está apta a dizer, se a dor vier: "Bem-vinda sejas, dor!" Se a angústia vier, ela dirá: "bem-vinda sejas, angústia! Também tu vens do Bem-Amado!- Se a serpente vier, dirá: "Bem-vinda sejas, serpente!" . Se a morte vier, recebela-á o bhakta com um sorriso: "Abençoado sou eu porque todos vêm a mim; todos são bem-vindos -. Nesse estado de perfeita resignação nascido do intenso amor por Deus e por tudo que é Seu, o bhakta cessa de distinguir entre o prazer e a dor, no que lhe afetam. Não sabe o que é queixar-se de dor ou de angústia, e essa espécie de resignação sem queixas diante da vontade de Deus, que é todo amor, vem a ser, realmente, uma aquisição mais valiosa do que toda a glória das grandes e heróicas realizações.

Para a imensa maioria da humanidade, o corpo é tudo, é todo o universo, e os prazeres corporais são o máximos. Podemos todos lidar por manter nossos corpos mais ou menos satisfatoriamente corpos, e durante períodos de tempo maiores ou menores. Apesar disso, nossos corpos têm que desaparecer: não são permanentes. Abençoados são aqueles cujos corpos são destruídos a serviço de outros. "Riqueza, e mesmo a própria vida, o sábio sempre as mantém para serviço de outros. Neste mundo há apenas uma coisa certa, que é a morte, e é muito melhor que o corpo morra por uma boa 'causa do que por uma causa má." Podemos arrastar nossa vida por cinquenta ou cem anos, mais, depois, disso, o que acontece? Tudo quanto é resultado de combinação deve dissolver--se e morrer. Deverá chegar uma época em que ocorrerá a sua decomposição, Jesus, Buda, Maomé, estão todos mortos. Todos os grandes profetas e instrutores do mundo estão mortos. "Neste mundo evanescente, onde tudo está caindo em pedaços, temos que fazer o mais elevado uso do tempo de que dispomos" - diz o bhakta. E, realmente, o mais elevado uso da vida é mantê-la a serviço de todos os seres.

É a horrível idéia do corpo o que nutre todo o egoísmo do mundo - apenas essa ilusão de que somos inteiramente o corpo que possuímos, e que devemos fazer o possível por preservá-lo e satisfaze-lo. Se souberdes que sois positivamente outra coisa que não o vosso corpo, nada tereis contra o que lutar, nada tereis para combater. Estareis mortos para toda a idéia de egoísmo. Assim o bhakta declara que nos devemos manter como se já estivéssemos mortos para todas as coisas do mundo, e que isso é realmente, a auto-abnegação. Que as coisas venham como puderem. Este é o significado da expressão: "Faça-se a Tua vontade". Neste estado de sublime resignação tudo quanto tenha a forma de apego desaparece completamente, exceto esse onívoros amor por Aquele no qual todas as coisas vivem e se movem, e tem o seu ser. Esse apego do amor de Deus, é, com efeito, um apego alma; antes rompe, efetivamente, todos os que não encadeia a grilhões.

## Quarta parte

Apanha-se objeto após objeto, e o ideal interior é sucessivamente projetado neles todos. E nota-se que todos esses objetos externos são inadequados como expoentes do ideal interior sempre em expansão, e, são, naturalmente, rejeitados, um após o outro. Por fim, o aspirante começa a refletir que é inútil a tentativa de colocar o ideal em objetos externos, pois estes nada são, comparados com o próprio ideal. E, com o decorrer do tempo, adquire o poder de realizar o mais alto o mais generalizado ideal abstrato, inteiramente como uma abstração, que, para ele, é bastante viva e real.

Podemos representar o amor como um triângulo, em que cada ângulo corresponde a uma de suas características inseparáveis. Não pode haver triângulo sem os três ângulos, e não pode haver amor verdadeiro sem as três seguintes características:

O primeiro ângulo do nosso triângulo do amor é o fato do amor não conhecer transações. Sempre que se procura algo em retribuição, não pode haver amor real. Ele torna-se uma questão de venda-e-compra. Enquanto houver em nós qualquer idéia de obter tal ou qual favor de Deus em retribuição de nosso respeito e fidelidade a Ele, não haverá verdadeiro amor florescendo em nosso coração. Os que adoram Deus porque desejam que Ele lhes prodigalize favores, com certeza não O adorarão se tais favores não forem outorgados. O bhakta ama o Senhor porque Ele é adorável. Não há outro motivo originando ou dirigindo a divina emoção do verdadeiro devoto.

Ouvimos dizer que um grande rei foi certa vez a uma floresta e ali encontrou um sábio. Conversou um pouco com ele e ficou muito satisfeito com a sua pureza e sabedoria. Desejou então que o sábio aceitasse dele um presente, o que o outro recusou, dizendo: "Os frutos da floresta são alimento bastante para mim. As puras correntes de água que fluem da montanha dão-me bastante de beber. As cascas das árvores fornecem-me cobertas, e as grutas da montanha formam o meu lar. Por que receberia eu presentes de vós ou de quem quer que seja?"

O rei falou: "Apenas para me ser agradável, senhor, recebei, por favor, algo de minhas mãos, e por favor, vinde comigo à cidade, ao meu palácio".

Depois de muita insistência, o sábio consentiu, por fim, em fazer o que o rei desejava, e acampanhou-o até o palácio.

Antes de oferecer o presente ao sábio, o rei fez suas orações nestes termos: "Senhor, dai-me mais filhos. Senhor, dai-me mais riqueza. Senhor, dai-me mais território. Senhor, mantende meu corpo em melhor saúde. . . " E assim por diante.

Antes que o rei terminasse de fazer sua oração, o sábio se havia levantado e saído caladamente do aposento. Vendo aquilo, o rei ficou perplexo e começou a segui-lo, exclamando: "Senhor, estais indo embora! Não recebestes ainda os meus presentes!"

O sábio voltou-se para ele e disse: "Não mendigo de mendigos. Nada mais sois do que um mendigo. Assim, como podeis me dar alguma coisa? Não sou tolo para pensar em tomar seja o que for de um mendigo como vós. Ide daqui, Não me sigais".

Fica bem estabelecida a distinção entre simples mendigos e reais amantes de Deus. Mendicância não é linguagem de amor.

Cultuar Deus, mesmo por amor da salvação ou de outra recompensa, é igualmente uma degeneração. O amor não conhece recompensa. O amor é sempre por amor do amor. O bhakta ama porque não pode deixar de amar. Quando vedes uma bela paisagem e vos apaixonais por ela, não pedis que essa paisagem vos faça um favor, nem a paisagem exige algo de vós. Ainda assim, aquela visão vos dá um estado beatífico da mente, acalma toda a fricção de vossa alma, faz-vos calmos, quase vos eleva, na ocasião, acima de vossa natureza mortal, colocando-vos na condição de um êxtase bastante divino. Essa natureza do verdadeiro amor é o primeiro ângulo do nosso triângulo. Não peçais coisa alguma em troca de vosso amor. Que vossa posição seja sempre a do dador. Dai vosso amor a Deus, mas nem a Ele peçais nada em retribuição.

O segundo ângulo do nosso triângulo de amor é que o amor não conhece medo. Os que amam a Deus através do medo, são os seres humanos de tipo mais ínfimo, muito pouco desenvolvidos como homens. Cultuam Deus porque têm medo de castigos; para eles Deus é um grande ser, com um chicote numa das mãos e um cetro na outra. Se não O obedecerem, receiam ser chicoteados. É uma degradação cultuar Deus através do medo do castigo. Tal culto, se culto se pode chamar, é a mais rude forma de culto através do amor. Enquanto houver qualquer medo em vosso coração, como pode haver ali amor, também? O amor vence o medo, naturalmente. Pensai numa jovem mãe que vai pela rua, e um cão lhe late. Tem medo e corre para a casa mais próxima. Suponde, porém, que no dia seguinte ela está na rua com seu filho, e um leão salta sobre ele. Qual será agora a atitude daquela mãe? Por certo na própria boca do leão, protegendo seu filho.

O amor vence todo o medo. O medo provém da idéia egoísta de nos separarmos do universo. Quanto menor e mais egoísta eu me faço, maior é o meu medo. Se um homem pensa que ele é um pequenino nada, o medo virá seguramente sobre ele. E quanto menos pensardes em vós como uma insignificante pessoa, menos medo tereis. Enquanto houver o menor lampejo de medo em vós, não podereis ter amor. Amor e medo são incompatíveis. Deus nunca é temido por aqueles que O amam. O mandamento: "Não tomes o nome do Senhor em vão", faz rir o verdadeiro amante de Deus. Como pode haver qualquer blasfêmia na religião do amor? Quanto mais tomardes o nome do Senhor, tanto melhor para vós, qualquer que seja o modo como o façais. Apenas repetis Seu nome porque O mais.

O terceiro ângulo do triângulo do amor é que o amor não tem rival, pois sempre corporifica o mais alto ideal do amante. O verdadeiro amor jamais nos chega enquanto o objeto do nosso amor não se tornar o nosso mais alto ideal. Pode ser que em muitos casos o amor humano seja mal dirigido e mal colocado, mas para a pessoa que ama, a coisa que ama é sempre seu mais alto ideal. É possível que uns vejam esse ideal no mais vil dos seres, e outros no mais elevado dos setes. Contudo, em cada caso é o ideal, apenas, que pode ser verdadeira e intensamente amado. O supremo ideal de cada homem se chama Deus. Ignorante ou sábio, santo ou pecador, homem ou mulher, educado ou não, culto ou ignorante - para cada ser humano o ideal supremo é Deus. A síntese de todos os mais elevados ideais de beleza, de sublimidade, e de poder nos dá a mais completa concepção do amoroso e amável Deus.

Esses ideais existem, naturalmente, sob essa ou aquela forma, em todas as mentes: formam uma parte de todas as mentes. Todas as manifestações ativas da natureza humana são lutas para que esses ideais sejam concretizados na vida prática. Todos os vários movimentos que vemos em torno de nós, na sociedade, são causados pelos vários ideais em várias almas, tentando manifestar-se e concretizar-se. O que está no interior pressiona para se exteriorizar. Essa influência perenemente dominante do ideal é a única energia, a única força motriz que se pode ver atuando constantemente no meio da humanidade. Pode ser que depois de centenas de nascimentos e de lutas através de milhares de anos, um homem verifique ser inútil tentar fazer com que o ideal interior modele completamente as condições externas, e a elas se ajuste. Depois de compreender isto, ele não mais tenta projetar seu ideal no mundo exterior, mas cultua o ideal como ideal em si, do mais alto ponto de vista do amor.

Este ideal abstratamente perfeito compreende todos os ideais menores. Todos admitem como verdadeiro o ditado: "O amoroso vê a beleza de Helena no rosto de uma etíope". O homem que está de lado, como observador, vê que o amor está aqui mal colocado; mas, não obstante, o amoroso vê a sua Helena, e de maneira alguma a etíope. Helena ou etíope, os objetos do nosso amor são os centros em torno dos quais nossos ideais se cristalizam. Que cultua o mundo, habitualmente? Não, por certo, o onivoltante e perfeito ideal do supremo devoto e amante. O ideal que homens e mulheres cultuam habitualmente é o que está neles próprios. Cada qual projeta seu próprio ideal no mundo exterior, e ajoelha-se diante dele. Eis porque notamos que os homens que são cruéis e sedentos de sangue concebem um Deus sedento de sangue; é que só podem amar seus próprios ideais mais elevados. Eis por que os homens bons têm uma idéia muito alta de Deus, e seus ideais, são, realmente, muitíssimo diferentes dos ideais dos outros.

Qual é o ideal do amante que superou a idéia de egoísmo, de permuta, de transação, e que não conhece o medo? Mesmo ao grande Deus tal homem dirá: "Mar-Te-ei tudo o que é meu e nada quero de Ti. Realmente, nada há que eu possa chamar meu". Quanto um homem adquire tal convicção, seu ideal se torna um ideal de perfeito amor, de perfeita intrepidez, nascida do amor. O ideal mais elevado de uma pessoa assim não está envolto em nenhuma estreiteza da particularidade; é amor universal, amor sem limites ou entraves, o próprio amor, o amor absoluto. Esse grande ideal da religião do amor é cultuado e amado absolutamente como tal, sem ajuda de quaisquer símbolos ou sugestões. Esta é a forma mais elevada da suprema Bhakti, a que cultua como ideal o ideal onibancante; todas as demais formas de Bhakti são apenas etapas intermediárias para atingi-la.

Todos os nossos insucessos e todos os nossos êxitos quando seguimos a religião do amor, estão no caminho para a realização desse ideal único. Objeto após objeto é tomado, e o ideal interior é sucessivamente projetado neles todos; e todos esses objetos externos provam serem inadequados como expoentes do ideal interior sempre em expansão, e são naturalmente rejeitados, um após outro. Por fim, o aspirante começa a pensar que é inútil a tentativa de colocar o ideal em objetos externos, pois tais objetos nada são comparados ao ideal em si. E, com o correr do tempo, adquire o poder de realizar o mais alto e mais generalizado ideal abstrato inteiramente como uma abstração,\* que, para ele, é bastante viva e real.

Quando o devoto atingiu tal ponto, não mais se vê impelido a indagar se Deus pode ou não ser demonstrado, se é onipotente e onisciente ou não. Para ele, trata-se apenas do Deus do amor. Ele é o mais alto ideal de amor, e isso é suficiente para todos os seus propósitos. Ele, como amor, é autoevidente, não requer provas para demonstrar ao amoroso a existência do amado. Os Deuses-magistrados das outras formas de religião podem exigir muitas provas para evidenciá-los, mas o bhakta não pensa e não pode jamais pensar em tais Deuses. Para ele, Deus existe inteiramente como amor.

Há quem diga que o egoísmo é a única força motriz por trás das atividades humanas. Isso também é amor, inferiorizado por ser particularizado. Quando penso em mim mesmo como compreendendo o Universal, não pode haver, seguramente, egoísmo em mim, mas quando, erroneamente, penso que sou algo pequeno, meu amor se torna particularizado e estreito. O erro consiste em estreitar e restringir a esfera do amor. Todas as coisas no universo são de origem divina e merecem ser amadas. É preciso, contudo, conservar em mente que o amor do todo inclui o amor das partes.

Este todo é o Deus dos bhaktas, e todos os outros Deuses, Pais do Céu, Governantes, ou Criadores, e todas as teorias e doutrinas e livros, não têm para eles nenhum propósito nem significação, já que, através do seu amor e devoção supremos, eles se ergueram inteiramente acima dessas coisas. Quando o coração é purificado, limpo, e cheio até as bordas com o néctar divino do amor, todas as idéias de Deus se tornam simplesmente pueris e são rejeitadas como inadequadas e sem Valor. Tal é, com efeito, o poder do amor supremo. O perfeito bhakta não mais vai ver Deus nos templos e igrejas; sabe que não há lugar onde não O encontre. Encontra-O tanto fora como dentro do templo. Encontra-o tanto na perversidade dos perversos como na santidade dos santos, porque já O instalou em glória em seu próprio coração, como a única, poderosa, inextinguível luz do amor que está sempre refulgindo e eternamente presente.

É impossível expressar em linguagem humana a natureza desse ideal supremo e absoluto. Mesmo o mais alto vôo da humana imaginação é incapaz de compreender isso em toda a sua infinita perfeição e beleza. Contudo, os seguidores da religião do amor em sua forma mais alta como na mais baixa, em todos os países, têm precisado usar a humana linguagem para compreender e definir seu próprio ideal de amor. Ainda mais: o próprio amor humano, em todas as suas variadas formas, foi feito para simbolizar esse amor divino inexprimível. Os homens só podem pensar nas coisas divinas à sua maneira humana: para nós, o Absoluto pode ser expresso apenas em nossa linguagem relativa. Todo o universo é, para nós, uma composição do Infinito escrita na linguagem do finito. Portanto,, na relação de Deus e Seu culto através do amor, os bhaktas usam todos os termos comuns associados com o amor comum da humanidade.

Alguns dos grandes escritores da Bhaki suprema tentaram compreender e experimentar esse divino amor de muitas maneiras. A forma mais baixa na qual esse amor é apreendido, está no que chamam o pacífico - o shanta. Quando um homem cultua Deus sem o fogo do amor dentro de si, sem sua loucura em seu cérebro; quando o amor é apenas calmo, banal, um pouco mais alto do que as meras formas, cerimônias e símbolos, mas de forma alguma caracterizado pela loucura do amor intensamente ativo, é chamado shanta. Vemos pessoas no mundo que gostam de mover-se lentamente, e outras que vão e vêm como turbilhões. O shanta-Máta é calmo, pacífico, delicado.

O tipo seguinte, mais alto, é o do dasya, serventia. Vem quando um homem pensa ser o servo do Senhor. O apego do servo fiel ao mestre é o seu ideal.

O tipo seguinte de amor é sakhya, amizade. "És nosso amigo querido." Tal como um homem abre seu coração ao seu amigo e sabe que o amigo jamais o irá censurar por suas faltas, mas sempre procurará ajudá-lo, tal como existe a idéia de igualdade entre ele e seu amigo - amor igual flui e reflui entre o adorador e seu amistoso Deus. Assim, Deus se torna nosso amigo, o amigo que está próximo, o amigo ao qual podemos contar francamente todas as histórias de nossa vida. Os mais recônditos segredos de nossos corações lhe podem ser expostos, com a grande certeza de segurança e apoio. Ele é o amigo que o devoto aceita como igual. Deus é aqui visto como que nosso companheiro de folguedos.

Podemos bem dizer que estamos todos brincando neste universo. Tal como as crianças fazem seus jogos, tal como os mais gloriosos reis e imperados fazem seus próprios jogos, assim o próprio bem amado Senhor se recreia com este universo. Ele é perfeito. Nada deseja. Por que criaria? A atividade, para nós, está sempre em função da realização de certo desejo, e o desejo sempre pressupõe imperfeição. Deus é perfeito. Não tem desejos. Por que continuaria Ele com este trabalho de uma criação sempre ativa? Que propósito tem em vista? As histórias que falam de Deus criando o mundo, com uma ou outra finalidade que imaginamos, são boas apenas como histórias, e nada mais. Tudo são realmente folguedos; o universo é o jogo contínuo de Deus. O universo todo deve ser, afinal, um grande e agradável motivo de divertimento para Ele. Se sois pobres, gozai essa pobreza como divertimento. Se sois ricos, gozai o divertimento de serdes ricos. Se vem o perigo, também é divertimento, e se vem a felicidade, há nela mais e melhor divertimento. O mundo não passa de um parque de diversões, e estamos tendo bom divertimento, estamos gozando de um jogo. E Deus está jogando conosco, todo o tempo. E estamos jogando com Ele. Deus é o nosso eterno companheiro de folguedos. Como Ele é belo jogando! O jogo termina quando um ciclo chega ao fim. Há repouso por um período de tempo menor ou maior, e de novo tudo se manifesta e torna a jogar.

Só quando vos esqueceis de que tudo não passa de jogo e de que também estais auxiliando o jogo, é que a angústia surge, com os desgostos. Então o coração se torna pesado, então o mundo faz carga sobre vós com tremendo poder. Mas, assim que abandonais vossa crença séria na realidade dos incidentes mutáveis dos três minutos da vida, e sabeis que ela não passa de um estágio no qual estamo-nos divertindo, ajudando-O a divertir-se, imediatamente toda a angústia cessa para vós. Ele se diverte em cada átomo. Está-se divertindo quando constrói terras, e sóis, e luas. Está-se divertindo com o coração humano, com os animais, com as plantas. Somos Suas peças de xadrez, que Ele coloca sobre o tabuleiro, sacudindo-as. Arranja-nos primeiro de uma forma, depois de outra, e estamos, consciente ou inconscientemente, ajudando-O em seu jogo. E, 6 bem-aventurança! somos seus parceiros de folguedos!

A seguir vem o que é conhecido como vatsalya, amar a Deus não como nosso pai mas como nosso filho. Isto pode parecer estranho, mas é uma disciplina que nos capacita a afastar toda idéia de poder em relação ao conceito de Deus. A idéia de poder traz consigo repetoso temor. Não deve haver receio no amor. As idéias de obediência e reverência são necessárias para a formação do caráter, mas quando o caráter está formado, quando o amoroso deu provas do amor calmo e pacífico, e deu provas também de um pouco da intensa loucura do amor, já não há necessidade de lhe falar mais sobre ética e disciplina. Conceber Deus como poderoso, majestoso e glorioso, como Senhor do universo, ou como Deus dos Deuses - é coisa que não preocupa o amoroso.

Para evitar a associação com Deus da sensação de poder que gera o medo, é que ele O adora como seu próprio filho. A mãe e o pai não sentem receoso temor em relação ao filho. Não podem ter reverência alguma pela criança. Não podemos pensar em pedir-lhe qualquer favor. A posição da criança é sempre a de quem recebe, e por amor ao filho os pais dariam centenas de vezes seu próprio corpo. Milhares de vidas sacrificariam por esse seu filho. Portanto, Deus é amado como um filho.

A idéia de amar a Deus como filho surge e cresce naturalmente entre as seitas religiosas que acreditam na encarnação de Deus. Para os maometanos é impossível nutrir a idéia de Deus como filho; recusariam de horror diante dela. Mas os cristãos e os hindus podem compreendê-la facilmente, porque têm o Menino Jesus e o Menino Krishna. As mulheres da Índia se vêem com freqüência na qualidade de mães de Krishna. As mães cristãs também podem adotar a idéia de que são mães de Cristo, e essa idéia levará ao Ocidente o conhecimento da divina maternidade de Deus, de que o ocidental tanto necessita. Superstições, respeitoso temor, reverência em relação a Deus, são sentimentos profundamente arraigados no âmago de nosso coração, e por isso levamos longos anos para mergulhar inteiramente em amor nossas idéias de reverência e veneração, de respeitoso temor, majestade e glória, com referência ao Senhor.

Há mais uma representação humana do divino ideal do amor. É conhecida como madhura, a relação entre enamorados, que é a mais alta de tal representação. Está baseada, realmente, na mais alta manifestação de amor deste mundo, e esse amor é também o mais forte que o homem conhece. Que amor sacode toda a natureza do homem, que amor percorre todos os átomos de seu ser, enlouquece-o, fá-lo esquecer sua própria natureza, transforma-o, torna-o um deus ou um demônio, como o amor entre homem e mulher? Nessa doce representação do amor divino, Deus é nosso esposo. Todos somos mulheres, não há homens neste mundo. Há apenas um Homem, e é Ele, nosso Bem-amado. Todo o amor que um homem dá à mulher, ou a mulher ao homem, aqui está, para ser dado ao Senhor.

Todas as diferentes espécies de amor que vemos neste mundo, e com as quais estamos mais ou menos meramente brincando, têm Deus como finalidade única. Mas, infelizmente, o homem não conhece o oceano infinito para o qual esse poderoso rio de amor está constantemente fluindo, e assim, loucamente, muitas vezes procura dirigi-lo para bonequinhos de seres humanos. O tremendo amor pelo filho, que está na natureza humana, não é pelo bonequinho que é o filho. Se o aplicardes exclusiva e cegamente no filho, sofrereis as conseqüências. Mas através desse sofrimento virá o despertar mediante o qual descobrirei seguramente que se o amor que está em vós é dado a qualquer ser humano, mais cedo ou mais tarde trará dor e desgosto como resultado.

Portanto, vosso amor deve ser dado ao Supremo, que nunca morre nem se altera, e é o oceano em cujo amor não há fluxo nem refluxo. O amor deve ir para seu destino certo, deve ir para Ele, que é, realmente, o infinito oceano de amor. Todos os rios fluem para o oceano. Mesmo a gota de água que desce do flanco da montanha não pode cessar sua caminhada quando alcança um regato ou um rio, por muito grande que seja. Por fim, mesmo essa gota encontrará de alguma forma seu caminho para o oceano.

Deus é a meta de todas as nossas paixões e emoções. Se quereis encolerizar-vos, encolerizai-vos com Ele. Censurai vosso Bem-amado, censurai vosso amigo. Quem mais podereis censurar com segurança? Nenhum homem mortal suportaria pacientemente vossa cólera, e haveria uma reação. Se vos encolerizais contra mim, estou certo de que reagirei rapidamente, porque não posso suportar com paciência a vossa cólera. Dizei ao Bem-amado: "Por que não vindes a mim? Por que me deixais assim sozinho?" Onde há prazer, a não ser n'Ele? Que prazer pode haver nos pequenos torrões de terra? Devemos procurar a essência cristalizada do infinito prazer, que é Deus. Que nossas paixões e emoções subam até Ele. Foram feitas para Ele, porque, se falharem no ir de encontro ao seu destino e se dirigirem para baixo, tomam-se vis. Quando vão direito para o seu destino, para o Senhor, mesmo a mais baixa delas se transfigura. Todas as energias do corpo e da mente, como quer que se expressem, têm o Senhor como seu destino único. Todos os amores e todas as paixões do coração humano devem dirigir-se para Deus. Ele é o Bem-amado. A quem mais este coração pode amar? Ele é o mais belo, o mais sublime. Ele é a própria beleza, a própria sublimidade. Quem, neste universo, é mais belo que Ele? Quem neste universo é mais adequado que Ele para ser o esposo? Quem no universo é mais adequado que Ele para ser querido? Portanto, seja Ele o esposo, seja Ele o Bem-amado.

Sim, o verdadeiro amante espiritual não descansa mesmo ali; mesmo o amor de esposo e esposa não é bastante alucinante para ele. Aos bhaktas não repugna também a idéia do amor ilegítimo, por ser tão forte. A sua impiedade é coisa de que não cogitam. A natureza do amor é tal que quanto mais obstruções houver ao seu livre jogo, mais apaixonante se torna. O amor entre marido e mulher é suave, sem obstruções. Assim, os bhaktas tipificam a moça que ama seu próprio bem-amado, e sua mãe e pai, ou esposo, fazem objeções a tal amor, e quanto mais alguém obste o curso de seu amor, tanto mais ele tende a intensificar-se. A linguagem humana não pode descrever quanto Krishna, nos bosques de Brindaban, foi loucamente amado; quanto, ao som de sua voz, as sempre abençoadas gopis<sup>21</sup> corriam ao seu encontro, esquecendo tudo, este mundo e seus entraves, seus deveres, suas alegrias e suas dores.

Homem, 6 homem! Falais de amor divino e ao mesmo tempo sois capaz de atender a todas as vaidades deste mundo. Sois sincero? "Onde Rama está, não há lugar para desejo algum. Onde o desejo está, não há lugar para Rama! Tais coisas jamais coexistem. Como a luz e as trevas, nunca estão juntas."

## Quinta parte

Só esta bendida loucura de amor divino pode curar para sempre a doença do mundo que está em nós.

- Quando se atinge o mais alto ideal de amor, a filosofia é expulsa. Quem se importará com ela? Liberdade, salvação, nirvana - tudo é expulso. Quem se importa de tornar-se livre enquanto no gozo do amor divino? "Senhor, eu não desejo riquezas, nem amigos, nem beleza, nem conhecimentos, nem mesmo liberdade. Fazei-me nascer muitas e muitas vezes, e sê sempre o meu amor. Sê sempre o meu amor.- "Quem quer tornar-se açúcar?" - diz o bhakta. "Desejo provar o açúcar." Quem, pois, desejará tornar-se livre o uno com Deus? -Possosaber que sou Ele, e contudo d'Ele me afastarei e me tornarei diferente, afim de poder gozar do Bem-amado." Isso é o que diz o bhakta. Amar por causa do amor é o seu maior deleite. Quem não se deixaria prender, de pés e mãos, mil vezes, para se deleitar no Bem-amado?

---

<sup>21</sup> Na mitologia hinduísta são as pastoras, companheiras de folguedos de Krishna, entre as quais se encontrava sua esposa Radha.

Ao bhakta nada interessa, exceto amar e ser amado. Seu amor extraterreno é como a maré subindo o rio. Esse amante sobe o rio, contra a correnteza. O mundo chama-o de louco. Conheço um que o mundo costumava chamar de louco, e esta era a sua resposta: Meus amigos, o mundo inteiro é um hospício. Uns são loucos pelo amor mundano, e outros pelo nome, uns pela fama, e outros por dinheiro, uns pela salvação, e outros para ir ao céu. Nesse grande hospício, também eu sou louco; sou louco por Deus. Se sois loucos por dinheiro, eu sou louco por Deus. Sois loucos; eu sou louco. E penso ser a minha loucura, afinal, a melhor". O amor do verdadeiro bhakta é esta ardente loucura, ante a qual tudo o mais se lhe desvanece. Todo o universo está, para ele, cheio de amor, e de amor apenas. Assim parece ao amante. Portanto, quando um homem tem esse amor em si, torna-se bem-aventurado para sempre, eternamente feliz. Só essa bendita loucura de amor divino pode curar para sempre a doença do mundo que existe em nós. Com o desejo, desvaneceu-se o egoísmo. Ele se aproximou de Deus, e expulsou todos os vãos desejos de que antes estava repleto.

Todos temos de começar como dualistas na religião do amor. Deus é, para nós, um ser separado, e nos sentimos também como seres separados. Então o amor intervém, e o homem começa a aproximar-se de Deus. Deus também começa a estar mais perto do homem. O homem experimenta todas as relações da vida - como pai, como mãe, como filho, como amigo, como senhor, como amante - e projeta-as em seu ideal de amor, em seu Deus. Para ele Deus existe sob aquelas manifestações. E o ápice do progresso é atingido quando ele sente que se tornou absolutamente imerso no objeto do seu culto.

Todos começamos com o amor por nós mesmos, e as solicitações incorretas do eu inferior tornam egoísta o próprio amor. Por fim, entretanto, vem o fulgor integral da luz, na qual se vê este eu inferior unificar-se com o Infinito. O homem se transfigura na presença desta luz de amor, e compreende, finalmente, a bela e inspiradora verdade de que o amor, o amante, e o amado são um só.